

 HARLEQUIN®

Sabrina®

MINISSÉRIE



TRÊS IRMÃS

DONOS DO DESEJO

LYNNE GRAHAM



Sabrina®

Lynne Graham

Donos do desejo



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid
"MEB"

© 2017 Lynne Graham
© 2019 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Donos do desejo, n.º 86 - fevereiro 2019
Título original: The Italian's One-Night Baby
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-87-1307-645-4

Conversão ebook: MT Cor & Desenho, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Gio Benedetti cerrou os dentes com todas as suas forças e conteve um palavrão enquanto o seu padrinho comentava alegremente os planos que tinha para receber a sua convidada inesperada. Beppe Sorrentino era um homem ingênuo e generoso que não suspeitava da sua convidada, que se convidara sozinha e podia ter alguma intenção oculta. Felizmente, tinha um afilhado que estava disposto a protegê-lo de qualquer pessoa que tentasse aproveitar-se dele.

Gio, o multimilionário que saíra vitorioso em mil batalhas do mundo empresarial e que não se sentia impressionado pelas mulheres, sabia que tinha de ser discreto, porque Ellie Dixon tinha amigos poderosos e, sobretudo, era irmã de Polly, a rainha de Dharia, um país que nadava na abundância do petróleo. Pior ainda, Ellie era impressionante, pelo menos, em teoria. Ele sabia melhor do que ninguém, porque a conhecera no casamento do seu amigo Rashad com Polly, a irmã de Ellie. Era uma médica bonita, inteligente e muito trabalhadora. Porém, a santidade de Ellie caía a pique se se examinasse o seu passado com atenção. Ele sabia que, no melhor dos casos, era uma ladra e uma caçadora de fortunas e que, no pior, poderia ser uma dessas médicas que se tornavam... amigas dos idosos para mudarem os seus testamentos a favor delas.

Tinham aberto um relatório disciplinar a Ellie depois de uma paciente idosa ter falecido, doando-lhe todos os seus bens materiais. O sobrinho da idosa, como seria de esperar, queixara-se. Porém, já houvera indícios de que Ellie podia ter uma avidez desmedida pelo dinheiro. O relatório do investigador tinha uma secção sobre o alfinete de diamantes da avó. Esse alfinete, muito valioso, devia ter sido para o tio de Ellie, mas ela ficara com ele por algum motivo e causara um conflito familiar muito grande.

Efetivamente, Ellie Dixon não era clara, tal como essa carta surpreendente que escrevera ao seu padrinho Beppe em que lhe pedia para o visitar porque, aparentemente, conhecera a falecida mãe dela.

Naturalmente, também era possível que ele, Gio, fosse o verdadeiro objetivo da doutora Ellie, pensou, com uma certa satisfação retorcida com a ideia. Era possível que ela se tivesse apercebido, no casamento, como era rico e que, ao descobrir onde vivia, tivesse aproveitado essa relação para visitar Beppe, o seu padrinho. Ao fim e ao cabo, as mulheres tinham chegado a extremos inconcebíveis para tentar caçá-lo, mas ele era escorregadio como uma enguia quando se tratava de evitar o compromisso.

Preferia não pensar no que acontecera com Ellie durante o casamento de Rashad porque não gostava de reconstruir situações desagradáveis. Ia para a cama com as mulheres e esquecia-as. Nunca tinha relações sérias ou a longo prazo. Porque haveria de o fazer? Tinha trinta anos, era imensamente rico e bonito e, se quisesse, poderia ter ido para a cama com uma mulher diferente todas as noites do ano sem o mínimo esforço. Por isso, se era o objetivo da doutora Ellie, ia ter uma desilusão enorme. Além disso, lembrava-se de que era uma bruxa com um toque violento.

– Estás muito calado, Gio – comentou Beppe. – Não aprovas a visita da filha da Annabel, pois não?

– Porque pensas isso? – perguntou Gio, para não responder e surpreendido por o idoso se ter apercebido do seu receio.

Beppe limitou-se a sorrir. Era um homem baixo, grisalho e bastante... arredondado. Estava sentado na sua poltrona favorita e parecia um gnomo brincalhão. Os olhos pretos e perspicazes de Gio suavizavam-se assim que viam Beppe Sorrentino porque, para ele, era tão querido como um pai poderia ter sido.

– Vi que fazias uma careta de tristeza quando disse que me dececionava que não ficasse em minha casa como convidada. É uma jovem muito franca e disse-me que não se sentiria confortável porque não me conhece e que preferia alojar-se no hotel.

– Também não seria confortável para ti tê-la aqui. Não estás habituado a receber convidados –recordou-lhe Gio.

Beppe estava viúvo há quase vinte anos e não tinha filhos. Tinha uma vida muito aprazível no *palazzo* familiar nos subúrbios de Florença.

– Eu sei, mas aborreço-me – reconheceu Beppe, com certa brusquidão. – Aborreço-me e sinto-me sozinho. Não olhes assim para mim, Gio. Visitas-me muitas vezes, mas a visita da Ellie será estimulante, será uma cara nova, uma companhia diferente.

– *Dio mio...* – sussurrou Gio, pensativamente. – Porque resistes tanto em falar-me da mãe da Ellie e, pelo contrário, te emociona tanto que a sua

filha venha?

Toda expressão se apagou do rosto de Beppe e os seus olhos escuros deixaram de olhar para o afilhado.

– É algo de que não posso falar contigo, Gio, mas, por favor, não o interpretes mal.

Gio voltou a cerrar os dentes. Até chegara a pensar que Ellie poderia querer tentar chantagear o seu padrinho com algum segredo perturbador, mas nem sequer o otimista Beppe estaria tão contente por receber uma chantagista. Mais ainda, nem sequer imaginava Beppe a ter algum segredo perturbador, porque era o homem mais aberto e transparente que conhecera, embora tivesse sofrido desditas e perdas na sua vida privada. Amalia, a sua esposa encantadora, tivera um filho morto e, depois, um derrame cerebral. A partir de então, e até ao seu falecimento, a esposa de Beppe tivera uma saúde muito precária e ficara confinada a uma cadeira de rodas. Beppe, no entanto, mantivera-se incondicionalmente entregue à sua querida Amalia e, embora já tivesse quase sessenta anos, nunca sentira o mais mínimo desejo de conhecer outra mulher.

Gio, pelo contrário, nunca confiara noutro ser humano. Era receoso e complexo por natureza. Tinham-no abandonado numa lixeira ao nascer, era filho de uma mãe viciada em heroína e de um pai desconhecido e passara a infância num orfanato, até Amalia Sorrentino se interessar por ele. Graças a Amalia, conhecera o marido, o benfeitor. Sabia muito bem que devia tudo àquele homem que estava sentado junto da lareira. Foi o primeiro que percebera como era inteligente. Faria tudo para proteger Beppe de qualquer possível ameaça e estava completamente convencido de que Ellie Dixon era uma ameaça.

Uma tentadora diabólica? Uma bruxa caçadora fortunas? Uma ladra? Uma farsante incrível com os idosos? Durante o casamento de Rashad, agradara à risonha e divertida Ellie e enfurecera-a. Não se esquecera do que fora aquilo e ainda se lembrava dos insultos. Fora um órfão anónimo durante muitos anos e tinham-no maltratado e desprezado como alguém insignificante. Ellie Dixon rebaixara-o tão contundentemente como a freira mais aterradora do orfanato, a irmã Teresa, que fizera o possível para conter o seu carácter tempestuoso e vingativo.

Não, ele não perdoava nem esquecia. Ainda sonhava de vez em quando com Ellie a dar voltas na pista de dança com o seu vestido verde vaporoso e o seu cabelo ruivo maravilhoso. Conseguia recordar o que sentira e ardia-lhe como sal numa ferida aberta. Naquela noite, sentira que morreria

se não a... possuísse. Fora o desejo multiplicado pelo vinho e o entusiasmo de um casamento, pensou, com os dentes cerrados, para lhe tirar importância. Nesse momento, só tinha de se sentar e esperar que a luz implacável do dia iluminasse o caráter de Ellie...

Seria a sedutora, a médica escrupulosa, a erudita inteligente ou a turista simpática? Além disso, quanto tempo demoraria a descobrir o que ela queria?

Fosse o que fosse, sabia que queria alguma coisa...

Ellie olhou para o monte de roupa, espantada.

– Sim, já chegou o teu presente – confirmou à irmã Polly, segurando o telefone com o ombro. – Pode saber-se em que estavas a pensar?

– Sei que não vais às compras e fi-lo por ti – respondeu Polly, num tom jovial. – Precisas de um guarda-roupa para ir à Itália e tenho a certeza de que não tiveste tempo para comprar nada. Engano-me?

Polly tinha razão, mas Ellie pegou num vestido de alças branco com a etiqueta de uma marca muito exclusiva e ficou espantada com a generosidade da irmã. Melhor dizendo, pela generosidade infinita e avassaladora da irmã.

– Bom, sou mais de calças de ganga e *t-shirt* – recordou à irmã. – Acho que a última vez que usei um vestido de alças foi quando fui visitar-te. Sabes que te agradeço imenso, Polly, mas gostaria que não gastasses tanto dinheiro comigo. Já sou médica e não vivo na miséria...

– Sou a tua irmã mais velha e adoro comprar coisas – interrompeu-a Polly, sem admitir discussões. – Vamos, Ellie, não sejas assim. Nunca nos deram muitos presentes nem nos mimaram quando éramos pequenas e quero partilhar a minha sorte contigo. É só dinheiro. Não deixes que as coisas mudem entre nós.

Porém, Ellie conteve um suspiro e pensou que as coisas estavam a mudar entre elas. Ela era a irmã mais nova das duas, mas também fora a líder e sentia a falta dessa cumplicidade, como sentia a falta da irmã, que vivia em Dharia, a meio mundo de distância. Polly já não lhe pedia conselhos, já não precisava dela como antes. Polly já tinha Rashad e um filhinho maravilhoso. Além disso, se não se enganava muito, em breve, haveria outro príncipe ou outra princesa à vista. A irmã também tinha uns avós adoráveis em Dharia e tinham-na acolhido com os braços abertos entre a família do pai.

Era por isso que ela viajava para Itália com o anel com uma esmeralda que a falecida mãe Annabel, que não conhecera, lhe oferecera. Annabel morrera num lar, depois de uma doença prolongada, enquanto as filhas eram criadas com a avó. A mãe de Ellie deixara três anéis em três envelopes para as três filhas.

Os três envelopes tinham sido a primeira surpresa porque, até àquele momento, Polly e ela não tinham sabido que tinham outra irmã mais nova e que fora criada longe delas e, provavelmente, nos serviços sociais. Uma irmã, Gemma, que não conheciam. A mãe escrevera o nome dos pais em cada envelope.

Polly viajara até Dharia para investigar o seu passado e com a esperança de encontrar o pai, mas descobrira que morrera, mesmo antes de ela nascer. Porém, essa perda vira-se compensada por uns avós carinhosos e acolhedores. Além disso, no meio dessa reunião familiar, Polly casara-se com Rashad, o rei de Dharia, e tornara-se rainha. Assim que se casaram, Rashad e ela contrataram um detetive para procurar Gemma, mas a busca atrasara-se devido às regras burocráticas de confidencialidade.

Ela recebera um anel com uma esmeralda e um papel com o nome de dois homens: Beppe e Vincenzo Sorrentino. Presumira que um deles era o pai e também soubera que um deles estava morto. Não sabia mais nada e também não tinha a certeza de querer saber que tipo de relação a mãe tivera com dois homens que eram irmãos. Se isso a tornava uma dissimulada, azar, mas não conseguia evitar ser como era. Além disso, não tinha ilusões sobre o que podia encontrar em Itália acerca do pai. Era possível que nenhum daqueles homens fosse o seu pai, em cujo caso teria de aceitar viver na ignorância. Porém, agradeceria se encontrasse algum tipo de parentesco, pois sentira a falta de ter uma família por perto desde que Polly se casara.

Então, questionou-se porque continuava a ter essa imagem idealizada da família quando a avó, que as criara, a Polly e a ela, não fora uma mulher terna e carinhosa. E o seu tio Jim, o irmão da mãe, fora terrível, mesmo quando eram pequenas. Na verdade, enfurecia-se ao recordar como a tratara depois da morte da mãe, mas não achava que fosse contar essa história tão triste a Polly, pois ela preferia ver apenas o lado bom das pessoas.

Polly assegurara-lhe com despreocupação que o seu casamento não mudaria nada entre as irmãs, mas a verdade era que mudara tudo. Nem sequer ligava muitas vezes à irmã porque sabia muito bem que tinha

compromissos mais prementes como esposa, mãe e rainha. Também adorava visitar Dharia, mas os voos eram muito longos e, muitas vezes, tinha de dedicar as férias a recuperar o sono, pois os médicos estagiários trabalhavam muitas horas. O seu último estágio fora feito num hospital para doentes terminais e acabara muito cansada, física e sentimentalmente.

Estava tão cansada enquanto guardava, em duas malas, tudo o que Polly lhe enviara que nem sequer olhou para a roupa, mas agradeceu que a irmã lhe poupasse o cansaço de ter de ir às compras. Além disso, estaria muito mais elegante e feminina com o que Polly escolhera, porque nunca se interessara pela moda.

Por outro lado e muito mais importante, estava emocionadíssima com a possibilidade, por muito pequena que fosse, de encontrar o pai em Itália. Mostrara-se cética com Polly e a irmã não sabia como desejava encontrar o pai em Itália.

Dois dias depois, desceu a escada que levava ao pátio do hotel rural e olhou para a paisagem toscana coberta de vinhedos. Inalou o ar puro e sorriu com prazer, pois estava relaxada pela primeira vez em muitas semanas. No dia seguinte, tinha um encontro com Beppe Sorrentino em sua casa, mas, naquele dia, não tinha nada para fazer, para além de conhecer os arredores e era um luxo absoluto. Sentou-se sozinha à mesa e alisou a saia vaporosa de algodão verde enquanto pensava que aquelas bainhas irregulares, que Polly adorava, não eram nada práticas. Conseguia ouvir a irmã a dizer que a moda não tinha de ser prática e sorriu com carinho enquanto lhe traziam uma chávena de café e uma cesta com bolos.

Normalmente, repunha forças para trabalhar com cafés de máquina e aquele *cappuccino* acabado de fazer soube-lhe a glória, tal como o croissant que se desfez na boca. Estava a limpar uns pedacinhos de folhado dos lábios quando uma figura alta e escura se interpôs na sua vista maravilhosa. Pestanejou atrás dos óculos de sol e supôs que teria sido excessivo esperar que aquele pátio e aquela vista fossem apenas para ela. Era um hotel muito pequeno, mas um hotel na mesma e, naturalmente, haveria outros hóspedes.

Uma enxurrada de palavras em italiano cumprimentou o recém-chegado, que ela ainda não conseguia distinguir porque estava à contraluz. Parecia que o empregado estava a fazer tudo o que estava ao seu alcance para receber aquele homem, o que significava que, provavelmente, ou era

um cliente habitual ou um aldeão. Ele respondeu num italiano igualmente rápido e fluido e essa voz, como chocolate aveludado, pareceu-lhe realmente familiar. Empalideceu e descartou, com bom senso, que pudesse conhecê-la. Não podia ser o mesmo homem, simplesmente, não podia ser! Ele vivia em Florença e ela estava a quilómetros da cidade, num hotel próximo da casa de Beppe Sorrentino. Era impossível que fosse o homem que amargurara a celebração do casamento da irmã e conseguira fazer com que se odiasse. Nem sequer o destino podia ser tão desumano para a condenar a outro encontro com Gio Benedetti, o seu pior pesadelo em forma de homem.

– *Buongiorno*, Ellie – murmurou Gio Benedetti, enquanto se sentava na outra cadeira que havia na sua mesa.

O pasmo, a raiva e a angústia apropriaram-se dela.

– Pode saber-se o que estás a fazer aqui?

Gio inclinou a sua cabeça atraente para trás e semicerrou os olhos escuros e deslumbrantes com reflexos dourados. O cabelo era preto como a asa de um corvo e usava-o muito curto, mas umas madeixas indicavam que costumava frisar-se, o que lhe dava um aspeto sensual e despenteado. Tinha uns olhos lindos, um nariz muito reto e umas feições que a faziam pensar num quadro de um anjo sombrio. Sorriu em silêncio.

Ela quis esbofeteá-lo outra vez e dizer-lhe o que pensava dele, embora já lho tivesse dito há dois anos. Era impressionante e ele sabia, algo que lhe parecia intolerável num homem decente. A verdade era que nunca conhecera um homem tão impressionantemente bonito como Gio e, quando o conhecera, derrubara-se como uma barraca de tijolos com alicerces de areia. Recordou-o com um arrepio de repulsão.

Ainda se questionava, de vez em quando, porquê. Ela não era tão temerária, não era assim com os homens, não era o seu estilo e nem sequer estava preparada para se comportar assim. Infelizmente, também não esperara encontrar Gio Benedetti, o seu magnetismo, a sua inteligência e o seu encanto. Pelo menos, assim, desculpara-se por ter estado prestes a sucumbir a uma aventura de uma noite sem perspetiva de futuro, mas ainda a envergonhava que tivesse calculado tão mal. Não podia esquecer aquele momento atroz quando a porta do quarto do hotel se abriu e vira o que o esperava na cama.

Gio não queria sorrir, não queria fingir. Queria olhar para ela com brasas nos olhos e também não quisera sentar-se. A sua intenção fora ficar de pé e intimidá-la com a sua estatura, mas vira-a e esquecera tudo. Ver a

ponta daquela língua enquanto limpava as migalhas de folhado dos lábios carnudos fora mais do que a sua libido conseguira suportar e a libido bulia quando estava perto de Ellie Dixon. Tivera de se sentar para esconder a ereção. Era um adolescente com o cio outra vez? Corou. Apesar de desconfiar de Ellie, era realmente bonita, tinha a pele como de porcelana, uns olhos verdes como esmeraldas e uns caracóis de uma cor castanha e dourada. Embora fosse mais baixa do que a média, tinha umas curvas muito sensuais e uma cintura de vespa. As suas proporções eram impressionantes.

Ellie Dixon cativara-o sexualmente desde que a vira e não lhe passara a dor de se ver rejeitado pela primeira vez na sua vida adulta. Ellie voltara com ele para o seu hotel na noite do casamento da irmã, mas tudo se estragara quando estava prestes a chegar ao mais íntimo. Insultara-o e esbofeteara-o antes de se ir embora. Cerrou os dentes ao lembrar-se. Demasiadas pessoas o tinham tratado com desprezo quando era mais jovem para ignorar essa afronta.

– O que achas que faço aqui? – perguntou Gio, com delicadeza, devolvendo a pergunta.

Ellie encolheu os ombros e concentrou-se no café. Nem sequer queria falar com ele, mas também não podia ser tão mal-educada. Ao fim e ao cabo, era o melhor amigo do seu cunhado e gostava do marido de Polly.

– O Rashad disse-te que ia estar aqui e pediu-te para me vigiares? – perguntou ela, com uma certa brusquidão.

Era o tipo de coisas que Rashad faria para a proteger e porque achava que lhe fazia um favor quando estava em algum lugar desconhecido.

– Não. Não acho que o Rashad saiba que estás em Itália – reconheceu Gio.

– Então, não tenho de ser educada – replicou ela, com satisfação, enquanto pegava noutro bolo.

– Não, nenhum dos dois tem de ser.

A boca sensual de Gio esboçou um sorriso resplandecente e ela quis corresponder com outro sorriso. Teve de fazer um esforço para dominar essa reação, mas Gio ganhara em certo sentido, porque, embora não tivesse retribuído o sorriso, todo o seu corpo estava a reagir da forma mais irritante. Cerrou os dentes ao sentir que os mamilos tinham endurecido e a humidade quente entre as coxas. Consequia tentar as suas malditas hormonas só com um olhar e odiava-o por ter esse poder sobre o seu corpo traiçoeiro. Não tinha orgulho?

Além disso, depois do que lhe fizera, também não havia dignidade no seu caráter?

– Então, se não temos de ser educados... – Ellie hesitou um instante. – Desaparece, Gio.

Um vislumbre de perplexidade abriu caminho no cérebro perspicaz de Gio. Decidira, à falta de outra prova, que Ellie inventara uma relação vaga entre a falecida mãe dela e o seu padrinho para chegar outra vez a ele. Além disso, naquele momento, ou estava a ser ridiculamente dura com a esperança de isso despertar o interesse dele... ou ele não tinha absolutamente nada a ver com o facto de ela estar na Toscana.

– Não acredito nas coincidências.

Gio cerrou os lábios quando chegou o seu café com o dono do hotel, que ficou para cumprimentar os dois.

– Eu também não acredito nas coincidências – replicou Ellie, com um sorriso gélido, quando voltaram a ficar sozinhos. – Quero dizer, já me bastou conhecer-te no casamento da Polly, mas isto... Isto é excessivo.

– A sério?

Gio receou ficar congelado por causa daquele sorriso e maravilhou-o que Ellie conseguisse tratá-lo com esse desdém.

– A sério. Sei que vives por aqui, mas não acredito que nos tenhamos encontrado outra vez por acaso.

– E tens razão. A minha presença aqui não é informal – confirmou Gio, bebendo um gole de café para tentar parecer relaxado.

Porém, Ellie sabia que não estava relaxado. Aprendera a interpretá-lo no casamento de Polly. Tinha os olhos velados e os dentes cerrados e agarrava com demasiada força na chávena minúscula de café. Estava tenso, muito tenso, e interrogou-se por que motivo, embora também se questionasse porque haveria de se importar. Era o prostituto com quem quase fora para a cama e alegrava-se muito por o ter descoberto antes de ir para a cama com ele. Tivera muito cuidado para não visitar Dharia quando ele também estava lá e não tinha de gastar tempo e saliva com ele.

– Então, porque vieste ver-me e como sabes onde me alojo?

– Quero saber o que fazes na Toscana – comunicou Gio, sem andar com rodeios e sem responder.

– Estou de férias – explicou ela, revirando os olhos.

– Acho que isso não é verdade, Ellie.

– Bom, é a única verdade que vais tirar-me. – Ellie levantou-se com uma certa rigidez devido ao aborrecimento. – Não somos amigos...

Gio também se levantou com elegância. Uma das primeiras coisas que lhe chamou a atenção no casamento de Polly foi a elegância dos seus movimentos: Andava majestosamente, como um predador poderoso.

– Gostarias que fôssemos amigos...? – perguntou ele.

Ellie ficou mais rígida ao captar o ligeiro tom erótico da sua pergunta.

– Não. Escolho com muito cuidado os homens a que chamo meus amigos – redarguiu ela, com frieza.

Além disso, não importava se Gio pensasse que esses amigos tinham... vantagens ou não. Os olhos de Gio deixaram escapar um reflexo dourado, como o aviso de uma tempestade.

– Escolheste-me em Dharia – recordou-lhe, com satisfação.

Ellie sentiu um formigueiro na mão ao lembrar-se da bofetada que lhe dera naquela noite. Indignava-a que lhe recordasse aquela noite quando, na sua opinião, se tivesse tido princípios, devia estar completamente envergonhado de como acabara aquela sedução breve. Porém, Gio Benedetti era desavergonhado, arrogante, egoísta e promíscuo. O seu sentido da justiça também se sentia indignado por ele ser ardente como o fogo do inferno.

– Porém, neste momento, não te tocaria, nem com luvas.

Ela virou-se e voltou para o hotel.

– Ellie, vamos ter esta conversa, mesmo que não queiras. – Gio disse-o num tom brincalhão que cortou o silêncio como uma faca. – Não vais livrar-te de mim se te afastares.

– E não vai levar-te a lado nenhum seres um homem das cavernas que bate no peito – murmurou Ellie, por cima do ombro. – Nunca fui uma dessas mulheres que ficam com o coração acelerado quando um homem se torna dominante.

– Então, não me conhecias – replicou ele, num tom descarnado.

– E, assim que te conheço, és inesquecível para sempre. – Ellie disse-o com uma ironia agri-doce. – Gio, eu aprendo com a experiência, tu não?

Ellie desapareceu na penumbra do hotel. Gio quis partir alguma coisa, destruir tudo e gritar. Recordou-lhe que esse era outro traço dela que não conseguia suportar. Tirava-o do sério e fazia com que se sentisse violento, quando nunca fora assim com as mulheres, quando costumava ser o paradigma da sofisticação e do refinamento. Ao mesmo tempo, ela conseguia fazer com que imaginasse todo o tipo de cenas sexuais. Imaginava-a na sua cama, desfalecida e saciada. Imaginava-a de joelhos ou em cima do capô do seu desportivo favorito. Demasiada fantasia,

demasiada imaginação e isso também era algo que só ela despertava. Isso aborrecia-o, pois não tinha carências sexuais. Até se aborrecera um pouco de conseguir facilmente umas mulheres que se penduravam nele, o lisonjeavam e o manuseavam como se fosse um troféu que tinham de exibir.

Porém, só desejava Ellie Dixon no sentido mais físico e elementar e não tencionava fazer nada a respeito do efeito que tinha nele. Além disso, era possível que ela aprendesse com a experiência, mas ainda tinha de aprender que não permitia que alguém se fosse embora antes de ter acabado de falar. Entrou no hotel sem pensar duas vezes.

Ellie entrou no seu quarto, fechou a porta e apoiou-se nela, dominada por um pânico que ninguém que a conhecesse acreditaria. Tinha o coração acelerado e estava a suar. Respirou fundo e foi à casa de banho para lavar as mãos e recuperar a serenidade e integridade. Não permitia que os homens a alterassem, nunca permitira.

Porém, teve de reconhecer com relutância que, há dois anos, Gio Benedetti atravessara a sua couraça e a magoara. Consequira o que nenhum outro homem fora capaz e quase a fizera fazer uma figura ridícula. Adoraria sabê-lo. Um homem que só conhecera durante umas horas deslumbrara-a, derrubara as suas defesas e quase lhe arrebatara a virgindade com a sua bênção. Até ele abrir a porta do seu quarto do hotel e ver que a sua cama estava ocupada não por uma, mas por duas mulheres nuas que se riam como tolas, duas gémeas que ela já vira no casamento. Espantada, recuara.

Gio rira-se com sarcasmo, como se fosse natural que outras duas mulheres estivessem à espera dele. Retrospectivamente, maravilhava-a que lhe tivesse dado uma bofetada em vez de lhe dar um pontapé onde podia doer-lhe mais. Ela ficara devastada ao vislumbrar como era a sua vida, a sua falta de escrúpulos no que dizia respeito ao sexo. Tinham-lhe destruído o sonho cor-de-rosa quando estava mais vulnerável e tivera de ver, com toda a sua crueldade, como a pessoa que escolhera era embusteira. Dominada pelo nojo, dissera-lhe que era um prostituto e fora-se embora com a cabeça bem erguida para disfarçar a dor que a rasgava por dentro. Gio Benedetti devastara-a e embargara os seus sentimentos durante meses.

Fora uma história tão sórdida que não contara a Polly. A irmã ter-se-ia emocionado tanto que poderia ter contado a Rashad e ela não conseguira suportar a ideia de a sua humilhação se saber. Pelo menos, o que acontecera ficara, mais ou menos, em privado.

Ouviu que batiam à porta e abriu-a, pois pensou que seria a empregada. Dissera que se ia embora depois do pequeno-almoço e que o quarto ficaria livre. Não olhou pela mira e ficou atónita quando verificou que Gio a seguira até ao seu quarto.

Olhou fixamente para a gravata de seda vermelha antes de falar.

– Não quero falar contigo, deixa-me em paz.

– Não posso, *principessa*. Não é assim tão fácil aprender com a experiência – replicou Gio, num tom brincalhão.

– Não me chames isso! Além disso, não vais entrar...

Uma mão com dedos compridos e finos agarrou a porta e ele deu um passo à frente, mas Ellie manteve-se firme. Lidara com bêbados, drogados e pessoas violentas quando estivera nas urgências do hospital e não ia deixar que Gio Benedetti a intimidasse.

– Não acho que queiras que diga o que tenho de dizer onde qualquer pessoa possa ouvi-lo – murmurou Gio. – Não me envergonharia...

– Não te envergonhas com nada! – interrompeu Ellie, sem disfarçar o ódio.

– Trata-se do Beppe... Beppe Sorrentino – acrescentou Gio, olhando para ela como uma ave de rapina.

Ellie surpreendeu-se ao afastar-se para o deixar passar porque tinha de saber o que ele tinha a dizer sobre esse assunto. Sabia que ele desconhecia porque ela estava em Itália e que queria descobrir a identidade do pai. Estava convencida de que Rashad protegia a intimidade da sua esposa e de que só falaria levianamente da história familiar de Polly e dela, mas perturbava-a que Gio soubesse o nome de Beppe.

– Podes entrar durante cinco minutos, mas só cinco minutos. Depois, quero que desapareças e que te esqueças de que me conhecestes.

A linda boca de Gio esboçou um sorriso que lhe indicou que não acreditava nessa declaração.

– Além disso, aviso-te, se sorris assim, com essa altivez, voltarei a dar-te uma bofetada.

Capítulo 2

– Não sorrio com altivez – replicou Gio.

– É o que fazes, sim. Pareces sempre muito satisfeito contigo próprio!

Ellie tinha os nervos à flor da pele e o seu cérebro já não dominava a sua língua, pois ter Gio num espaço reduzido era excessivo. Não era um quarto grande porque tencionava ficar um mês em Itália e um quarto mais elegante teria acabado com o seu orçamento ao fim de duas semanas. Além disso, o quarto já tinha uma cama de casal e um armário grande e Gio ocupava todo o espaço que restava, pois era muito alto, tinha uns ombros muito largos, umas ancas finas e umas pernas compridas e poderosas. Olhou para o seu físico escultural, que estava coberto por um fato feito à medida que lhe dava um ar formal e que realçava sensualmente essa força muscular. Ficou pálida ao aperceber-se do que estava a fazer e olhou para outro lado com a boca seca, com a respiração entrecortada e aterrada com a hipótese de ele adivinhar o que sentia ao olhar para ele. Podia adivinhar que o odiava, mas não que ainda lhe parecia impressionante, incrivelmente tentador e incrivelmente prejudicial para ela, como comer demasiado gelado...

– Deixemo-nos de tolices. O que fazes na Toscana?

Gio perguntou-o como só ele podia perguntar, com cada vocal carregada de prepotência e hostilidade.

– Isso não te diz respeito – redarguiu, sem se alterar.

– O Beppe diz-me respeito, é o meu padrinho.

Os seus olhos fixaram-se nela como raios laser que tentavam decifrar a sua expressão. Ellie ficou petrificada e baixou o olhar num gesto defensivo. Gio conhecia Beppe Sorrentino e, o que era pior, tinha uma relação familiar com ele.

– Escreveste-lhe para lhe pedir informação sobre uma mulher que conheceu há mais de vinte anos – insistiu ele, deixando muito claro que desdenhava aquele pedido.

– Não sobre uma mulher, sobre a minha mãe – corrigiu Ellie, pensando que não haveria problema se confirmasse a verdade quando ele já a conhecia.

O mais provável era que Gio tivesse lido a carta que ela redigira com todo o cuidado para enviar ao padrinho. Naturalmente, não falara de namorados, gravidezes ou supostos pais. Fora discreta, não quisera ferir sensibilidades nem ofender ninguém, mas tencionava perguntar ao idoso se sabia alguma coisa sobre quem era o pai dela. Podia não ter resultados, mas era a única coisa que podia fazer. A resposta amável de Beppe estimulara-a, mas enfurecia-a que Gio Benedetti pudesse estar envolvido, fosse como fosse, nessa indagação tão privada. Nunca se livraria da sombra daquela noite desgraçada em Dharia?

– Uma mãe sobre quem, por algum motivo, não sabes nada – pressionou Gio, num tom de incredulidade.

– A minha mãe deixou-me ao cuidado da minha avó quando era uma recém-nascida. Não a conheci – reconheceu Ellie, olhando para ele com raiva.

– Não me olhes assim quando é mentira.

Gio cravou os seus olhos impressionantes nela, que brilhavam como brasas douradas. Ela ficou perturbada com a mudança repentina de conversa.

– O que é mentira?

– Que olhes para mim como se me odiasses quando preferias arrancar-me a roupa! – exclamou Gio, sem o mínimo rasto de dúvida na sua voz.

– É assim que consegues as mulheres? – perguntou ela, com ironia, embora sentisse que estava a corar. – Dizes-lhes que te desejam?

– Não, só tenho de ver o teu rubor para saber que acertei em cheio – respondeu Gio, com satisfação. – Não ando com fingimentos, *principessa*.

Embora continuasse a estar vermelha, a maldição da sua pele tão branca, Ellie observou-o fixamente e sem conseguir acreditar no que ouvia.

– Achas mesmo que vim por ti e que a carta ao teu padrinho é uma desculpa ridícula para te ver outra vez? Meu Deus, Gio, como conseguiste passar pela porta com um ego tão grande?

– Não suporto que andes com rodeios em vez de ires direta à questão. Ao fim e ao cabo, é um assunto muito simples – replicou Gio, com impaciência.

Não sabia como era possível que o diálogo se tivesse transformado em algo pessoal, mas também não conseguia pará-lo.

– Não vamos ter esta conversa – replicou ela, num tom gélido.
– Não és a minha professora nem a minha médica, de modo que podes esquecer esse tom frio e altivo.

Gio apoiou-se na porta do quarto com uma indolência que gotejava sexo e essa atitude de rapaz mau que enfurecia Ellie e que fazia com que mostrasse as garras.

– Estávamos a falar do Beppe – recordou-lhe ela, com desespero.
– Não. Eu estava a falar de termos relações sexuais para nos reconciliarmos...

Ela voltou a corar e os olhos verdes brilharam com incredulidade.

– Não me disseste isso...

– Fi-lo, sim. – Deixou escapar uma gargalhada. – Porque disfarçá-lo como se fosse um segredo indecente? É possível que não nos demos bem, mas, *per meraviglia*, temos uma... química que poderia criar faíscas na cama.

Ellie olhou para ele nos olhos porque se recusava a baixar o olhar, para que não o aceitasse como uma insinuação tímida. Porém, era um erro olhar para aqueles olhos impressionantes de cor dourada escura, era um erro estar tão perto que conseguia ver a longitude das suas pestanas pretas e a barba incipiente que realçava a sua boca cinzelada. Gio Benedetti fazia com que pensasse em sexo. Era instintivo e impudico e, quando os seus olhos se encontravam com os dele, era como se exercesse uma força de gravidade sobre ela. O seu corpo ficava tão rígido que lhe doíam os músculos, mas, mesmo assim, não conseguia evitar a onda de excitação física que se apropriava dela. Com um aborrecimento doloroso, conseguia sentir a vibração entre as coxas e os seios mais inchados e sensíveis.

– As relações sexuais para nos reconciliarmos podem ser muito divertidas, *principessa*. Relaxar-te-ia. Estás muito, muito tensa e sei muito bem como tratar disso.

Gio ronronou-o e o seu orgulho acalmou-se ao ver as pupilas dilatadas dela e o rubor delator. Ao fim e ao cabo, se ele tinha de suportar uma ereção constante quando estava perto dela, porque é que ela não haveria de sofrer também? Além disso, porque é que, ao contrário que ele, não podia ser sincera e pragmática? Ainda esperava que os homens a seduzissem com flores e diamantes falsos?

– Já chega!

Ellie ergueu o queixo e agarrou-o pelo braço para o afastar da porta e conseguir alcançar a maçaneta, mas foi como se quisesse mexer uma rocha

imensa e não cedeu nem um milímetro.

– Gostas de ser mais ou menos agressiva comigo, não é? – Gio perguntou-o enquanto olhava para ela com um brilho malicioso nos olhos.
– É uma pista sobre as tuas preferências? Não sou sadomasoquista, mas consigo imaginar-te com uma dessas indumentárias de dominadora e a hastear um chicote.

Ellie já não aguentou mais. Ele não ia afastar-se da porta nem calar-se e a impotência fez com que a raiva explodisse por dentro.

– Se não te fores embora, vou chamar a polícia! – gritou ela.

Gio limpou um bocadinho de pó imaginário da manga que ela amarrotara minimamente ao agarrá-lo.

– Felizmente, é pouco provável que a *polizia locale* vá deter um autóctone por seduzir uma mulher bonita.

– Tanto faz! – voltou a gritar, quando perdeu a paciência. – Odeio-te, quero que saias do meu quarto, já!

– Vou-me embora quando me disseres o que realmente queres do Beppe. Quero que me digas a verdade.

– É algo privado e não é da tua incumbência. Não vou deixar que me intimides! – replicou Ellie, com raiva. – O teu padrinho sabe que estás aqui a assediar-me?

Gio ficou imóvel e teve de reconhecer que estava a lutar com uma adversária digna de respeito. Beppe era um cavalheiro da antiga escola e era especialmente protetor com as mulheres, não gostaria nada de saber que ele se intrometera assim.

– Não acho que saiba – continuou Ellie, face ao silêncio eloquente de Gio. – A carta que me mandou era amável e afetuosa. Para, Gio, ou...

– Ou o quê? – interrompeu ele, com um gemido. – Achas que podes ameaçar-me?

– Eu, ao contrário de ti, não costumo ameaçar as pessoas – defendeu-se Ellie, com o queixo erguido.

– Muito bem. Então, vamos chegar a um acordo aqui e agora – propôs Gio, num tom aveludado. – Podia entregar ao Beppe o relatório da investigação que fiz e, se o fizesse, expulsar-te-ia amanhã, porque esse relatório contém acusações suficientes contra ti para ele te recluir.

Ellie recuou um passo. Estava atónita com o que acabara de ouvir.

– Não fiz nada de mal e não consigo imaginar do que estás a falar.

– Claro, o que mais haverias de dizer? Porém, a verdade é que mais de uma pessoa apresentou queixas graves contra ti.

Ellie não disse nada porque, embora a tivessem declarado inocente durante o relatório interno, era verdade que tinham apresentado uma queixa grave contra ela e que poderia ter sido muito prejudicial para a sua trajetória profissional como médica. Felizmente, as regras do Serviço Nacional de Saúde protegiam as suas empregadas naquelas situações e tinham retirado a queixa e desprezado a questão. Sentiu o ardor das lágrimas porque essa acusação lhe causara muito *stress* e muitas noites sem dormir até se resolver. Pensara que aquelas férias em Itália seriam uma ocasião para relaxar e descansar, algo de que precisava muito. Era muito ofensivo que Gio Benedetti lhe atirasse esse assunto tão desagradável à cara, pois era completamente inocente.

– Essas acusações foram desprezadas uma semana antes de vir cá – esclareceu ela, fazendo um esforço para que não lhe tremesse a voz. – Além disso, pode saber-se porque me investigaste?

– Sempre protegerei o Beppe de qualquer pessoa que possa aproveitar-se dele e não confio em ti nem no acaso que te trouxe até cá.

Gio viu o brilho nos olhos dela, questionou-se se seria fingido e decidiu que não ia impressioná-lo porque, para ele, não era uma novidade ver uma mulher a chorar. Quase todas as mulheres que tinham estado com ele tinham chorado em algum momento e só tinham conseguido fazer com que fugisse mais depressa.

– Eu não sou assim. – Ellie soluçou ligeiramente, mas isso não impressionou mais Gio do que o brilho dos seus olhos. – Além disso, porque haverias de pensar que queria aproveitar-me do Beppe? Evidentemente, pensas assim, mas sou uma pessoa honrada e sincera.

Ele arqueou uma sobrancelha com um ar sarcástico e pensou no alfinete de diamantes que ela tinha e que o tio não herdara.

– A sério? Embora sejas incapaz de reconhecer que me desejas...

– Sabes porquê, porque não vai acontecer nada entre nós. – Ellie pronunciou cada sílaba com superioridade. – Porque haveria de o reconhecer?

Essa entoação, outra vez, fez com que Gio quisesse fazer ou dizer algo completamente desmedido. Fazia-o voltar à sua juventude, quando a irmã Teresa o repreendia pelos seus pecados no escritório. O facto de Ellie se recusar a ter um comportamento sexual normal tinha algo incrivelmente frustrante. Não entendia como uma mulher com tanta paixão acumulada se recusava insistentemente a ignorar as faíscas que saltavam entre eles. Como se a atração fosse uma fraqueza ou um risco para o qual não estava

preparada.

Os seus pensamentos arrevesados sobre esse assunto, e tão impróprios dele, desesperavam-no tanto como o tinham desesperado em Dharia. Aquela noite, durante o casamento da irmã dela, fora um fiasco, mas ele não tivera culpa. Ellie fora irracional e injusta quando o culpara pelo episódio. Ele fora sincero com ela, demasiado sincero, e o que conseguira em troca? Uma bofetada e uma série de insultos. Era uma mulher que parecia programada para ser suscetível, colérica e crítica.

– Não te preocupes – Gio virou-se e abriu a porta –, quando caíres, eu estarei lá para te agarrar.

– Não cairei. Posso esperar que esta seja a última vez que vou ver-te? – perguntou Ellie, enquanto ele saía para o corredor e ela, involuntariamente, também atravessava a porta.

– Não tens de recear nada de mim, desde que não incomodes ou prejudiques o Beppe de alguma forma. Além disso, não sei porque tens tantos segredos, o Beppe acabará por me contar do que se trata tudo isto.

Ellie encolheu os ombros para fingir indiferença.

– Porque haveria de me importar?

Quis que ele acreditasse que não estava a esconder-lhe algo interessante. Ele, porém, sabia que se importava, conseguia vê-lo no seu olhar, especialmente expressivo e nervoso. Sabia que havia algum segredo que relacionava Ellie com o seu padrinho e isso alterava-o, porque não conseguia imaginar nenhuma relação, por muito que o tentasse. Pela primeira vez, pareceu-lhe que talvez devesse ter investigado a mãe, não a filha. Porém, descartara, desacertadamente, essa possibilidade, porque Ellie lhe causava mais curiosidade.

– Importa, sim – replicou Gio, com delicadeza, enquanto se aproximava um pouco dela.

Ellie, com um movimento assustado, apoiou-se na porta do quarto.

– Sou uma pessoa muito discreta.

Ela recusava-se a reconhecer a mínima fraqueza porque Gio era um tubarão dos pés à cabeça e sabia que a devoraria se cedesse um milímetro.

– Nem sempre – replicou Gio.

Tinha-o à sua frente, comia-a viva com aqueles olhos abrasadores e passou-lhe um dedo pela cara. Cada milésima de segundo dessa carícia foi como se estivessem a marcá-la a fogo no meio do corpo. Não costumava deixar que lhe tocassem. Devia ter saído com mais rapazes, devia ter sido menos perfeccionista, devia ter sido menos sensata. Os olhos dele

observavam-na com um brilho dourado e recordou um momento exatamente tal como aquele na pista de dança de Dharia. Tentou, torpemente, afastar-se da porta para voltar ao seu quarto, mas foi demasiado tarde, porque a linda boca de Gio se apoderou da dela.

Aquele beijo foi algo entre uma colisão de comboios e uma descarga de adrenalina nas veias. O corpo despertou com uma reação física incontida e introduziu as mãos entre o seu cabelo para lho acariciar. Além disso, desejava-o como uma mulher desidratada desejava água, como se fosse a única coisa que a separava da morte. Assustou-se com o uivo de desejo que teve de conter. A língua na sua boca era como uma descarga elétrica causada por um mestre das sensações. Sabia beijar, sabia fazer tudo o que ela não sabia e isso deixava-a indefesa, como esse desejo implacável que lhe acelerava o coração, lhe debilitava as pernas e lhe arrepiava o corpo.

– Ellie... – resmungou Gio, enquanto arqueava as ancas contra ela.

Conseguiu reparar na ereção através da roupa, uma avidez como a que também se apropriara dela. Teve de fazer um esforço para se dominar porque sabia que, acontecesse o que acontecesse, não podia fazer isso com ele.

Porém, Gio, que era um mulherengo, voltou a beijá-la. Sendo Gio, esmerou-se. A lentidão atormentadora dera lugar à paixão desenfreada e todas as células do seu corpo se iluminaram como se tivesse encontrado o seu par ideal. A palpitação húmida e quente entre as pernas estava a transformar-se numa onda abrasadora. O barulho de um balde de metal a chocar contra os ladrilhos foi quase ensurdecedor e Gio recuou com um salto quando ela estava a baixar as mãos para os seus ombros para o afastar.

– Estaremos em contacto – comentou ele, com os dentes cerrados.

– Não se te vir a aproximar – replicou ela, em voz baixa.

Ellie entrou no seu quarto sob olhar de curiosidade da empregada, fechou a porta e sentiu que tinha as pernas como se fossem de gelatina. Porém, não ia fazer o que costumava fazer quando fazia alguma coisa mal. Não ia pensar nisso sem parar. Cometera um erro, mas já o emendara e era tudo o que Gio Benedetti merecia. Não ia lamentar-se nem desprezar-se. Ele era como um copo de veneno que tinha um sabor doce, que só existia para tentar e destruir. Ela era uma paranoica.

Capítulo 3

Nessa manhã, percorreu a vila, comprou um presente para uma colega e atravessou a *piazza* sob o sol resplandecente para se sentar num café. Estava a começar a desfrutar e estava a começar a compreender que era contraproducente enfrentar Gio porque isso fazia com que ocupasse todos os seus pensamentos. Um beijo... O que era um beijo? Nada! Pelo menos, se não conseguisse fazer com que lhe fraquejassem as pernas ou a imaginação voasse. Então, era uma ameaça.

Estava a beber um gole de café e a pôr os seus pensamentos em ordem quando viu que um desportivo creme e luxuoso estacionava. O condutor, que tinha um cão, cumprimentou alguns aldeãos que estavam sentados fora do café e olhou para ela, antes de atravessar a *piazza* para entrar na loja. O cão, um pequeno Yorkshire Terrier, foi diretamente até ela e esfregou-se contra as suas pernas para chamar a sua atenção. O dono do cão gritou qualquer coisa parecido com «*Bambi*» num tom de desespero, mas o cão não se afastou dos seus pés e o dono entrou na loja com um gemido que anunciava que voltaria.

– Não és um cão muito obediente – troçou Ellie, alguns minutos mais tarde, quando o animal olhava para ela com olhos suplicantes. – Não, não podes vir para o meu colo. Não gosto de cães e...

– Poderias ter-me enganado – comentou o dono, ao seu lado.

– Bom, parece-me que o teu cão não é muito exigente – brincou ela, olhando para ele e rindo-se.

– A *Bambi* é da minha mãe e estou a cuidar dela esta semana – explicou ele, num tom de resignação e revirando os olhos. – Não a treinaram e prefere as mulheres.

– Ela não tem a culpa – replicou Ellie, acariciando a *Bambi* atrás da orelha.

– O meu nome é Bruno Nigretti – apresentou-se, estendendo a mão. – Acompanha-me a beber um copo de vinho...

– É um pouco cedo... – Ellie lembrou-se de que estava de férias. – Não, é uma boa ideia – retificou ela, sorrindo.

Bruno ficou meia hora com ela e tiveram uma conversa confortável e natural. Foi muito relaxante depois da ansiedade que sentira por ter de lidar com Gio. Bruno era um advogado de Florença que estava a tomar conta da casa da mãe enquanto ela estava fora. Quando a convidou para jantar na noite seguinte, aceitou. Pôde ouvir a voz de Polly que lhe gritava na cabeça. Era um homem atraente com trabalho e boas maneiras. Tinha de parar de procurar os defeitos de todos os homens que conhecia! Polly dissera que saíra com tão poucos homens porque era muito suscetível. Ela, porém, achava que isso não era justo. Polly também não se deixara impressionar facilmente.

Na manhã seguinte, foi até ao *palazzo* impressionante de Beppe no seu carrinho alugado. Os portões enormes estavam abertos à espera da sua chegada. Devagar, percorreu os jardins intrincados com caminhos de cascalho que havia à frente do edifício e estacionou. Saiu do carro e limpou as mãos na saia branca que vestira com uma *t-shirt* azul e branca e umas alpargatas. Subiu os degraus que levavam à porta principal e um empregado com casaco preto abriu-a antes de conseguir tocar à campainha.

– Sou a Ellie Dixon e venho visitar o senhor Sorrentino.

– Sim, está à sua espera.

Ellie estava muito nervosa e tentava escondê-lo. Beppe seria o seu...? Não, não queria pensar nisso porque era muito pouco provável, já que Beppe era casado naquela época. O mais provável era que Beppe lhe dissesse que não conhecia a mãe suficientemente bem para lhe dar alguma informação útil sobre quem poderia ser o seu pai.

– Menina Dixon... – Um homem baixo e sorridente, mais ou menos da estatura dela, cumprimentou-a da porta de uma sala com estantes cheias de livros. – Entre e sente-se, por favor. O Adriano vai trazer café.

Sentou-se numa poltrona com vista para um jardim lindo e deixou escapar um som leve de prazer.

– É uma sala muito agradável – comentou ela. – Todos esses livros e objetos são fascinantes e a vista...

– Sou um colecionador e um jardineiro apaixonado – reconheceu Beppe, sentando-se à frente dela.

– Agradeço-lhe por ter estado disposto a receber-me. – Ellie sentia-se um pouco incomodada. – Espero não dizer nada que faça com que se

arrependa...

– Não me ofendo facilmente – tranquilizou-a Beppe –, mas confesso que a sua mãe me causa muita curiosidade. O que se passou depois de se ir embora de Itália?

– Nem sequer sei se estive em Itália, embora pareça evidente. – Ellie decidiu ser sincera enquanto tirava o anel com a esmeralda da mala. – A minha mãe deixou-me este anel.

Beppe ficou pálido e o sorriso apagou-se dos lábios por um instante. Levantou o anel quando Adriano entrava com uma bandeja. Dirigiu-se ao jovem com uns gestos das mãos.

– O Adriano é surdo – explicou a Ellie, sem parar de olhar para a esmeralda.

– Lê muito bem os lábios – comentou ela.

– Passou muitos anos a praticar. Quando conseguir a experiência de que precisa, espera encontrar um trabalho mais apaixonante. – Beppe inclinou-se para a frente para deixar o anel junto da chávena dela. – Dei este anel à sua mãe. Pertenceu à minha mãe – acrescentou ele, num tom sério.

– Está bem. – Ellie ficou estupefacta. – Então, conheceu-a bem.

– Melhor do que devia tê-la conhecido, dadas as circunstâncias – reconheceu Beppe, em voz baixa, devido ao desconforto. – A Annabel passou esse verão a trabalhar para uma família inglesa que tinha uma casa de férias perto daqui. O Vincenzo, o meu irmão, conheceu-a primeiro e teve uma aventura com ela antes de eu a conhecer. Acho que poderia chamar-se uma aventura impetuosa porque só se conheciam há algumas semanas.

Ellie suspirou ao lembrar-se do que a irmã Polly lhe contara sobre a mãe.

– Em que ano aconteceu isso?

Beppe disse-lho e as datas encaixaram na cabeça de Ellie. A irmã mais velha era quase um bebé quando Annabel fora trabalhar para Itália.

– Como posso descrever-lhe a Annabel quando é a filha dela? – Beppe suspirou. – Era muito vital e divertida, mas um pouco impulsiva no amor.

– Sim – concedeu Ellie, questionando-se o que chegaria depois.

– A minha esposa estava incapacitada, mas isso não é uma desculpa, não existe desculpa para o que aconteceu. Descobri que não era o homem que achava ser. Apaixonei-me perdidamente pela sua mãe e ela sentia o mesmo. Eu tinha trinta e cinco anos, já não era um rapaz impressionável, e acreditava firmemente que amava a minha esposa. A Amalia era uma

esposa maravilhosa. Não era um casamento desventurado, mas parti-lhe o coração e o do meu irmão. Porém, felizmente, generosamente, o meu irmão não tornou público o que eu fiz e a minha esposa não sofreu essa humilhação. A Amalia e eu concentrámo-nos em recuperar o nosso casamento, deixámos essa aventura secreta de lado e virámos a página.

– Sinceramente, não sei o que dizer porque não conheço as pessoas envolvidas, mas lamento ouvir que os atos da minha mãe feriram outras pessoas.

– A Annabel magoou-se mais do que a qualquer outro. Poderia ter vivido muito bem com o meu irmão, mas deixou-o porque me conheceu – reconheceu Beppe, com remorso. – O Vincenzo continuava afastado de mim quando morreu. Era um problema terrível para todos nós.

– Lamento muito – sussurrou ela.

Sentia-se deslocada devido a tanta sinceridade e a uma história tão pessoal, uma história que não esperara ouvir.

– Da última vez que vi a sua mãe, estava muito zangada comigo – confessou Beppe, num tom triste. – Disse-lhe desde o começo que não ia deixar a minha esposa, mas ela recusava-se a aceitá-lo. O meu amor pela minha esposa era de um tipo diferente, mas era igualmente verdadeiro para mim. Embora tenha sido infiel, a Amalia perdoou-me, continuámos juntos e passámos muitos anos felizes antes de falecer.

– Meu Deus, não tinha vindo para o alterar, mas só remexi lembranças desastrosas! – exclamou Ellie, com remorso, ao ver as lágrimas nos olhos escuros de Beppe. – Infelizmente, tinha vindo por outro motivo muito diferente, Beppe. Estou a tentar descobrir quem é o meu pai.

– Em Itália? – perguntou ele, sem disfarçar a surpresa. – É demasiado jovem para ter sido concebida aqui. Quando nasceu?

Disse-lho e o rosto dele toldou-se.

– Achava que era alguns anos mais jovem, mas existe a possibilidade de ser o homem que procura. Isso explicaria que a sua mãe me dissesse que lamentaria não ter deixado a minha esposa por ela.

Ellie ficou em silêncio. Estava consternada com o que estava a descobrir sobre essa mãe que não conhecera.

– Teremos de indagar mais – continuou ele. – Agora, fazem-se testes de ADN, não é?

– Está disposto a fazê-lo?

– Certamente... Claro – respondeu Beppe. – Agora, acho que devíamos falar de algo menos controverso enquanto pensamos no que descobrimos.

A mão de Ellie tremeu um pouco enquanto levantava a chávena porque a maravilhava que estivesse tão tranquilo.

– Tenho de me portar bem para o caso de sermos familiares – acrescentou ele, entre gargalhadas.

As esperanças de Ellie aumentavam. Esperava que fosse o seu pai e que, assim, acabasse toda uma vida de conjecturas frustrantes. Despediram-se uma hora mais tarde e Beppe prometeu que entraria em contacto com um médico que era amigo dele e que os assessoraria discretamente. As lágrimas caíram-lhe pelas faces enquanto voltava para o hotel. Estava atordoada e rezava para que Beppe fosse o homem que procurava, pois adorara-o e seria maravilhoso encontrar um pai com quem pudesse dar-se bem.

Gio, porém, viveu-o de forma muito diferente quando foi almoçar com o padrinho. A raiva apropriou-se dele e, ao ir-se embora, dirigiu-se diretamente para o hotel de Ellie para a enfrentar. Disseram-lhe que fora dar um passeio e decidiu ir procurá-la de carro.

Ellie parou a meio da encosta íngreme e limpou o suor da testa. Estava um calor húmido e abordara um desafio excessivo para a sua forma física. Ouviu que se aproximava um carro e virou-se para recuar um pouco. Perturbou-a ver Gio ao volante de um desportivo. Travou e inclinou-se para abrir a porta do acompanhante.

– Entra!

– Não, obrigada – negou ela.

O seu dia já fora bastante complicado sem ele intervir.

Gio, sem dizer uma palavra, olhou para ela com o sobrolho franzido, saiu do carro, deu a volta pela frente, pegou nela ao colo antes de conseguir imaginar o que ia fazer, deixou-a no banco do acompanhante e fechou a porta.

– Pode saber-se o que estás a fazer? – gritou ela, com incredulidade.

Ela tentou abrir a porta, mas não conseguiu, pois ele já a trancara para evitar que ela fizesse precisamente isso. Gio sentou-se ao volante com o rosto como se fosse esculpido em granito.

– Temos de falar.

– Não tenho nada para te dizer! – exclamou ela, com veemência. – Quero sair do carro...

– Põe o cinto de segurança – resmungou ele, como se ela não tivesse falado.

– Não tenciono fazê-lo. Não quero ir a lado nenhum contigo!

Gio inclinou-se sobre ela para lhe pôr o cinto de segurança e ela ficou tão atônita que olhou para ele, espantada.

– Isto é sequestro e agressão – avisou ela, com fúria. – Irei à polícia e apresentarei uma queixa contra ti!

– Fá-lo!

– Estás louco. Não estás a pensar no que estás a fazer!

– Efetivamente. Se tivesse pensado, teria vindo com uma mordança!

– Não te teria servido de nada. Sou cinturão negro de judo – contra-atacou Ellie. – Se soubesse que ias raptar-me, ter-me-ia defendido para que não me agarrasses.

– Não te enganes – avisou Gio, enquanto conduzia o carro pela encosta que ela tentara subir. – Se te agredissem, ponderarias os prós e os contras de agir de uma forma agressiva e passaria o momento de te defenderes.

Ellie ficou pasmada com aquela interpretação tão precisa e inquietante da sua personalidade. Odiava qualquer forma de violência, mas Gio era a única exceção, embora também não quisesse magoá-lo realmente, só queria detê-lo ou afugentá-lo.

– Para onde me levas?

– Vamos a algum sítio onde possamos falar em paz.

Ellie olhou para ele de soslaio e com raiva e reparou na retidão clássica do seu nariz, na firmeza das suas maçãs do rosto e no leque incrível das suas pestanas.

– Estás a conduzir demasiado depressa.

– Não ultrapassei o limite de velocidade.

Ellie deitou a cabeça para trás com um suspiro de desespero e com o cabelo ao vento. Quando saísse do carro, pareceria uma boneca de pano com caracóis despenteados, mas o que importava? A brisa na pele quente era muito refrescante. Rapto e agressão? Gio tinha ainda mais mau feitio do que ela e isso era uma revelação que, surpreendentemente, acalmava o seu próprio mau feitio. Aprendera desde pequena que tinha de dominar a veemência dos seus sentimentos. Gio, evidentemente, não aprendera. Uma sensação de compaixão muito estranha apropriou-se dela porque tinha a certeza de que morreria de vergonha quando recordasse e examinasse o que lhe fizera.

Gio, no entanto, subia pelas paredes de fúria e sabia muito bem. O desassossego de Beppe causara-lhe uma reação visceral que não podia negar ou evitar. Amava aquele homem e teria feito tudo por ele! Não conseguira protegê-lo do assunto desagradável em que Ellie o envolvera,

fosse qual fosse, e isso era uma afronta para o seu sentido protetor. Ia tirar a verdade a Ellie, mesmo que a sua vida dependesse disso. Esse despropósito misterioso que todos se recusavam a comentar tinha de acabar de uma vez, porque a sua paciência chegara ao limite!

Gio virou e entrou num caminho ladeado por carvalhos muito velhos que a impediam de ver mais de uns metros de distância e, quando o carro fez a última curva, não sabia que estavam a dirigir-se para uma casa até a ver mesmo à frente dela. Era um *palazzo* impressionante que se parecia com uma casa de bonecas antiga e que se adaptava à paisagem onde impusera a sua posição dominante durante séculos. Estava construído numa colina e tinha de ter uma vista infinita. Tirou o cinto de segurança e saiu com um olhar de condescendência para Gio quando destrancou o carro.

– Já podes desculpar-te.

– Desculpar-me? – bramou Gio. – O Beppe chorou durante o almoço! Não o via assim desde que a esposa morreu. O que lhe fizeste?

Ellie ficou petrificada e pálida à frente do carro. Evidentemente, alterara Beppe Sorrentino e não quisera fazê-lo. Alguma vez pensara que a busca do seu pai poderia afetar o homem envolvido? Não, reconheceu, com remorso. Na verdade, achara que não haveria problema se falasse com Beppe porque era um viúvo sem filhos que parecia não ter familiares próximos. Naturalmente, então, não sabia que Gio e o idoso estavam relacionados e, ao ver a intensidade da fúria de Gio, apercebia-se de que estavam muito unidos e isso impressionou-a. Era possível que Gio não fosse familiar direto de Beppe, mas poderia tê-lo sido, a julgar pela sua reação.

– Não fiz nada ao Beppe. Só lhe dei uma certa informação que ele não tinha esperado receber.

Ellie sentiu-se incomodada porque não sabia o que podia dizer a Gio. Se Beppe não contara a verdade ao afilhado, não era ela que ia fazê-lo. Além disso, entendia que o idoso não o tivesse feito. Tivera uma aventura quando era casado, uma aventura que, mais de vinte anos depois, ainda lamentava. Estava envergonhado por ter tido essa aventura com a mãe dela e tinha de o respeitar. Era doloroso perceber que, mesmo que se fizessem testes de paternidade e se demonstrasse que Beppe era o seu pai, ele poderia querer que a existência de uma filha ilegítima se mantivesse em segredo. Não podia queixar-se nem reprová-lo, pois Beppe tinha o direito de defender a sua privacidade e tomar as suas decisões. Já era bastante

bom que tivesse acedido a fazer o teste de ADN e só podia reprovar-se por, ingenuamente, ter albergado a ilusão de ter um pai real. Na verdade, que probabilidades havia de Beppe querer ter uma relação regular com ela quando era adulta e independente?

– Ellie! – gritou Gio, com impaciência, enquanto se afastava da porta que acabara de abrir.

Ela vira uma vez um tigre enjaulado e mexia-se como ele, o que era assustador. Pela primeira vez, apercebeu-se de que devia assustar-se com uma personalidade tão volátil, mas surpreendeu-a mais ainda aperceber-se de que não só não tinha medo, como a sua intensidade vibrante a atraía. Mesmo assim, gostaria que Gio, como se fosse um aparelho complicado, tivesse um manual de instruções, porque não sabia como podia serená-lo, quando também não podia dar-lhe a explicação que ele queria.

– Levantar o tom de voz começa a ser habitual... – replicou ela, com ironia.

As maçãs do rosto proeminentes dele toldaram-se.

– Entra.

– Diz o sequestrador à sua vítima.

Gio deixou escapar uma enxurrada de asneiras em italiano.

– Sim, posso pagar com a mesma moeda – acrescentou ela.

Ellie abandonou a luz do sol e entrou na sombra do edifício, pois uma coisa era responder à safadeza de Gio, mas seria ridículo torrar enquanto o fazia.

– Trouxe-te para a minha casa porque queria falar contigo em privado – explicou Gio, fazendo um esforço evidente para ser cortês.

Ela ponderou as alternativas, que eram muito poucas. Não tinha nada com ela, nem telemóvel ou dinheiro, e Gio levava-a para o meio do campo na Toscana.

– Entrarei, mas acabarão os gritos e não voltarás a tocar em mim – avisou ela.

– Não posso prometer-te que não vá gritar porque estou muito zangado contigo – reconheceu Gio, num murmúrio.

Observou-a enquanto se aproximava dele com a saia a formar redemoinhos ao redor dos joelhos esbeltos, o que fazia com que conseguisse imaginar muito bem as pernas que havia por baixo. Involuntariamente, o seu olhar foi subindo até aos seus lábios cor-de-rosa e carnudos, mas voltou a descer para se concentrar no sobe e desce cativante dos seus seios por baixo da *t-shirt*. Então, sentiu a boca seca.

– Além disso, também não posso prometer-te que não vá tocar em ti porque não sei se conseguiria cumpri-lo, *principessa*.

A sua sinceridade e o facto de voltar a usar aquele nome brincalhão, serviram para Ellie se tranquilizar um pouco. Na verdade, corou enquanto reconhecia que também lhe custava não tocar nele, quer fosse para o esbofetear ou beijá-lo. Gio despertava-lhe umas reações muito fortes. As barreiras que usava para manter a distância dos outros não serviam com Gio Benedetti e isso perturbava-a.

Seguiu Gio por um corredor fresco, com ladrilhos e espantosamente contemporâneo e chegaram a uma sala com sofás de couro claro e uns quadros modernos muito espetaculares. A casa era imponente e antiga, mas o interior era moderno e era um contraste poderoso.

Virou-se para olhar para ela outra vez. A barba incipiente realçava a sua boca linda e a tensão dos seus dentes cerrados. Questionou-se, pela primeira vez, se alguma vez seria amável e carinhoso, qualidades que pareciam alheias à sua natureza agressiva e competitiva. Então, uma vizinha perguntou, num tom brincalhão, se isso importava quando era tão bonito. Essa vizinha espantou-a, pois deitava por terra tudo o que achava saber sobre si própria. Desde quando se deixara impressionar pelas aparências? Porém, quando olhava para Gio, toda a prudência e sensatez desapareciam da sua mente e só conseguia deleitar-se com a sua magnificência masculina tempestuosa e maravilhar-se com as suas feições agudas e sombrias e com a clareza assombrosa dos seus olhos dourados abrasadores. Respirou fundo para não asfixiar.

– A única coisa que te peço é que sejas transparente comigo – murmurou Gio, como se estivesse a pedir-lhe algo muito fácil de fazer. – Conta-me o que está a acontecer.

– Não é assim tão simples, Gio – replicou ela, com o corpo tenso.

Ele arqueou uma sobrancelha para mostrar que discordava.

– É algo muito simples que estás a complicar por mera teimosia.

– Não, é um assunto privado entre mim e o Beppe. Pede-lhe para te explicar as coisas.

– Tens de saber que não farei algo assim que possa alterá-lo – replicou ele, com os olhos semicerrados.

– E eu não infringirei a sua confiança se não me der permissão. Estamos num ponto morto.

– Beberemos um pouco de vinho – propôs ele, enquanto se dirigia para o bar.

– Beberei um rosé, mas não vai soltar-me a língua – avisou ela.

Porém, a tensão dos joelhos, que a mantinham rígida, cedeu um pouco e recordou-lhe que o encontro com Beppe e o passeio a tinham deixado cansada.

– Torna as coisas fáceis... Estou a tentar ser civilizado.

– A tua maneira de me pôr no carro não teve nada de civilizada – recordou-lhe Ellie, enquanto se sentava no sofá.

– *Per l'amor di Dio*, nunca disse que era perfeito, *principessa*.

– Porque me chamas assim? – perguntou ela, bruscamente.

Entregou-lhe um copo de vinho e aproximou-se tanto dela que se encontrou dominada pelo seu cheiro viril com um pouco de perfume e um toque de especiarias. Sentiu um arrepio dos pés à cabeça.

Gio sorriu e foi um sorriso brincalhão e inesperadamente juvenil.

– Porque é o que pareces com esse teu ar de superioridade. Fazes-me pensar nas raparigas ricas para quem olhava quando era um jovem que não tinha um tostão. Olhavam para mim, claro, mas não tocavam em mim para não sujar as suas mãos brancas como açucenas.

– Eu nunca fui uma rapariga rica. – Ellie olhou para ele atentamente com os olhos verdes cheios de curiosidade. – Fui criada em casa da minha avó, uma casa de trabalhadores, e não havia ares de grandeza.

– Mesmo assim, transmites esse desdém de rapariga rica e isso tira-me do sério.

– Tudo o que se relaciona comigo te tira do sério. – Ellie questionava-se pela sua vida anterior, porque a surpreendia que não tivesse tido dinheiro. – Incomodamo-nos um ao outro.

– Beppe – recordou-lhe, num tom cortante. – Fala.

Ela, de repente, voltou a levantar-se porque fazia com que se sentisse presa. Não podia responder-lhe. O seu padrinho poderia ter-lho contado e não o fizera. O silêncio de Beppe dizia tudo. Evidentemente, não queria confessar a Gio que tivera uma aventura ou que essa aventura poderia ter acabado com... uma filha.

– Não vou ceder, Ellie – murmurou Gio, tão perto dela que fez com que sentisse pele de galinha. – Não vou deixar que te vás embora até me contares.

– Vais ter de me aguentar durante um bom bocado, porque não tenciono falar! – exclamou ela, com desespero.

Gio tirou-lhe o copo de vinho e pô-lo de parte.

– É possível que falar seja uma perda de tempo, *principessa*.

– O que significa isso? – perguntou Ellie, em voz baixa, embora tivesse uma ideia.

Gio passou-lhe um dedo pelo lábio inferior.

– Estás a desafiar-me e não tenho tanta paciência como tu.

Ellie afastou a cabeça com um brilho defensivo e de impotência nos olhos verdes.

– Não me toques! – avisou ela.

– Não, não tenho a mínima paciência – insistiu ele, agarrando-a e olhando para ela com uma sensualidade ameaçadora.

Capítulo 4

– Vim para esta casa contigo porque confiava em ti – reprovou Ellie, soltando-se.

– Não, não é verdade. Não confias em mim – contradisse Gio, num tom brincalhão e sombrio. – Certamente, vieste para esta casa porque não gostas de discutir em público e te sentes nervosa com o que sou capaz de fazer para ganhar.

– Ena, isso não diz tudo sobre ti? – perguntou ela, com ironia.

– Não sabes nada sobre mim e, mesmo assim, julgas-me.

Ellie ficou imóvel. Sentiu-se perturbada com essa crítica e ele aproveitou para lhe rodear a cintura com um braço e apertá-la contra o seu corpo pétreo e musculado. As suas hormonas dispararam como se as tivessem eletrificado. Mordiscou-lhe o lábio inferior carnudo e não pôde respirar só de pensar no que se aproximava. Afastou os lábios para que a sua língua pudesse entrar e uma onda de calor que a impediu de pensar apoderou-se dela. Do canto mais remoto do cérebro chegava-lhe uma tentativa de resistência, mas o resto dela própria opunha-se.

Era o beijo dos beijos, um beijo que podia fazer esquecer qualquer outro beijo porque nenhum homem fizera com que se sentisse atordoada e exaltada, com que sentisse que a adrenalina lhe queimava as veias como se tivesse atravessado a linha da meta de uma corrida, que não fosse ela própria. Introduziu os dedos entre o seu cabelo moreno e deleitou-se com a liberdade de poder tocar nele.

Gio, embargado pela reação dela, ficou tenso e questionou-se quando acabaria, enquanto esquecia qualquer intenção que tivera de uma sedução lenta. Nunca desejara uma mulher como desejava Ellie Dixon. O desejo dominava-o e esfregava a ereção contra ela com uma avidez tão incontida que lhe tremia o corpo. Não tinha sentido para ele. Efetivamente, ela era um desafio, mas nenhuma mulher conseguira fazer com que perdesse a prudência. Mantinha sempre o domínio sobre si próprio, menos daquela

vez. Devia preocupar-se? Afastou a pergunta, pois estava demasiado absorto para pensar nos inconvenientes e nas contradições. Deitou Ellie no sofá e beijou-a com uma paixão desinibida.

– O que... estamos a fazer? – balbuciou Ellie, enquanto lhe tirava a *t-shirt* para ver o sutiã de renda que lhe cobria os seios, que lhe pareciam demasiado grandes.

Sabia que era uma pergunta ridícula e sentiu-se incomodada e nervosa ao ver-se quase nua.

– *Sta' zitto...* Cala-te!

Gio introduziu a cara entre aqueles seios magníficos enquanto lutava com um sutiã que tinha mais colchetes do que um espartilho. Pensou com espanto que, se ela falasse, seria para acabar com aquilo. Olhou para ela nos olhos, cor de esmeralda como a mais linda das joias, e disse-lhe para os fechar.

– É incrível.

Ele quebrou o silêncio que se impôs enquanto observava a plenitude dos seus seios brancos e lhe passava a ponta de um dedo por um mamilo rosado e já endurecido. Queria levá-la para o seu quarto e desfrutar dela como devia, mas não queria quebrar o feitiço.

Inclinou a cabeça e deixou-se dominar pelo fascínio dos seus seios. Lambeu o mamilo cor-de-rosa e ereto de um e sugou-o. Adorou que ela se mexesse e reagisse a cada uma das suas carícias.

Caíra tão profundamente que estava a deixar-se arrastar por um mundo de sensações que sempre se negara. Essa avidez que lhe pedia mais era insuportável. Palpitavam-lhe os seios e mandavam mensagens para esse lugar húmido que sentia entre as coxas. Levantava as ancas com desejo e queria que Gio estivesse em todos lados ao mesmo tempo, queria o impossível. Também queria que se despisse e quera-o com uma ansiedade que a impressionou, porque já conhecia a anatomia masculina... Agarrou-lhe os ombros do casaco e recuou, rindo-se de surpresa, mas tirou o casaco e atirou-o ao chão.

– E a camisa! – ordenou ela, trémula.

Não conseguia acreditar no que estava a fazer. Desejava Gio, desejava-o tanto que esse desejo a debilitava, como a curiosidade que a perseguira desde que o conhecera pela primeira vez.

Gio tirou a camisa com um ar de abandono quase jovial. Era puro músculo coberto por uma pele bronzeada desde os ombros largos até à estreita cintura. Olhou para ele, cativada e surpreendida com a reação tão

visceral causada pela sua virilidade. Enquanto deixava cair a camisa, sorriu como nunca sorrira antes. Foi um sorriso retorcido e brincalhão, pura sedução naquele rosto sombrio e bonito. Foi tão sedutor que se endireitou e o puxou para si para voltar a apropriar-se da sua boca devastadora.

Deitou-se de costas e beijou-a esmagadoramente. Ela deleitou-se com cada beijo e com as carícias das suas mãos nos seios sensibilizados. Levantou-lhe a saia e percorreu-lhe a beira das cuecas com os dedos para a provocar e atormentar, para que se apercebesse de como desejava que a acariciasse. Introduziu um dedo por baixo da renda e acariciou-a. Estava tão húmida que se envergonhou do seu corpo e da sua avidez evidente. A ponta do dedo traçou uns círculos e, de repente, não se lembrou da vergonha, só pôde ofegar e arquear-se. Tirou-lhe esse último obstáculo e foi descendo até usar a boca naquele ponto tão sensível entre as coxas. Se lhe custara ficar quieta antes, agora era impossível. Introduziu os dedos entre o seu cabelo moreno e lustroso enquanto se retorcia devido ao ritmo poderoso do desejo. As sensações que lhe causava eram de uma intensidade quase insuportável, só superadas pela necessidade ofegante que se formava nas entranhas. A onda abrasadora ia crescendo dentro dela até, apanhando-a de surpresa, explodir com um prazer deslumbrante e demolidor.

– *Madre di Dio...* Estou cheio de vontade de estar dentro de ti, *mia bella* – murmurou Gio, com a voz rouca, enquanto se punha entre as suas pernas afastadas. – Desejo-te com voracidade.

Desejava-o? Soube que não era preciso perguntar, porque, quando olhou para os olhos escuros e incríveis de Gio, esteve disposta a fazer tudo o que lhe pedisse. Era como se estivesse num sonho sem um passado, um futuro ou um presente. Sentia-se como se só existisse esse instante e gostava que fosse assim.

Gio inclinou-a para trás e penetrou-a com um movimento poderoso. Ela virou a cabeça para um lado e mordeu o lábio inferior, pois doera-lhe muito mais do que podia ter imaginado... e não pôde conter um leve gemido de dor.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Gio, levantando um pouco a cabeça. – Estás tão fechada que pareces virgem!

– Sou! – exclamou ela, antes de conseguir evitá-lo.

Gio já a penetrara o máximo que o corpo minúsculo dela permitira e ficou petrificado.

– Virgem? – perguntou ele, sem conseguir acreditar. – Como podes ser

virgem?

– Pelo amor de Deus, acaba com isto – pediu ela, com desespero e o nariz enrugado.

Ele, atônito com a súplica irreverente, demorou uns segundos a assimilar o que acontecera. Era virgem? Como era possível e porque não vira nada diferente nela? Mudou de posição, retirou-se um pouco e voltou a penetrá-la devagar.

Acaba com isto? O que era ele, um suplício que tinha de suportar?

A fricção do movimento criava uma vibração palpitante na parte inferior do seu corpo. Fechou os olhos com força e recusou-se a pensar, pois assustava-se com o que acabara de fazer, o que permitira que ele fizesse. Enquanto ela fechava todas as escotilhas mentais, Gio usava toda a sua destreza para recuperar a situação, mas estava muito excitado e fazia tudo sozinho porque ela estava deitada por baixo dele sem se mexer.

Levantou-lhe os joelhos e penetrou-a o máximo que pôde, impondo um ritmo que ela não pôde ignorar. Arqueou as ancas, mas fê-lo involuntariamente, pois estava disposta a tolerá-lo e mais nada. Começou a sentir um calor ardente, mas sufocou-o como se fosse um incêndio florestal. Voltou a levantar as ancas sem querer e ele mexeu-se e causou-lhe um arrepio de prazer por todo o corpo. Tinha o coração acelerado e não conseguia respirar enquanto ele acelerava e a dominava com o seu ímpeto. Uma excitação desenfreada apropriou-se dela, mas contra a sua vontade. Cravou os dedos nos seus ombros e foi deslizando as mãos para lhe acariciar as costas musculadas enquanto sentia que o clímax se aproximava.

Uma série de convulsões em cadeia apropriou-se dela e gritou enquanto o clímax deslumbrante se espalhava por todo o seu corpo. Gio tremeu, abraçou-a com força e balbuciou alguma coisa áspera em italiano. Uns segundos depois, porém, ela voltava a estar livre e via, atordoada, que Gio se levantava com um salto para vestir as calças e agarrar a camisa.

– Eras virgem? – voltou a perguntar Gio.

Ellie e a virgindade eram uma combinação que o seu cérebro não assimilava. Ela sentou-se com uma careta de desgosto e baixou a saia. As cuecas estavam caídas nos ladrilhos, mas não tencionava tentar pegar nelas à frente dele. Estava emocionada e devastada devido ao que acontecera. Não conseguia acreditar que tivera relações sexuais com Gio. *A posteriori*, parecia-lhe a pior decisão que podia ter tomado depois de ter passado a vida a ter uma cautela máxima.

– Virgem? – repetiu Gio, como se fosse algo tão improvável como ver um unicórnio. – Porque... te entregaste a mim?

– É possível que quisesse perdê-la com alguém que me dissuadisse de continuar a experimentar – respondeu Ellie, num tom de ironia. – Para de agir como se uma virgem te tivesse perseguido violentamente, Gio. Não posso ser primeira com quem...

– És! – interrompeu ele, num tom acusador e espantado devido à atitude impetuosa dela.

Ellie levantou-se, recuperou discretamente a sua roupa interior e foi procurar uma casa de banho sem lhe fazer caso. Apercebeu-se, com surpresa, de que lhe doía realmente. Doía-lhe como se tivessem passado horas a fazer amor. Parecia-lhe que a experiência era uma lição e não uma introdução. Tinha de ter cuidado com o que desejava, recordou-se, com certo abatimento. Ele saltara do sofá como se o tivesse eletrocutado. Evidentemente, para Gio, a virgindade era um crime que merecia a força.

Gio andava de um lado para o outro enquanto esperava com impaciência que Ellie reaparecesse e apercebeu-se de que havia algo muito mais preocupante. Não conhecera nenhuma mulher como Ellie e estava completamente certo de que não queria conhecer outra. Enlouquecia-o. Fazia com que quisesse dizer e fazer coisas que não dissera ou fizera com ninguém. Torcia-lhe o cérebro, tirava-o do sério e levava-o mais além do limite da prudência. Era insinuante como uma sedutora e, porém, não podia sê-lo quando estava claro que não tinha a mínima experiência sexual. Ele era impressionante na cama e sabia, mas ela comportara-se como se não servisse para nada. Então, porque queria que ela ficasse a passar a noite? Só para recuperar o ego? Além disso, o que se passava com Beppe? A que se devia a ausência de um preservativo? Gritou-o em voz alta enquanto passava os dedos pelo cabelo. Sentia-se em carne viva.

Só a coragem inata a convenceu a sair da casa de banho, pois queria enrolar-se e morrer sem Gio conseguir vê-la ou alcançá-la. Não queria voltar a vê-lo e também não queria voltar a falar com ele. Só queria esquecer o que acontecera e continuar com as férias.

– Por favor, leva-me ao hotel – pediu ela, num tom inexpressivo e sem olhar para ele.

– Tomas a pílula ou usas algum outro método anticoncepcional? – perguntou Gio, com uma aspereza pasmosa.

Ellie quase se intimidou. Passara um ano a tomar a pílula anticoncepcional depois da experiência instrutiva com Gio no casamento da

irmã. Tivera medo de encontrar outra tentação parecida e decidira tomar precauções. Infelizmente, porém, a medicação tivera efeitos secundários e deixara de a tomar.

– Não – respondeu Ellie, antes de voltar à sala para se sentar, pois sentia-se fraca por causa da confusão e da angústia. – Como pudemos ser tão néscios?

– Ainda há... alternativas – comentou Gio, em voz baixa e sombria.

Ellie levantou a cabeça com tanta veemência que os caracóis se afastaram da testa e os seus olhos verdes resplandeceram.

– Nem penses em propor alternativas! Sou médica e jurei defender a vida.

– Não disse que queria isso. Não somos adolescentes incautos, mas comportámo-nos como se fôssemos – replicou Gio, sem disfarçar o desespero. – Quando nos juntamos, é como se estivéssemos amaldiçoados. Esperemos que não haja consequências.

Capítulo 5

Ellie respirou fundo e expirou lentamente com a esperança de que, assim, se dissipasse a neblina do cérebro que a impedia de pensar. Tentava calcular mentalmente o seu ciclo menstrual e apercebeu-se imediatamente de que a escolha do momento fora catastrófica. Não podia ter escolhido um momento pior para abandonar a sua prudência habitual.

O que aconteceria se Gio a engravidara? Não queria pensar nas consequências de ter relações sexuais desprotegidas. Sobretudo, quanto tinha uma relação bastante má com o possível pai. Sentiu um calafrio de medo e pensou que tinha de ser forte. Acontecesse o que acontecesse, não podia fazer nada para mudar aquilo. Enquanto isso, o melhor seria seguir em frente como se nada tivesse mudado.

– Por favor, leva-me ao hotel, chama um táxi ou faz alguma coisa – insistiu ela, com desespero.

– Ainda não me contaste o que fizeste ao Beppe...

– Não fiz nada! – exclamou Ellie, com uma fúria repentina produzida pelos problemas de consciência.

Ao fim e ao cabo, se Beppe Sorrentino estava inquieto era porque lhe contara alguma coisa que o alterara. Fora egoísta e irrefletida. Agarrara-se ao seu direito de saber quem era o pai e nem sequer pensara no custo que essa informação podia ter para os outros. Pior ainda, Gio era o afilhado de Beppe e Beppe não sabia que ela já conhecia Gio e que, naquele momento... tinha uma relação com ele. Porém, tinha uma relação com ele? Fez uma careta porque essa expressão, ter uma relação, implicava uma profundidade que o seu encontro não tinha. Tinham tido um encontro sexual néscio e irresponsável, mais nada. Não tinham uma relação nem teriam, provavelmente. O que lhe parecia essa certeza? A resposta era que essa certeza a entristecia e lhe feria o coração e o orgulho. Com Gio, estava a aprender, lenta e dolorosamente, que era mais vulnerável do que pensara. Cometera um erro com ele há dois anos e, quase incrivelmente,

cometera outro maior agora. Era possível que Gio arriscasse no terreno do sexo, mas ela não arriscava com nada do que fazia. Também não era... esporádica.

– Ellie... – insistiu Gio, com impaciência.

Ellie levantou-se para sair para o vestíbulo.

– Não posso falar do Beppe contigo. Lamento muito, mas é assim...

– O que me escondes?

Uns olhos escuros com um brilho de receio cravaram-se no rosto de Ellie, que ergueu o queixo.

– Todos têm segredos, Gio. Segredos que não querem contar. Falar deles nem sempre é o mais acertado – tentou raciocinar ela.

– O Beppe não tem segredos, não é esse tipo de homem – replicou Gio, com firmeza. – Então, se não estás a julgar, estás a pregar. És assim tão perfeita?

– Não, sei que não sou perfeita e não estava a pregar. Só estou a dizer em voz alta o que penso. Neste momento, estou um pouco desorientada – reconheceu ela.

Os olhos ardiam-lhe de repente e questionava-se se a viagem a Itália não teria sido um erro monumental. Talvez devesse ter deixado o passado onde estava, talvez devesse ter feito um esforço maior para dominar a curiosidade. Só sabia que se sentia muito culpada por Beppe se ter alterado com a sua visita. Tratara-a com amabilidade, mas era possível que não a merecesse.

– Vou levar-te ao hotel – murmurou Gio, inexpressivamente.

Chegara à conclusão de que precisaria de uma motosserra para tirar alguma coisa a Ellie se ela não queria contar-lhe. Que segredos ocultava? Os que lera no relatório da investigação ou havia mais?

– Obrigada, tenho um en...

Ellie conseguiu não acabar a palavra, mas viu que Gio cravava os olhos pretos nela e sentiu que lhe ardiam as faces.

– Tens um encontro? – perguntou Gio, com um gemido de incredulidade.

Ela estava na penumbra do vestíbulo. Era uma beleza resplandecente com um cabelo despenteado de caracóis acobreados, uma pele de alabastro e uma boca que teria tentado um santo. Não era um amante possessivo, porque não se apegava a ninguém, já estava escaldado. Então, porque se enfurecia com a mera ideia de Ellie poder... ser íntima com outro homem? Perturbado com esse arrebatamento de raiva, sufocou-o implacavelmente e

cerrou os dentes.

– Conheci um rapaz na vila e convidou-me para jantar – explicou ela, precipitadamente.

– Como se chama? – perguntou ele.

– Bruno Negretti.

– Acho que, uma vez, fez um trabalho para o Beppe. É advogado?

Ellie, muito incomodada, assentiu com a cabeça. Gio cerrou mais os dentes e fez-se um silêncio sepulcral. Esperava que ele se opusesse? Não era assim que as mulheres absorviam os homens? Não lhes impunham condições e faziam com que ele quisesse e exigisse mais?

– Não tenho muita vontade de ir jantar neste momento, mas também não gosto de defraudar as pessoas...

Os olhos de Gio deixaram escapar um brilho dourado, como o de um pôr do sol.

– Então, cancela o jantar com ele e passa a noite aqui comigo.

Ellie ficou gelada e os seus olhos verdes percorreram as feições bonitas e sombrias.

– Passar a noite aqui? – repetiu ela, trémula.

– Teria muito mais sentido.

Ela baixou o olhar num gesto defensivo.

– Nada disto faz sentido.

– Temos todo o sentido do mundo. Há dois anos, decidiste que sou um sacana e continuarias a pensar assim, mesmo que salvasse ao mundo – acusou Gio.

– Muitas mulheres teriam pensado o mesmo depois daquela noite no casamento, mas não vamos entrar por aí. – Ellie abriu a porta principal compacta. – Já temos muitas divergências sem termos de remexer o passado. Não posso ficar, Gio...

– Ellie... Quando saberás?

Ellie baixou a cabeça para se sentar no banco do passageiro do desportivo.

– Dentro de dez ou catorze dias – respondeu ela. – Farei um teste assim que puder.

Gio ficou muito quieto. O que faria se Ellie estivesse grávida? Tremeu ao lembrar-se das suas origens sórdidas e soube, nesse instante, que qualquer sacrifício seria pequeno para o seu filho poder olhar para a sua infância com orgulho e satisfação. Ele não soubera o que era respeitar-se até Beppe e Amalia se terem interessado por ele. Como era mais

inteligente do que os que o rodeavam, só atraía os valentões. Como também era mais bonito quando era criança, também atraía os... abusadores. O seu rosto forte e afiado estava gravado com as rugas das experiências e das lembranças mais amargas. Já como adulto, era imensamente rico, mas nunca se esquecera das suas origens humildes naquela pocilga.

Ellie levantou o olhar para ver o que impedia que Gio entrasse no carro. Ficou atônita ao ver que Gio e os seus dois metros soberbos de músculos podiam parecer quase vulneráveis. Repreendeu-se por pensar essas coisas assim que ele pôs o carro a trabalhar, mas não podia esquecer as recriminações dele devido à sua tendência a julgá-lo. Sabia, com certo aborrecimento que, algumas vezes, as coisas lhe pareciam pretas ou brancas, mas, embora tivesse aprendido ao longo da sua vida que tinha de cumprir as regras, também aprendera a entender porque as pessoas faziam as coisas que faziam. Supunha que ainda reprovava Gio devido ao que acontecera há dois anos porque se escandalizara com a sua vida sexual variada. Ela nunca forcara os limites mais convencionais e, provavelmente, era demasiado conservadora para um espírito tão livre e apaixonado como Gio.

Gio estacionou no estacionamento do hotel, olhou para Ellie e reparou na delicadeza das suas feições e em como se notavam bem naquela pele tão branca. Estava cansada e ele conseguia vê-lo, por isso, conteve a necessidade de fazer outro comentário sobre Beppe. Também não pensou no encontro dela para sair para jantar nem reconheceu que a ideia o corroía por dentro. Ao fim e ao cabo, não era possessivo ou ciumento. Nunca se apegava a uma mulher ou, pelo menos, não o fazia há quase dez anos. Recordou com um calafrio que quando se apegara, a Franca, fora um desastre, uma mistura de traição, infidelidade e cobiça. Aprendera da pior maneira que amar podia ser um bilhete de ida para o inferno.

Não, não era ciumento. Recordou-se com firmeza que já sabia que Ellie era uma caçadora de fortunas. Só se preocuparia com o futuro de Ellie Dixon se ficasse grávida dele. A curto prazo, ela só lhe interessava porque queria descobrir a relação misteriosa com Beppe.

Saiu do carro e deu a volta para abrir a porta do acompanhante. Ellie, perturbada com essa gentileza inesperada, saiu, olhou com cautela para aqueles olhos com brilhos dourados e sentiu um peso na consciência atroz. Fora francamente desagradável na questão da relação sexual, embora ele tivesse sido cortês e atencioso. Se tivesse em conta que lhe proporcionara

dois clímax, fora injusta. Ficou vermelha como um tomate.

– *Che cosa...* O que se passa? – perguntou Gio, devido àquele silêncio tenso.

– Não devia ter dito o que disse em tua casa – replicou, antes de perder a coragem. – Foi um abuso... Nós, quero dizer, como eu era... Bom, já sabes o que quero dizer. Mas foi bom, quero dizer...

Gio quis rir-se, mas conteve a vontade porque estava muito envergonhada, muito diferente de como estivera com ele por causa do sexo.

– Está bem...

– Lamento muito. Estava... Estava incomodada.

Ellie virou-se e entrou no hotel com um rebolar natural das ancas e com a saia a formar redemoinhos nas pernas esbeltas. Assim, sem mais nem menos, ele sentiu outra ereção pétrea e cerrou os punhos. Enlouquecia-o, mas já a tivera e devia ser o ponto final. Uma vozinha repetia que não a desejava, que tinha de se afastar.

Voltou a entrar no carro. Ouviu o som que Ellie deixara escapar quando a beijara, viu o seu ar de surpresa e êxtase quando chegara ao orgasmo, recordou o toque delicioso da sua pele sedosa... Praguejou e pegou no telemóvel. Precisava de uma mulher, de qualquer mulher, desde que não fosse Ellie.

Ellie, atordoada, foi tomar banho. Não esqueceria o que fizera. Também não esqueceria o olhar de incredulidade de Gio no estacionamento. Voltou a corar. Devia ter-se calado, não devia ter dito nada, devia ter deixado essa intimidade fugaz e as suas lembranças na casa da colina, onde tinham de estar. Fora um momento errado que também não era para tanto, só sexo. Embora não fosse apenas sexo se ficasse grávida. Porém, recusou-se a pensar nisso e a preocupar-se antes de saber se tinha algum motivo para o fazer.

Mesmo assim, queria justificar-se com alguém pela primeira vez na sua vida e pensou em ligar a Polly. Não achava que Polly contasse a Rashad, o marido, mas também não podia ter a certeza. Tapou a cara com as mãos molhadas. O *stress* das últimas quarenta e oito horas amontoava-se e misturava-se com todas as dúvidas e inseguranças que tinha. Ainda não sabia como acabara na cama com Gio, mas sabia que quisera tanto que acontecesse como ele. Também a incomodava não poder culpá-lo. Não a

enganara, não a embebedara nem a seduzira, reconheceu, com tristeza.

Beppe ligou-lhe para o telemóvel e pediu que se encontrasse com ele no dia seguinte na clínica de um médico nos subúrbios de Florença. Ofereceu-se para a levar de carro, mas ela garantiu-lhe que tinha um navegador por satélite e que adoraria conduzir. Também a convidou para jantar e ela aceitou, pois desejava conhecê-lo melhor, independentemente do que Gio achasse. Deveria contar a Beppe que conhecia Gio? Seria mais prudente manter um silêncio discreto? Pensou nisso enquanto se vestia para jantar com Bruno.

Foi uma noite longa. Bruno cumpria todos os requisitos para ser um homem atraente, mas era aborrecido ao contar-lhe as suas ambições profissionais e perguntar muito pouco sobre ela. Beijou-a na face à porta do hotel e voltou a convidá-la para sair, mas ela inventou uma desculpa cortês e entrou precipitadamente para se deitar o mais depressa possível.

Quando abriu a porta do seu quarto, deixou escapar um som de susto e recuou ao ver a luz acesa na mesa de cabeceira e o homem que estava recostado na cama.

– Pode saber-se como entraste? – perguntou ela.

Gio levantou-se com agilidade da cama e espreguiçou-se com indolência e sem se alterar com a atitude dela.

– Não foi difícil. Os empregados sabem que nos conhecemos bem... – Ela corou de humilhação. – Além disso, tenho uma participação considerável neste hotel.

– Não nos conhecemos bem! – contradisse Ellie, enquanto atirava a mala para a poltrona.

Gio encolheu os ombros com elegância e tirou-lhe importância em silêncio. Tinha uma beleza natural, como a de um anjo sombrio que lhe tinham enviado para a tentar, apesar de estar despenteado, ter barba incipiente e lhe faltar a gravata. O coração acelerara. O cansaço remetera misteriosamente e tinha a respiração entrecortada como se tivesse subido uma encosta a correr. Além disso, tinha a sensação desatinada de estar a derreter-se onde ainda desejava a sua energia sexual imponente. Porém, não desejava isso outra vez, pois não? Não era o momento mais indicado para pensar nisso, quando Gio estava à frente dela, porque todo o corpo se alterara como se tivesse pressionado um botão para ativar a supersensibilidade. Os mamilos tinham endurecido e tinha as coxas apertadas como se quisesse sossegar as palpitações.

– E pode saber-se o que fazes aqui? – perguntou Ellie, com rigidez e

sufocando essas reações e esses pensamentos insubmissos.

– Queria certificar-me de que ias voltar sozinha – replicou Gio.

– E o que te importa?

– Hoje, tinhas estado comigo... – murmurou Gio.

– O que não significa que te pertença – replicou Ellie, com um gélido brilho nos olhos.

– Mesmo assim – ele voltou a encolher os ombros –, tê-lo-ia matado às pauladas se o tivesses trazido para aqui.

Ellie afastou os lábios e voltou a fechá-los porque não podia dizer grande coisa.

– Fazes essas coisas com frequência? – perguntou ela, ao fim de uns segundos e sem conseguir conter a curiosidade.

– Chegar à violência? Foi algo bastante habitual. – Gio passou ao seu lado com um brilho dourado nos olhos e chegou até à porta. – Tinha de me proteger, estava num ambiente hostil.

– Vais-te embora?

Ela perguntou-o com confusão, mas poderia ter mordido a língua, pois parecia que queria que ficasse e não era assim.

– Sim... – confirmou Gio, olhando para ela de uma forma ardente. – Acho que, esta noite, não vais ter sorte, *principessa*.

A fúria apropriou-se dela. Ficaria para ir para a cama com ela, mas não para conversar, para beber qualquer coisa ou para fazer algo civilizado. O silêncio claustrofóbico do quarto aumentou a sua tensão nervosa. Passou a ponta da língua pelo lábio inferior para o humedecer.

– Adoro a tua língua – sussurrou Gio, com o olhar fixo nos lábios cor-de-rosa carnudos.

Ellie sentiu pele de galinha e um calafrio nas costas. Por um instante disparatado, imaginou que o empurrava para o deitar na cama e demonstrar que não sabia tudo sobre ela. Então, pestanejou e a Ellie no seu juízo perfeito voltou a tomar as rédeas e abriu a porta para que ele se fosse embora mais depressa.

– Às vezes, fazes com que tenha vontade de me rir, *mia bella* – comentou Gio, sem disfarçar o tom brincalhão, ao ver que ela abria a porta precipitadamente para que ele se fosse embora o quanto antes possível. – Esta noite, quando pensares em mim na cama, estarás a beijar-me ou a bater-me?

Ellie respirou fundo de tal forma que quase explodiu enquanto observava que Gio se afastava pela escada sem parecer alterado. Nunca

conhecera alguém como Gio Benedetti e, provavelmente, era por isso que a incomodava cada vez que o via. Era malvado, era insolente, era incrivelmente sensual e descarado e tinha essa confiança em si próprio tão magnética que era abrasadora. Ela era demasiado cortês e coibida para lidar com ele. Cerrou os punhos com força.

Além disso, também a envergonhava. Os empregados do hotel tinham-na visto sair com Bruno Negretti e sabiam que Gio estivera à espera no seu quarto até ela voltar. Gio fizera com que parecesse uma devoradora de homens? Foi para a cama a pensar que Gio, ao persegui-la, se é que podia chamar-se assim, fazia com que parecesse uma mulher muito mais apaixonante do que era realmente. Mesmo assim, gostaria de o matar por ignorar as aparências, por ser tão arrogante e insondável.

Porque teria matado Bruno se o tivesse levado para o seu quarto? Teoricamente, fora uma brincadeira, embora ela não tivesse percebido o tom de humor. Não conseguia acreditar que Gio podia estar ciumento ou reivindicava algum direito sobre ela. Não era desses. Além disso, o enigma da sua personalidade fazia com que não parasse de pensar e não conseguisse relaxar e adormecer.

Na manhã seguinte, encontrou Beppe na entrada de uma clínica perto de Florença. Parecia muito tranquilo e não tinha nenhum sinal de angústia ou tensão, nem na sua expressão nem no seu tratamento amável e natural. Gio exagerara? Entraram e tiraram umas amostras. Beppe também entregou um pequeno camafeu de ouro que, conforme reconheceu, tinha uma madeixa do cabelo do irmão. Ellie corou e não disse nada. Ao fim e ao cabo, a mãe, Annabel, dissera que qualquer um dos dois podia ser o pai da filha.

– Saberemos dentro de vinte e quatro horas – comentou Beppe, com satisfação. – E, agora que te tenho na minha amada Florença, vou mostrá-la como deve ser.

Aliviada pelo seu humor e pela oferta bem recebida de a acompanhar, relaxou com uma chávena de café e um bolo numa praça banhada pelo sol e reconheceu que já conhecia Gio, que o conhecera no casamento da irmã.

O homem mais velho não disfarçou o seu espanto.

– Devias ter-mo dito...

– Para ser sincera – interrompeu Ellie, precipitadamente –, o Gio e eu não nos entendemos muito bem e foi um conhecimento que nenhum dos dois quis aprofundar.

– Surpreende-me. – Beppe suspirou. – As mulheres sentem-se atraídas pelo meu afilhado. Evidentemente, já o viste aqui.

– Apareceu no meu hotel no primeiro dia, mas não lhe contei nada.

Ellie corou ao ter de pensar em tudo o que fizera com Gio depois daquele dia, mas fora um alívio imenso reconhecer que o conhecia.

– O Gio pôs-me num pedestal há muito tempo – confessou Beppe. – Se tivermos uma relação... direta, será um choque muito grande para ele e foi por isso que ainda não lhe contei nada.

– Eras amigo dos pais dele? Sei que é adotado.

– Não, a minha esposa e eu não conhecemos os pais dele – reconheceu Beppe, com desdém, antes de lhe perguntar onde queria ir e mudar de conversa.

Beppe levou-a a ver as esculturas de Miguel Ângelo na Galleria Dell'Academia e, depois, foram ver os seus quadros favoritos dos Uffizi. Ela reconheceu com sinceridade que não sabia absolutamente nada sobre arte, mas isso não foi um inconveniente para ele. Quando gostava de alguma coisa, perguntava-lhe o motivo para, evidentemente, tentar formá-la. Também lhe falou um pouco do seu passado familiar. O *palazzo* era da família há várias gerações e a prosperidade dos Sorrentino cimentara-se, ao princípio, na elaboração de uns vinhos de fama internacional. Vincenzo, o seu irmão mais novo, ocupara-se dos vinhedos. Ele trabalhara como catedrático universitário até a doença da esposa o obrigar a reformar-se. A partir desse momento, envolvera-se mais nas tarefas de beneficência da sua esposa, que se tinham concentrado sobretudo nas necessidades das crianças desfavorecidas ou incapacitadas.

– A que horas é o jantar? – perguntou Ellie, quando Beppe a levou finalmente para o seu carro.

Reparou que ele tinha a respiração entrecortada e estava a suar e repreendeu-se por deixar que fizesse tantas coisas num dia quente quando estava claro que não estava habituado a fazer exercício físico e que preferia as atividades dentro de casa.

– Às nove e será formal – avisou Beppe. – Embora não devas preocupar-te se não tiveres nada elegante, porque todos entenderão que estás de férias.

Ellie sorriu ao recordá-lo enquanto voltava para o hotel. Graças às compras de Polly, tinha um vestido lindo pendurado no armário. Na verdade, embora a moda nunca lhe tivesse interessado, era um vestido que adorava porque era muito feminino. Era de renda cor pêssego, uma cor

atrevida para uma ruiva, mas ficava muito bem com a sua pele clara e o seu cabelo resplandecente. Tomou banho e maquilhou-se minimamente, embora com muito esmero, enquanto se questionava se Gio estaria no jantar. Incomodar-se-ia que tivesse contado ao seu padrinho que já se conheciam? Fora impossível calar-se porque Beppe era muito franco e direto e não queria ter segredos com ele.

O cascalho que havia à frente da casa de Beppe estava cheio de carros luxuosos, o que a perturbou, pois não esperava que o jantar fosse tão elegante e concorrido. O medo de ir demasiado bem vestida desapareceu assim que a acompanharam a uma sala cheia de grupos de convidados que se riam e conversavam. Beppe recebeu-a, pôs-lhe a mão no seu braço e levou-a para o grupo onde estava. Ellie já relaxara ao fim de uns minutos.

Então, a porta abriu-se outra vez e ela olhou para lá para ver quem chegava. Viu Gio que entrava com uma loira alta agarrada ao seu braço. Ficou atónita e não pôde fazer nada para o evitar. O sorriso apagou-se, sentiu um nó no estômago e, de repente, sentiu-se ridiculamente trémula e com náuseas. Podia saber-se o que se passava? Não tinha nenhuma relação com Gio, pois não? Porque haveria de se importar por ele se exhibir com outra mulher? Ao fim e ao cabo, soubera desde o começo que era um mulherengo infame e sem escrúpulos.

Gio ficou boquiaberto ao vê-la porque Beppe não lhe dissera que estaria lá. Também não ajudava que estivesse linda com um vestido cor de pêssgo que se ajustava com delicadeza aos seios e às ancas ao mesmo tempo que realçava a sua pele branca como a porcelana e o cabelo cor de cobre. A sua reação física foi imediata e a protuberância recordou-lhe que, com ela, não servira essa máxima de esquecer uma mulher depois de ter ido para a cama com ela.

Ellie usava um alfinete de diamantes em forma de uma estrela e era a única joia que usava. Então, ela tinha o alfinete que, segundo o tio, lhe roubara, o alfinete que, segundo ela dissera depois da morte da avó, desconhecia. Para ele, era uma lembrança muito oportuna do tipo de mulher com quem estava a lidar. Tinha de ser uma mentirosa e uma caçadora de fortunas ambiciosa que aprendera a parecer uma médica compassiva e abnegada.

Foi diretamente até Beppe e apresentou a acompanhante impressionante, que não desviava o olhar do vestido de Ellie. A loira chamava-se Carmela, era indiscutivelmente bonita e tinha um estilo muito diferente do de Ellie. Era mais alta e mais magra, tinha os olhos azuis e um cabelo loiro,

comprido, liso e sedoso. O seu vestido deixava ver muito mais do que o dela, mas, claro, tinha um corpo perfeito e podia mostrá-lo. Uma perna comprida e esbelta aparecia pela ranhura e o decote vertiginoso mostrava grande parte de uns seios abundantes e erguidos. Decidiu que era impressionante, mas um pouco grosseira, embora se sentisse atordoado por essa opinião tão mal-intencionada lhe ter ocorrido tão depressa.

– Naturalmente, não é preciso apresentar-te a Ellie – comentou Beppe, num tom aveludado. – Já sei que a conheceste no casamento da irmã dela.

Gio sentiu-se incomodado e a cólera começou a apoderar-se do seu corpo imponente enquanto dirigia o olhar para Ellie, que olhou para outro lado e ficou vermelha como um tomate devido aos remorsos. Apercebeu-se de que Ellie decidira ser franca com Beppe e o pusera no meio. O que mais teria contado ao padrinho sobre ele? Foi incapaz de esboçar um sorriso devido à raiva e à frustração de não poder responder com a verdade.

– Não gostamos um do outro – interveio Ellie, com certa brusquidão. – Foi por isso que não disse nada.

Gio passou da raiva ao espanto devido a essa aparente intervenção em sua defesa e olhou para ela com os olhos semicerrados pelo receio.

– Não devemos confiar nas primeiras impressões – declarou ele, antes de se virar para se dirigir a alguém que falara com ele.

Ellie sentia-se espantada por haver alguma tensão entre Beppe e Gio devido a algo que ela dissera. A viagem a Itália e a busca do seu pai começavam a parecer um campo de minas que tinha de atravessar.

– O vestido da ruiva é um Lavroff! – cochichou Carmela, enquanto Gio lhe dava um copo.

Gio olhou com cara de pasmo para a modelo.

– Esse modelo foi o centro das atenções no desfile de Lavroff que fiz na primavera.

Um vestido de um estilista famoso tinha de ser um pouco caro para uma médica residente, embora talvez não fosse para uma médica a quem uma paciente moribunda deixara tudo o que tinha, pensou Gio. Estava a começar a pensar que desvalorizara Ellie e todos os problemas que podia causar. Conseguia ver que já conquistara Beppe e a sua mão descansava com naturalidade no braço do homem... Gio respirou fundo e o seu rosto atraente ficou tenso devido ao esforço para se dominar. Seria isso que tinha de reear?

Paradoxalmente, não pensara nesse risco porque Beppe, que ele

soubesse, nunca procurara a companhia de mulheres. Porém, Beppe conheceu a mãe de Ellie e, se fora tão bonita como a filha, não teria sido fácil esquecê-la. No entanto, naquela época, Beppe estivera bem casado e, neste momento, não estava e também não fazia nada para disfarçar que desfrutava da companhia de Ellie. Ficou num sítio de onde podia observar o padrinho e ficou perplexo com a confiança que já via no casal. Ellie sussurrou alguma coisa ao ouvido de Beppe e ele riu-se enquanto lhe dava umas palmadas na mão e se dirigia com ela para outro grupo de convidados.

Carmela, agarrada ao seu braço, continuava a balbuciar com inveja sobre o vestido de Lavroff. Ele não estava interessado. Costumava pagar os vestidos que as suas amantes usavam, mas não se preocupava com o nome do estilista e o preço e considerava-o como o preço a pagar para ter uma vida sexual aceitável. Estava plenamente concentrado em Ellie. Ouviu a sua conversa inteligente, ouviu que se ria várias vezes e descobriu que já visitara o museu dos Uffizi com Beppe. Certamente, não precisava que lhe ensinassem a melhor maneira de agradar a um homem solitário e muito mais velho do que ela que amara a arte durante toda a sua vida. Porém, depressa se aperceberia do erro que cometera se persistisse nessa trajetória tão ambiciosa. Devastá-la-ia antes de permitir que fizesse alguma coisa a Beppe Sorrentino.

O que aconteceria se estivesse grávida? Gio recuou um passo quando Carmela tentou aproximar-se dele. Olhou para Ellie com atenção enquanto os acomodavam na mesa da sala de jantar e tentou imaginar aquele corpo volumoso com o seu filho. A ideia desassossegou-o, mas também o emocionou de uma forma curiosa, o que só conseguiu desassossegá-lo ainda mais.

Ellie quase não tocou na comida. Ouviu dissimuladamente as opiniões frívolas de Carmela sobre a mudança climática e o bronzeado solar, mas também se apercebeu de que Gio não ouvia a acompanhante e que era como se lhe parecesse um barulho incómodo. Também o observou, viu que tinha os dentes cerrados e que a tensão lhe causava umas cavidades por baixo das maçãs proeminentes do rosto. Sabia que estava furioso com ela. Gio tinha um mau feitio como um lança-chamas e estava a bulir como um caldeirão de óleo.

Porém, ela também estava zangada. No dia anterior, estivera com ela e, à noite, esperara por ela no quarto do hotel, mas, naquele momento, estava com uma modelo loira que só tinha uma célula no cérebro, mas muito

faladora. Porque estava magoada? Porque a magoava que a rejeitasse como mulher? Ao longo dos anos percebera, várias vezes, que os homens não queriam mulheres independentes e com uma profissão que lhes interessava. Ela não era suficientemente feminina, não era suficientemente delicada, conseguia lidar com uma aranha, mas os ratos faziam com que gritasse. Era teimosa, gostava de contrariar e era difícil de contentar. Além disso, ele também não cumpria os seus requisitos. Então, porque estava a sofrer? Porque haveria de querer um prostituto impressionante, arrogante e desavergonhado na sua vida? Era demasiado sensata e rígida para um homem da sua índole. O desejo desenfreado levava-a para os seus braços e recebera o que merecia, admoestou-se.

Beppe levou Ellie e os outros convidados para verem o último quadro que comprara. Gio e Carmela juntaram-se ao grupo. Carmela questionou-se, em voz alta, se a mulher retratada, do século XVII, tinha extensões no cabelo. Beppe ia levá-los para a biblioteca para lhes mostrar mais qualquer coisa, mas ela desculpou-se educadamente ao seu ouvido e foi à casa de banho. Molhou a cara e fez uma careta de desgosto quando viu a sua expressão de inquietação no espelho. Porque é que Gio tinha de dominar tudo, até os seus pensamentos, quando estava perto?

Saiu e encontrou Gio à espera dela, com o rosto afiado, tenso e sombrio.

– Quero falar contigo.

– Mas eu não quero falar contigo – replicou ela.

Então, rodeou-lhe o pulso com uma mão e tirou-a da galeria com colunas.

– És um valentão, Gio!

Ellie esfregou o pulso quando a soltou como se estivesse arroxado. Gio empurrou-a contra a parede através do sistema simples de se aproximar para que ela não conseguisse ver o jardim e tivesse de levantar a cabeça para olhar para ele.

– O que disseste ao Beppe sobre nós?

– Pouca coisa. Que nos conhecemos no casamento e que apareceste no hotel no dia em que cheguei – respondeu Ellie. – Não lhe falei das tuas ameaças nem nada do estilo. Só queria esclarecer o ambiente. Quero dizer, porque haveria de enganar o Beppe fingindo que não nos conhecíamos? Não tenho nada a esconder...

– O relatório que me entregaram sobre ti não diz o mesmo – recordou-lhe Gio, num tom cortante.

Ellie deu um salto. Estava plenamente convencida de que qualquer

investigação metódica sobre o seu passado demonstraria que era inocente.

– Não tinha intenção de criar nenhum conflito entre ti e o Beppe. Não tive em conta essa possibilidade – reconheceu ela, com um certo remorso –, mas lamento ter-te envergonhado assim...

– A sério? – perguntou ele, com sarcasmo.

Gio arqueou uma sobrancelha e olhou para ela fixamente. Então, apercebeu-se de que a mera insinuação do nascimento dos seios era mais sensual do que mostrá-los com generosidade. Lembrou-se da reação que tivera àquelas curvas no dia anterior e voltou a olhar para a cara dela com a esperança de baixar a temperatura.

– Acho que me mentiste intencionalmente para causar algum problema – acrescentou ele.

– Pensas isso porque pensas sempre o pior de mim – replicou ela, com desespero. – Qual é exatamente o teu problema, Gio?

Passou-lhe a ponta de um dedo pelo lábio inferior e viu que o seu coração acelerava.

– Tu és o meu único problema, *principessa* – declarou, num tom rouco.

– Tivemos o nosso momento e, em teoria, devia ter sido o ponto final.

– É o ponto final!

Estava furiosa porque estava a encurralá-la quando fora ao jantar com outra mulher.

– Não é para mim – reconheceu ele, enrolando um caracol cor de cobre num dedo. – Eu não acabei.

– Eu, sim... – insistiu Ellie, num tom fraco. – Estás a arruinar-me as férias.

– Digo-te quando tivermos acabado.

Gio inclinou-se e mordeu-lhe levemente o lábio inferior. Ela tremeu dos pés à cabeça ao sentir essa descarga elétrica que lhe causava uma reação em cadeia. Ele inclinou mais a cabeça e beijou-a com um arrebatamento sexual que toldou o julgamento de Ellie. Fraquejaram-lhe as pernas e apoiou-se na parede enquanto se derretia.

– Gio! – exclamou alguém, num tom firme.

Ambos ficaram gelados e Gio levantou a cabeça, afastou-se e olhou para o seu padrinho com a intenção de interpretar a sua expressão. Beppe parecia zangado e protetor. Ellie endireitou-se e corou devido à angústia que se apoderou dela.

– A Carmela está à tua procura – continuou Beppe, inexpressivamente.

– Devias levá-la a casa e também devias manter-te afastado da Ellie.

Gio soprou.

– Sempre ouvi os teus conselhos, Beppe, mas também abri o meu próprio caminho.

Gio fez um gesto com a cabeça a Ellie e ao padrinho e voltou para dentro. Pareceu-lhe que não estava alterado com a cena que Beppe interrompera. Contudo, Beppe também não parecia incomodado.

– Não tenho o direito de me meter onde não sou chamado – disse Beppe a Ellie, com certo desagrado. – Amo o Gio como um filho, mas também o conheço. Teve algumas experiências desafortunadas com mulheres quando era jovem e aconselharia a que te mantivesses afastada dele. Brinca com as mulheres, não as leva a sério. Vai magoar-te e odiaria se fosse assim. Se fores a minha sobrinha, ou até a minha filha, verias o Gio com frequência e isso...

– Seria um problema – concluiu ela, num tom pesaroso. – Não faz mal, Beppe. Não te preocupes, já tinha percebido isso sobre o Gio. Sou crescidinha e sei cuidar de mim própria.

Não viram nem Gio nem Carmela quando voltaram para ao pé do resto dos convidados. Ellie ficou até bastante tarde, mas insistiu em voltar para o hotel, embora Beppe lhe oferecesse o quarto de hóspedes. Conduziu devagar e pensativamente e questionou-se se voltaria a encontrar Gio no quarto. No entanto, daquela vez, não estava lá.

Deitou-se enquanto pensava no teste de ADN. Seria Sorrentino por parte do pai ou teria uma surpresa nesse sentido? Era bem possível que a mãe tivesse passado a noite com outro homem depois de Beppe a rejeitar. Logo saberia, mesmo que não tivesse conseguido adivinhar a identidade do seu pai.

Porém, como é que Gio reagiria se fosse uma Sorrentino? Não queria alterá-lo, mas também não ia desculpar-se por uma jogada do destino. Ela já estava a interrogar-se o que Beppe teria querido dizer quando falara de Gio ter tido «algumas experiências desafortunadas com mulheres quando era jovem», embora, claro, nenhum homem inteligente pudesse ser tão receoso e cético com as mulheres se não tivesse um motivo.

Além disso, o que importava? Reviveu essa dentada provocante no lábio e sentiu um arrepio que não deveria sentir. Deixou escapar um gemido, virou-se e pressionou a boca contra a almofada. Gio era tão potente e tóxico como um veneno e Beppe tinha razão, tinha de se manter afastada dele. Qualquer outra coisa seria aproximar-se diretamente do desastre porque Gio não tinha travão, não respeitava os limites... e, provavelmente,

ainda a respeitava menos.

Capítulo 6

Beppe ligou-lhe cedo e convidou-a para ir a sua casa. Ela suspeitou que tinha más notícias e tomou o pequeno-almoço sem pressa no pátio do hotel. Não queria ficar nervosa com o que não podia mudar-se. Beppe fora maravilhoso, fora afável e atencioso e queria agradecer-lhe. Poderia ter negado conhecer a sua falecida mãe, mas, pelo contrário, contara-lhe a realidade crua, embora isso tivesse remexido lamentações e lembranças que o envergonhavam.

Ellie foi de carro até ao *palazzo* e Adriano acompanhou-a até à galeria sombreada. Voltou ao fim de um minuto com café e bolachas. Beppe apareceu então, um pouco corado e com os olhos brilhantes. Olhou para ela atentamente e sorriu de orelha a orelha.

– Ellie... – Entregou-lhe uma folha de papel. – És minha filha e não consigo descrever o que significa para mim sabê-lo.

Beppe, muito entusiasmado, quase não conseguia beber o café e também não fez caso da formação médica dela quando lhe explicou, desnecessariamente, que o teste de ADN tinha uma fiabilidade de mais de noventa e nove por cento.

– Teria adorado se fosses minha sobrinha, mas descobrir que tenho uma filha depois de todos estes anos é uma felicidade inimaginável.

Ellie segurou-lhe as mãos por cima da mesinha redonda e apertou-lhas.

– Obrigada por dizeres isso.

– Digo-o de todo coração. A Amalia teve um filho morto algumas semanas antes de ter o derrame cerebral. Estávamos devastados. Porém, acho que não teria podido falar-lhe de ti quando estava viva. Tê-la-ia magoado demasiado e a minha aventura já a tinha deixado devastada.

– Como achas que o Gio aceitará a notícia? – perguntou Ellie, com a boca seca.

– Vem almoçar comigo e vou contar-lhe tudo. – Beppe deixou escapar um suspiro profundo. – Alegrar-se-á por eu estar contente, mas vai ficar

muito decepcionado quando descobrir que traía a Amalia. Se o tivéssemos adotado, como eu queria, ele teria sabido melhor qual era o seu lugar na família.

Ellie inclinou-se para a frente com o sobrolho franzido pela curiosidade.

– Quiseste adotar o Gio?

– Sim. Respeitarei a sua intimidade e não te darei muitos detalhes, mas ele não tinha pais nem um lar e eu quis acolhê-lo, mas a Amalia recusou-se a pôr outro filho no lugar que sempre lhe pareceu que pertencia ao nosso filho falecido. Além disso, havia algumas coisas na história do Gio que a inquietavam e não houve maneira de a convencer a mudar de opinião. Embora ele nunca tenha sabido que queria adotá-lo e a nossa contribuição para a sua vida tenha começado a ser menos direta à medida que ele ia crescendo. Aconselhámo-lo, certificámo-nos de que recebia uma boa educação e apoiámo-lo quando precisou, mas teríamos podido protegê-lo muito mais se o tivéssemos adotado e tivesse vindo viver para aqui connosco.

– Isso é uma desgraça, mas o Gio deu-se bem sozinho, não foi?

– Se o critério for a prosperidade, a sua fortuna alcançou umas proporções estratosféricas quando ganhou os contratos petrolíferos de Dharia. É um homem que se fez sozinho – acrescentou Beppe, com orgulho –, mas também é um homem que viveu uma infância traumática e uma adolescência muito complicada. Devia ter feito mais por ele.

– Parece-me que fizeste o que pudeste, dadas as circunstâncias – tentou tranquilizá-lo.

Essa referência à infância traumática e à adolescência complicada de Gio perturbava-a mais do que gostaria. Efetivamente, conseguia imaginar como essas experiências o tinham curtido e como teria trocado tudo por um lar que lhe desse carinho e proteção. Ao fim e ao cabo, ela também sabia o que era estar marcada pela falta de amor na sua infância. A avó não quisera criar as duas filhas ilegítimas da filha e fizera-o apenas porque Annabel lhe pagara generosamente para assumir essa responsabilidade. Quando acabara a entrada de dinheiro, porque Annabel ficara arruinada e estava doente, a avó não parara de se queixar amargamente do fardo que as suas netas eram.

– Acho que voltarei para o hotel – comentou Ellie, apesar do ar de desilusão de Beppe. – O Gio chegará em breve e ambos precisamos de um pouco de tempo para pensar. Tenho de assimilar muitas coisas, muitas mais do que esperava.

– Espero que faças as malas e venhas para aqui durante o resto das tuas férias – replicou Beppe. – Além disso, é possível que, algum dia, consigas chamar-me «papá».

Ellie foi-se embora com os olhos cheios de lágrimas. Sentia-se ridiculamente sentimental e, quando Beppe lhe deu um abraço à porta, fugaz e quase ousado, quase derramou essas lágrimas acumuladas. Estava disposto a ser o pai dela e ela estava atordoada com o choque e a felicidade. Preocupava-a que o mais provável fosse que Gio não quisesse celebrá-lo. Gio não gostava dela e não confiava nela. A notícia de que era a filha do seu querido padrinho ia ser um golpe para ele. Doer-lhe-ia que ela tivesse o vínculo com Beppe que lhe tinham negado? Deu-lhe calafrios e maravilhou-a por se sentir tão sensível com a ideia de Gio se sentir magoado.

Era ridículo, pensou. O imponente, curtido e colérico Gio não se sentiria magoado facilmente. Além disso, porque pensaria no que ele sentiria quando soubesse quem era o pai dela? O que importava? Ao fim e ao cabo, ela, naturalmente, não nascera quando Beppe e a mãe desgraçada tinham tido aquela aventura. Aparentemente, aquela aventura magoara muito todas as partes envolvidas, mas, depois de tantos anos, Beppe poderia começar a perdoar-se e ambos poderiam concentrar-se em formar uma relação. Fez a mala com essa convicção e foi à vila para matar um pouco de tempo enquanto Beppe falava calmamente com Gio.

Gio saiu de casa de Beppe a pensar no que o padrinho lhe contara. Tivera uma aventura adúltera e uma filha? Nunca pensara nessa possibilidade e mudava tudo, sobretudo, a sua posição. Também percebia, com amargura, que Ellie jogara muito bem as suas cartas ao não lhe dizer até ao fim o verdadeiro motivo por que estava em Itália. Na verdade, deixara-o sem opções. Beppe dissera-lhe claramente que o preocupava que tivesse intenções desonrosas para com a filha. Beppe não sabia que já chegara muito mais longe e, se descobrisse, acabaria a relação com ele. Pior ainda, se Ellie estivesse grávida, Beppe pegaria numa espingarda.

Tinha de tomar a iniciativa. Não era o momento de ficar sentado e hesitar sobre o que poderia acontecer ou não. Por ignorância, metera-se num buraco muito profundo e tinha de voltar a sair, ainda que, gostasse ou não, precisasse da ajuda de Ellie para o conseguir. O rancor começava a apropriar-se dele até dos cantos mais remotos do seu ser e não conseguia

sufocá-lo. Beppe fora a única família que tivera, o único adulto que lhe mostrara carinho, consideração e compreensão quando ainda era uma criança. Porém, naquele momento, Beppe tinha uma filha e ele, Gio, desonrara-a. Ia tornar-se a herdeira de Beppe e já não importava se era uma jovem ávida de dinheiro. Mais ainda, Beppe nunca acreditaria nas acusações contra Ellie porque não havia provas contra ela.

Ele contratara outra agência para verificar e atualizar a informação que lhe tinham dado. O relatório do hospital para doentes terminais desculpara Ellie e esclarecera que ela rejeitara a herança que uma das pacientes lhe deixara. A única mancha que restava do primeiro relatório era a história do seu tio rancoroso sobre o alfinete de diamantes e, como a polícia não quisera investigá-lo, podia rebater-se facilmente e considerá-la um rumor. Além disso, se Ellie tinha avidez pelo dinheiro, ele estava prestes a fazer com que se sentisse como se lhe tivesse calhado a lotaria.

Ficou atônito quando descobriu que deixara o hotel, até se aperceber de que o seu carro alugado continuava estacionado no mesmo lugar de sempre. O rececionista disse-lhe que Ellie fora à vila dar um passeio. Encontrou-a dentro de uma igreja antiga de pedra a observar um tríptico muito admirado da Virgem e do Menino.

Virou-se quando disse o seu nome e foi um fulgor de luz e movimento na penumbra. Usava um vestido azul como um diamante e a luz que entrava pelas vidraças caiu sobre ela como um arco-íris que realçou a cor acobreada do seu cabelo. Não teve tempo para disfarçar a inquietação que se refletiu no rosto ao vê-lo nem a rigidez do seu corpo quando ficou quieta.

Gio deu as boas-vindas ao maior desafio até ao momento e tentou não reparar naquela beleza natural que tinha e que muitas mulheres não conseguiam, por muito que tentassem. Ficou imóvel e dominou os seus instintos, igualmente naturais, que não lhe pareceram adequados para a Casa de Deus.

– Gio...

Ellie sussurrou-o com incerteza e incomodada com os nervos.

Ele, imóvel e silencioso, parecia um predador. Também se parecia com um anjo de pedra com umas maçãs do rosto definidas, um queixo implacável e uma boca apaixonada como um pecado. Os seus olhos deixavam escapar um brilho dourado devido à luz e ela pestanejou várias vezes para não se deixar afetar pela intensidade dele e ser cortês, mas distante. Queria tratá-lo como costumava tratar todos os homens. Porém,

como ia consegui-lo quando sabia que a procurara porque estava consternado e inquieto com o que Beppe lhe contara?

– És crente? – perguntou ele, com desenvoltura.

– Sim e tu?

– Fui criado por freiras num orfanato e passei mais tempo de joelhos do que na escola. Claro que sou – respondeu Gio, com ironia.

Foi como se lhe tivesse espremido o coração enquanto esclarecia algumas das coisas que se questionara para tentar entendê-lo melhor. Um orfanato...

– Imagino que estivesses sempre envolvido em confusões – comentou ela, sem pensar.

– Claro. O Beppe e a esposa angariavam fundos para o orfanato e faziam muitas coisas para ajudar as crianças, sobretudo, as incapacitadas. Ainda que esse centro já esteja fechado e as condições tenham melhorado muito no novo, o Beppe continua a tentar encontrar emprego para os mais desafortunados e oportunidades para estudarem. É um bom homem.

– Sim – concedeu Ellie.

– E tu és filha dele – acrescentou Gio, sem nenhuma emoção aparente. – Tenho de presumir que te pareces com a tua mãe porque não te pareces nada com o teu pai.

– Ela era alta, ruiva e de tez branca como eu. Acho que a minha estatura vem do Beppe – replicou ela, com desconforto. – Estás zangado porque não te contei o motivo por que queria conhecer o Beppe.

– Não tinhas de me contar o teu segredo – concedeu Gio, para surpresa dela –, mas tenho de confessar que não esperava ouvir o que me contou e não devia ter esperado. Algumas vezes, deve ter-se sentido preso no seu casamento, é humano.

– Não falemos disso – pediu Ellie. – Acho que não conseguimos entender essa situação se não passámos pelo mesmo...

– *Porca miseria!* É um comentário muito compassivo para a Ellie crítica! – exclamou Gio, arqueando as sobrancelhas com um espanto fingido.

– Tentemos não discutir. – Ellie olhou para ele com um ar de súplica. – Estás consternado e atónito, como podias não estar? Achavas que sabias tudo sobre o Beppe...

– Neste momento, não quero ouvir a Ellie crítica ou a médica – interrompeu ele.

Ela ficou vermelha como se lhe tivesse dado uma bofetada.

– Não sei se saberei ser outra coisa...

– Vamos beber um café e falar.

Gio estendeu-lhe uma mão com dedos compridos e finos. Ellie hesitou, como se um tubarão lhe tivesse mostrado os dentes. Então, obrigou-se a levantar o braço e a dar-lhe a mão. Sentiu um arrepio. Ele estava a tentar aceitá-la e, como estava a fazer esse esforço, ela também tinha de o fazer. A sua atitude perturbava-a por completo, pois esperara que Gio a condenasse com raiva e receio. No entanto, demonstrara-lhe imediatamente que se enganara.

Também esperara que Gio a levasse ao café que havia do outro lado da praça, mas sentou-a num carro que estava mal-estacionado lá fora. Então, compreendeu que esse café pequeno e concorrido não era o melhor sítio para ter uma conversa privada.

– Para onde vamos? – perguntou ela.

– A minha casa. Almoçaste?

– Não, mas também não tenho fome... Foram demasiadas emoções para um dia – redarguiu Ellie, com ironia.

Os dedos compridos e morenos rodearam o volante e ela lembrou-se de quando esses dedos percorriam o seu corpo com destreza e uma intenção muito clara. Respirou fundo, mas conseguia sentir a palpitação húmida entre as coxas e os mamilos endurecidos. Despojara-a de todas as convicções que tivera. Era muito mais sexualmente ativa do que imaginara, mas precisara que Gio a despertasse e libertasse essa parte de si própria. Era aterrador sentir-se tão vulnerável, ainda que, naquele momento, Gio estivesse a portar-se muito bem. Porque seria? O que estava a tramar? Porque não lhe dissera algo insultante ou irado?

– De quem era esta casa antes de a comprares? – perguntou ela, para quebrar o silêncio.

– De um antepassado do Beppe que alojava a amante aqui.

– Que estranho... – comentou ela.

– Sim, consideravam-no a ovelha negra de uma família muito respeitável e deixaram a casa abandonada depois de ele morrer porque nenhum familiar achava aceitável viver onde a amante vivera. Comprei-a num leilão e reformei-a. Gosto de ter algum lugar por perto quando visito... o teu pai.

Disse-o com uma clareza muito fria e ela teve de aceitar que, finalmente, tinha um pai e que o antepassado que tivera uma amante também era antepassado dela. Era como se, de repente, visse uma árvore

genealógica à sua frente e sorriu devido à sensação maravilhosa de segurança.

– Achava que ficavas em casa do Beppe quando o visitavas.

– Não, se quisesse ter companhia feminina. Não sei se percebeste, mas o Beppe é bastante antiquado, apesar da relação que teve com a tua mãe. É preferível que mantenha essa faceta da minha vida afastada dele.

Ellie saiu do carro e alegrou-se por poder mexer-se para parar de pensar no passado turbulento de Gio. Embora não lhe dissesse respeito, recordou-se, enquanto se dirigiam para a casa. Uma governanta recebeu-os à porta e Gio falou em italiano.

– Pedi para fazerem um almoço leve – disse Gio a Ellie. – Tens de comer.

Ela cerrou os dentes para responder.

– E sabes que tenho razão – adiantou-se Gio.

Levou-a para um terraço sombreado e puxou uma poltrona acolchoada para ela.

– Senta-te.

– És muito mandão.

Ellie sentou-se, tirou os sapatos e apoiou os pés na pedra fresca.

A governanta reapareceu com um sumo de laranja recém-espremido para ela e um copo de vinho para ele. Questionou-se se não lhe davam álcool porque podia estar grávida, mas não disse nada, pois ela própria evitara o álcool desde aquele momento de loucura. Gostava de o chamar assim porque um momento de loucura dava a entender que era um impulso isolado e impróprio dela, mas a verdade era que tudo o que acontecera com Gio era impróprio dela.

– De que queres falar? – perguntou ela, sem rodeios.

– Trouxe-te aqui para te propor uma coisa, mas não sei bem como fazê-lo – murmurou Gio. – Se me ajoelhar, vais rir-te de mim e, se te disser o que valho, vais chamar-me inculto.

Ela esbugalhou os olhos e olhou para ele fixamente. Ele tinha uma expressão sarcástica e ela franziu o sobrolho sem entender nada.

– O que... O que vais propor?

– Que te cases comigo, evidentemente.

– Enlouqueceste?

– Não. Estou a prever a reação do Beppe se descobrir que engravidei a sua filhinha maravilhosa – esclareceu Gio. – Também sei perfeitamente que não sabemos se estás grávida, mas, nas circunstâncias atuais, seria

muito pior esperar para ver o que acontece.

– Estás louco! – exclamou Ellie.

– Não. Sei que o Beppe nunca me perdoaria se estivesses grávida. Culpar-me-ia porque tenho uma reputação um pouco... indecente com as mulheres.

– Indecente? – Ellie inclinou a cabeça como se pensasse na palavra. – Achas que se espalharam os rumores sobre as tuas aventuras sexuais com três na cama?

Gio levantou-se com um salto, deixou escapar um gemido e olhou para ela com uma expressão de recriminação.

– Podes esquecer as críticas e ter uma conversa séria comigo?

– A verdade é que não – admitiu, com aborrecimento. – Não posso levar-te a sério quando queres que me case contigo.

Gio apoiou-se numa coluna de pedra como se fosse um leão encurralado e observou-a com um brilho dourado e abrasador nos olhos.

– Naquela noite, no hotel de Dharia, eu não convidei aquelas mulheres para o meu quarto, elas entraram através de um suborno.

– Já imaginava – reconheceu ela. – Calculei que não quisesses organizar dois encontros ao mesmo tempo.

– Não podes reprovar-me pelo que elas decidiram fazer.

– Não, mas o que fizeram e presumiram que podiam fazer diz muito da relação que já tinhas com elas – replicou ela, acaloradamente.

Gio praguejou em italiano, acabou o copo de vinho e pousou-o bruscamente na mesa.

– Não tinha nenhuma relação com nenhuma das duas! Fui para a cama com elas numa noite de bebedeira, anos antes do casamento. Reconheço que fiz coisas quando era jovem que não faria neste momento.

Ela fez um esforço para o seu rosto não denunciar a sua reação e assentiu.

– O facto de não teres tido vontade de experimentar não quer dizer que todos sejamos iguais... ou que sejas melhor do que eu – acrescentou ele, num tom de recriminação.

– Não acho que seja melhor do que tu, mas esse tipo de experiências não me atrai – reconheceu ela.

– Não vou dizer que me surpreendo, porque seria mentira. Agora que já esclarecemos isso e que posso afirmar que não tenciono envolver-te em nenhum tipo de perversão sexual, podíamos concentrar-nos no pedido de casamento?

- Porque haverias de querer casar-te comigo? – perguntou Ellie.
- Teria feito o mesmo se estivesses grávida. Nunca permitiria que uma mulher criasse o meu filho sem mim.
- Gio... Os pais solteiros ou separados são muito frequentes hoje em dia...
- Quero que o meu filho tenha tudo o que eu não tive. Um lar, um ambiente sólido, dois pais carinhosos, segurança... Não sabes como essas coisas são importantes até as perderes.
- Entendo e entendo o que sentes, mas há muitas probabilidades de não estar grávida.
- Não quero esperar e arriscar, porque o Beppe também me criticaria por isso e me consideraria um marido forçado. Não quero defraudá-lo. Seria muito mais fácil dizer-lhe que nos apaixonámos e que queremos casar-nos. Entenderá e não achará mau.
- Estou aqui de férias – recordou-lhe ela. – Dentro de três semanas, terei de voltar ao meu trabalho.
- Não me interporei entre ti e a tua profissão. Tenho bens em Inglaterra e, se tiveres de estar lá para acabar a tua formação, ajudar-te-ei a fazê-lo, grávida ou não.
- Ellie abanou a cabeça. Estava tão atónita que não conseguia pensar com clareza.
- Então, queres casar-te comigo para ajudar a cuidar de um filho que podíamos ter e para alegrar o Beppe. Entendi bem?
- Algumas vezes, tens uma língua viperina – repreendeu-a. – Quero-te para mim e pelos meus próprios motivos. Sabes! Sabes cada vez que me vês a olhar para ti, cada vez que te toco e tenho de fazer um esforço para parar.
- Ela ficou vermelha devido à intensidade sombria da sua voz e baixou a cabeça para reconhecer que ela também perdia o domínio sobre si própria quando estava com ele. Eram iguais. Um beijo, uma carícia e um momento de loucura não bastava para saciar esse desejo. Porém, o casamento era algo completamente diferente, era lavrar um futuro juntos, como casal, confiando um no outro.
- Não confias em mim – recordou-lhe ela. – Como podes casar-te uma mulher em quem não confias?
- Com cuidado. Tu também não confias em mim. O tempo e a compreensão tratarão disso. Tenho a certeza de que ambos tentaremos fazer com que o casamento corra bem...

– Muitas pessoas tentam e não conseguem.

– Mas, pelo menos, tentam – replicou Gio, sem hesitar. – Pelo menos, faríamos o que pudéssemos para o nosso filho ter um futuro mais prometedo.

– E se não houver um filho?

– Então, divorciar-nos-emos. Alegaremos que passamos muito tempo afastados por causa do teu trabalho absorvente como médica e as minhas viagens de trabalho – respondeu Gio, como se tivesse pensado em tudo. – Casamo-nos agora para que um filho hipotético não seja prejudicado. O princípio acertado, o ambiente acertado...

Ellie levantou uma mão para o calar.

– Entendo, mas viver contigo seria como viver por baixo de um vulcão à espera da erupção seguinte. És muito volátil.

– E tu não és? – perguntou Gio, enquanto a observava atentamente. – Se te tivesse todas as noites na minha cama, seria muito menos volátil...

Ela tentou beber o sumo, mas engasgou-se e teve de pousar o copo, vermelha como um tomate. Ele encolheu os ombros e lançou-lhe um olhar brincalhão.

– É verdade. O facto de o Beppe te ter avisado sobre mim não melhora o meu humor e faz com que seja quase impossível estar contigo.

– Nem sequer temos uma relação...

– Então, o que temos? És demasiado precavida. Arrisca-te comigo.

Ellie percebeu, para seu pasmo, que o desejava. Nunca fizera algo irrefletido, mas Gio tentava-a. O que aconteceria se estivesse grávida? Isso incomodaria Beppe e estragaria a sua relação com Gio. Seria quase impossível trabalhar e cuidar de um bebé sem um parceiro e um lar, mas como ia tomar essa decisão naquele momento, quando não sabia se estava grávida? Olhou para aquele rosto que lhe acelerava o coração. Era prudente deixar-se levar por essa parte de si própria ou arrepender-se-ia?

– Ellie...

– Não me precipito a tomar decisões tão importantes!

Gio esboçou um sorriso malicioso.

– Podíamos ir para a cama para pensar nisso...

– Outra versão de ter relações sexuais para nos reconciliarmos?

– Não estás zangada comigo neste momento. Estás a tentar decifrar-me. Contudo, sou muito elementar. Se não te desejasse, não to teria proposto.

Fez-se um silêncio vibrante e a governanta apareceu com uma bandeja de sandes muito pequenas e delicadas e uma chaleira. Pousou tudo à frente

dela.

– Pensa em como tudo seria simples se o fizermos à minha maneira – continuou Gio, num tom aveludado. – Dizemos que estamos apaixonados e casamo-nos. O Beppe tentaria dissuadir-nos, mas, no fundo, estaria contente. Além disso, o bebê, se o houvesse, seria uma alegria para ele.

Ellie pegou numa sandes enquanto ouvia Gio a elaborar os seus argumentos com tanta convicção. Pintara um panorama muito bonito. Se não se casasse com ele e, depois, descobrisse que estava grávida, quanto mais prejudicaria a sua relação com Beppe? Além disso, poderia manter-se à margem enquanto culpavam Gio quando ela sabia que era igualmente culpada? Mais ainda, se estivesse grávida, pensaria seriamente em casar-se com Gio, pois sabia melhor do que ninguém que era muito complicado criar um filho sozinha. Ao longo do seu trabalho, vira muitas mães solteiras que se matavam para conseguir trabalhar e sustentar a família. A avó também suportara esse fardo e dissera-o a Polly e a ela com toda a clareza.

– Estou a pensar nisso – disse a Gio. – Sabes que não renunciarei ao meu trabalho. Nunca serei uma esposa troféu e também não gosto de ir às compras ou de mudar o meu aspeto – avisou ela.

– Eu irei às compras por ti – replicou Gio, com gentileza.

– Para de ser neutro! – exclamou Ellie, com desespero. – Não estou habituada.

– Para de ser tão sensata e tão negativa.

– Está bem, vou fazê-lo, vou casar-me contigo. Já estás contente?

– Finalmente. Vamos contar ao Beppe agora mesmo e direi aos meus empregados para organizarem o casamento...

– Primeiro, tenho de ligar à minha irmã... e quero fazê-lo em privado – interrompeu ela, com uma segurança em si própria que não tinha.

– E, depois, iremos comprar um anel. Vamos fazê-lo da forma tradicional.

– A sério?

Ellie olhou para ele com incerteza, pois não esperara que lhe oferecesse o equivalente a um anel de noivado. Seria para impressionar Beppe com a certeza de que eram um casal ou seria para a agradar? Além disso, o que ia dizer a Beppe? Como ia explicar a Polly que ia casar-se de um dia para o outro com um homem que dissera que detestava?

Capítulo 7

– Nunca pensei que veria este dia. – Polly esboçou um sorriso nostálgico enquanto se afastava para ver o aspeto de Ellie. – Vais casar-te. Achava que estavas destinada a ser uma solteirona com muitos diplomas e um gato.

Ellie também pensara assim, mas não o reconheceu. Nunca precisara de um homem, até Gio ter irrompido devastadoramente na sua vida durante o casamento de Polly. Aquele encontro suavizara a imagem que tinha de si própria e as opiniões tão rígidas que tinha. Pouco a pouco, começara a perceber que estava sozinha e que os sucessos eram vazios e os problemas eram mais dolorosos quando não podia partilhá-los com alguém. Porém, nesse momento, estava a arriscar-se como nunca. Ia correr o risco de se apegar a um homem que, contra todo o prognóstico, a atraía mais do que qualquer outro, embora não conseguisse encontrar nenhum motivo sensato para o justificar.

Por Gio, mentira pela primeira vez na sua vida. Dissera ao pai que amava Gio quando, na verdade, não sabia o que sentia por ele. Ao princípio, achara que era uma paixão disparatada, mas a avidez de informação sobre ele e o desejo quando ele estava ausente não tinham cessado. Uma paixão teria morrido de inanição há muito tempo. A única coisa que sabia com certeza era que Gio a fascinava, a atraía e a cativava. Além disso, fazia com que sentisse o que nunca sentira antes.

Ficou ainda mais impressionada quando Gio adivinhou a reação de Beppe aos seus planos de se casar. Ao princípio, o pai ficara espantado e aconselhara que não se precipitasse, mas, um pouco depois, reconhecera que, se fosse livre quando conhecera a mãe de Ellie, se teria casado nesse instante. Também reconhecera que entendia perfeitamente o efeito de se apaixonar loucamente. No fim, decidira que só podia desejar que a filha se casasse com um jovem que sempre valorizara.

– O Gio amadurecerá contigo ao seu lado – previra Beppe. – Fazes com

que pense, fazes com que se questione o que quer da vida... e o que sempre quis foi uma família.

Ellie olhou-se ao espelho e interrogou-se se estaria grávida, se poderia dar a Gio o que, aparentemente, mais desejava. Porém, era isso que mais desejava? Sair com todas essas mulheres era uma forma curiosa de conseguir uma vida familiar e estável... No entanto, no dia seguinte de manhã, faria o teste de gravidez. Estava emocionada e assustada com a ideia, mas, sobretudo, questionava-se o que Gio sentiria, independentemente do resultado.

Ingenuamente, presumira que veria Gio mais vezes quando a relação se tornasse pública, mas ele fora a Dharia para resolver um conflito com as concessões dos poços petrolíferos. Embora a tivesse encorajado a acompanhá-lo e tivesse adorado ver a irmã, não fora. Porquê? Seria uma tolice, mas quisera trabalhar com a organizadora do casamento que Beppe contratara e tomar algumas decisões enquanto se certificava de que o vestido ficava perfeito. Ao fim e ao cabo, só tencionava casar-se uma vez.

O vestido ficava-lhe maravilhosamente bem. Escolhera o corpete a pensar em Gio. Sabia que adoraria a renda, o decote e os colchetes. A saia ajustava-se às ancas e abria-se por baixo do joelho. As sandálias de salto alto e enfeitadas com pérolas tinham sido um presente de Polly.

– O Rashad gostado muito do Gio e poderão sair juntos quando nos visitarem e deixar-nos em paz para mexericar – comentara Polly, com jovialidade.

Ellie disfarçou um sorriso, pois Polly podia ser muito ingénua. O que menos queria naquele momento era que a privassem da companhia de Gio. Ao fim e ao cabo, ele estivera mais ausente do que presente desde que tinham anunciado o casamento. Beppe celebrara uma série de eventos sociais para apresentar a filha. Gio fora a esses eventos antes de ir para Dharia, mas ela quisera respeitar a vontade de Beppe e o casal não passara muito tempo junto. Gio, como era de esperar, não aceitara de boa vontade que ela não quisesse abandonar o *palazzo* para passar a noite com ele e, possivelmente, fora isso que evitara que Gio voltasse depressa para a Toscana.

– Quando fazes com que me questione se poderíamos fazer amor no carro sem sermos presos, temos um problema, *principessa* – queixara-se Gio, na noite anterior, quando tinham tido um jantar tranquilo antes do casamento com Rashad e Polly. – Tens de aprender a ser mais egoísta e a pôr-nos à frente.

– Não! – protestara ela. – Tu tens de aprender que conter-te um pouco pode ser uma espécie de afrodisíaco.

– Mas não preciso de afrodisíacos – insistira ele, num tom sarcástico.

Nesse momento, Ellie esboçava um sorriso pensativo.

– Estás louca por ele. Não sei como não percebi no meu casamento.

– Estavas a pensar noutras coisas. No noivo, por exemplo... Além disso, não estou louca por ele.

– Claro que estás – insistiu Polly. – Nota-se em tudo o que fizeste, Ellie. Não és dessas mulheres que conhecem um homem e se casam com ele se não tivesse alterado a tua...

– As pessoas mudam – interrompeu Ellie, para mudar de conversa. – Não te parece triste que não tenhamos conseguido encontrar a nossa irmã desaparecida? Podia ter estado connosco hoje.

Era muito difícil encontrar Gemma porque tinha uma vida itinerante e sobrevivia com trabalhos esporádicos.

– Acabaremos por a encontrar – declarou Polly. – Será muito emocionante. Não te sentiste tentada a abrir o envelope dela, ver o anel que lhe deixaram e ler o nome? Poderia ajudar-nos a encontrá-la.

– Não, confiaram-me esse envelope e não vou abri-lo. Como íamos explicar-lho quando a conhecêssemos?

– Poderíamos abri-lo com vapor – propôs Polly, corando um pouco quando Ellie arqueou as sobrancelhas.

– Não, temos de respeitar a sua privacidade.

Ellie desceu as escadas e sorriu para o pai, que esperava por ela, resplandecente de orgulho. Beppe não podia tê-la lisonjeado mais. Foram de limusina até à igreja e ela parou nos degraus em plena luz do sol. Respirou fundo e percebeu que a euforia que sentia era felicidade, o que a maravilhava, pois também tinha medo das tempestades inevitáveis que a esperavam no futuro. Sabia que Gio e ela discutiriam e lutariam e que queria estrangulá-lo muitas vezes. A vida normal era assim, mas a felicidade verdadeira era um sentimento tão desconhecido para ela que queria aproveitá-lo ao máximo enquanto o sentia.

Gio olhou para a noiva do altar. Estava impressionante com o cabelo acobreado apanhado num coque e com um brilho de inteligência nos olhos verdes e na boca carnuda. Quanto ao vestido, adorava o corpete surpreendentemente sensual que realçava as suas curvas. A verdade era que casar-se não lhe parecia tão mau como esperara sombriamente. Pensara que poderia sentir-se preso, mas a ideia de tirar aquele corpete a

Ellie compensava a de renunciar à liberdade.

A mão dela tremeu quando lhe pôs a aliança. Usara o anel de noivado na outra mão. Como o da família de Beppe, que ela trouxera para Itália, era uma esmeralda, como os seus olhos, engastada entre diamantes. Porém, era relativamente pequeno, porque não gostava de joias ostentosas e quisera algo que pudesse usar de vez em quando para ir trabalhar. Gio pensou que a sua Ellie era muito sensata, até se questionar quando começara a considerá-la sua. Quando imaginara que esperava um filho dele e gostara da ideia? Quando a vira no corredor a dirigir-se para ele ou quando se apercebera de que fora o seu primeiro amante e, espantosamente, queria que fosse o último?

Naturalmente, sabia porque estava a casar-se com ela. Com Ellie, as relações sexuais estavam noutra dimensão, embora tivessem corrido mal da primeira e única vez que as tivera. Ela estava à sua altura, respondia-lhe e era igual a ele em todos os sentidos, mas, sobretudo, ela assinara um contrato pré-nupcial com umas condições tão férreas que não poderiam desfazer-se. Se Ellie gostava de dinheiro, tinha-o em abundância e uma mulher podia ter fraquezas piores. Podia ter sido das infiéis que procuravam uma emoção maior. Podia não ter sido carinhosa nem estar disposta a comprometer-se, mas vira como se apegara a Beppe e como amava a irmã. Tinha a certeza de que, se tivessem um filho, ela estaria sempre incondicionalmente ao seu lado. A capacidade e a vontade de ser uma boa mãe era o traço mais ineludível que uma mulher podia ter.

Ellie saiu da igreja de braço dado com Gio. Havia uma multidão à espera deles na rua enquanto o fotógrafo andava de um lado para o outro e lhes atiravam arroz. Então, no meio do barulho e da emoção, viu duas loiras que levantavam os telemóveis entre gargalhadas enquanto chamavam Gio. Eram, com toda a certeza, as duas gémeas que tinham estado nuas na cama do hotel de Dharia há dois anos. A raiva embargou-a. Não podia estar enganada, eram umas mulheres muito destacáveis, eram gémeas, loiras e muito bonitas, eram magras e faiscantes de uma forma que se considerava especialmente feminina. Gio convidara as gémeas para o seu casamento. Ficou pálida e cerrou os dentes enquanto o fotógrafo, perplexo, pedia que sorrisse. Atordoada, entrou na limusina e olhou para Gio. Como podia fazer-lhe aquilo? Como podia ser tão insensível? Aquelas loiras recordavam-lhe o momento mais humilhante da sua vida. Antes de Gio abrir a porta daquele quarto de hotel, sentira-se nas nuvens e, pela primeira vez, sentira-se como uma mulher sensual. Estivera disposta a

ir até ao fim e não se sentira como a ruiva inteligente e insípida que afastava os homens. Quando vira as gémeas a rir-se na sua cama, sentira que se rasgava por dentro, sentira-se ridícula, penosa e inútil.

– *Cosa c’è di sbagliato?* O que aconteceu? – perguntou Gio, enquanto o carro os levava ao *palazzo*, onde se celebraria o copo-d’água.

Ellie não soube o que responder. Ao fim e ao cabo, ele tinha o direito de ter um passado sexual e ela, ao casar-se com ele, aceitara esse passado. Bom, o ideal não era que as ex aparecessem no casamento, mas também não podiam evitar-se sempre. Porém, as gémeas tê-la-iam reconhecido como a mulher que ficara atónita naquela porta há dois anos? Contariam a alguém? Rir-se-iam com isso? Sentiu-se aborrecida, mas não disse nada.

– Não se passa nada – respondeu ela, sem se alterar. – É a animação do casamento. Quando se junta tudo, deixa-nos emocionados.

– Eu não convidei a Becky e a Roz – informou-a Gio, com impaciência.

Então, vira as gémeas. Bom, o contrário teria sido estranho quando tinham estado a dar saltos a três metros dele. Porém, ele conseguira não olhar para elas.

– Esses são os seus nomes? – perguntou Ellie, num tom inexpressivo.

– Pedi à organizadora do casamento para entrar em contacto com o Rashad e pedir-lhe a lista de amigos da universidade porque eu não tinha as moradas – explicou Gio. – Convidaram-nas para o casamento da tua irmã e, certamente, foi assim que acabaram no nosso. Se me tivesse envolvido mais, tê-las-ia apagado da lista.

Ellie estava ainda mais rígida.

– Naturalmente, se eram amigas da universidade, porque as deixarias de fora?

– Ellie, estás a levar isto demasiado a sério, mas não posso mudar o passado e tu também não.

– Nem sequer sabia que as gémeas eram tuas amigas – reconheceu Ellie.

– Talvez seja porque nunca fui para a cama com um amigo.

– Infelizmente, eu não era tão escrupuloso – replicou Gio. – E elas também não. Naqueles dias, só podia ter relações... esporádicas.

– Porquê? – perguntou ela, franzindo o sobrolho.

– Criei uma empresa imobiliária quando tinha dezanove anos. O Beppe insistia que frequentasse a universidade para estudar gestão de empresas, mas pareceu-me que podia seguir um atalho para o sucesso – explicou, com ironia. – O meu sócio, o Jax, tinha o apoio de uma família rica. O mercado imobiliário estava no auge quando conheci uma morena

impressionante. Apaixonei-me pela Franca, pedi-a em casamento e fomos viver juntos.

Ellie respirou fundo porque o que Gio acabara de reconhecer era a última coisa que esperara ouvir dele. Ao fim e ao cabo, presumira que Gio sempre tivera relações esporádicas. Enchia-a de insegurança descobrir que encontrara essa mulher há anos e que, aparentemente, voltara a deixá-la.

– O mercado imobiliário estancou e cheguei ao limite. Ainda acho que podia ter saído gracioso, mas o Jax retirou-se e deixou-me desamparado. Além disso, a Franca, que tinha ido para a cama com ele sem eu saber e que gostava muito de luxo, fugiu com ele.

Ellie fez uma careta de tristeza e baixou o olhar enquanto imaginava essa dor.

– Lamento imenso por ti – murmurou ela. – Deve ter sido difícil recuperar.

– Aprendi algo muito valioso. Na universidade, aprendi o suficiente para não voltar a ser tão vulnerável numa empresa. Tive sorte, mas, depois da Franca, evitei qualquer compromisso sério com uma mulher. O que as gémeas ofereciam era bom para mim naquele momento. Não havia compromissos.

– Consigo entender – concedeu ela, com relutância. – Bom... aquela noite no casamento da Polly... Sempre me questionei o que aconteceu quando nos separámos.

– Não queiras saber – replicou Gio, num tom gélido.

Rejeitara-o naquela noite e voltara a correr para o seu quarto do palácio para se refugiar entre lágrimas e recriminações. Gio aliviara-se como pudera e não podia reprová-lo. Porém, saber isso incomodava-a e desassossegava-a. Gio conseguia separar as relações sexuais dos sentimentos e fizera-o durante anos antes de a conhecer. Podia mudar, podia voltar a ser o jovem otimista que se apaixonara por Franca? O que tinha de fazer para Gio se apaixonar?

Observava-a quando a limusina entrou no *palazzo*. O seu perfil delicado era firme e o cérebro dava voltas a coisas que ele não queria saber. Talvez devesse ter-lhe mentido, mas as mentiras acabariam por o apanhar. Não percebia que queria que ele fosse perfeito como um príncipe encantado e que ele não podia ser perfeito? A frustração e a raiva apropriaram-se do seu corpo poderoso. Não podia fingir que era assim para tentar impressioná-la. Além disso, porque haveria de querer impressioná-la? Ellie suspeitaria mais depressa do que a maioria das mulheres porque olhava

sempre por baixo da superfície, ponderava sempre os prós e os contras, procurava sempre incongruências e defeitos... e ainda tinha de confessar a maioria dos seus defeitos a uma mulher que dissera animadamente que ter encontrado Beppe lhe permitiria traçar a metade do seu historial médico correspondente ao pai que desconhecia até àquele momento.

O positivo era que Becky e Roz se comportaram como se nunca a tivessem visto. Não a tinham reconhecido e não se lembravam dela depois de a terem vislumbrado à porta do quarto naquela noite. Porém, em vez de sentir alívio, estava zangada com Gio e consigo própria. Aquela noite magoara-a muito, mas o encontro não tivera o mesmo efeito na pele curtida dele. Tinha de evitar ser demasiado emotiva e vulnerável quando estava com ele. Tinha de se curtir.

Polly afastou-se com ela depois do almoço.

– Pode saber-se o que se passa contigo e com o Gio?

– Não se passa nada...

– Até o Rashad sentiu o ambiente pesado e, para ser sincera, não costuma perceber esse tipo de coisas.

Ellie contou-lhe a história desde o começo, desde a presença das gémeas no seu casamento. Estava demasiado incomodada para se conter e a expressão de espanto de Polly foi muito eloquente. Passaram vários minutos até conseguira fazer com que a irmã parasse de repetir «as duas...?» como se nunca tivesse ouvido falar de uma coisa dessas. A sua atitude não serviu para melhorar o humor de Ellie.

– E naquela noite em que conheceram... ele disse-te isso? – insistiu a irmã.

– Sim, Polly. Casei-me com um prostituto sem vergonha.

– Se o Rashad me tivesse feito algo parecido, nunca o reconheceria. O Gio, pelo menos, é sincero, bom, brutalmente sincero.

– Acho que estava farto de eu não parar de fazer perguntas incómodas.

– Receio que já tenha ouvido demasiadas coisas sobre aquela noite e tu não lhe tenhas dado tréguas. Não está habituado a ser tratado assim pelas mulheres – argumentou Polly, em defesa de Gio. – Esquece, Ellie. São águas passadas e não estavas com ele na altura, não podes reprová-lo. Não te enganou. Quanto a essas loiras, não faças caso, esquece que estão aqui!

Ellie sabia que era o conselho mais sensato, mas havia algo muito teimoso dentro dela que se recusava a ceder. A crua realidade estava a amargurar-lhe o casamento.

Gio agarrou o seu corpo rígido e resistente e apertou-o contra ele

quando a levou para a pista de dança.

– Sabes como estás a zangar-me? – sussurrou-lhe ele ao ouvido.

– Sabes como estou zangada contigo? – replicou ela.

– Vais ser sempre ciumenta e possessiva?

Ellie sentiu um arrebatamento de raiva abrasadora.

– E tu? Acho recordar que ameaçaste matar o Bruno por me convidar para jantar.

– Isso foi diferente – defendeu-se. – Já estávamos... comprometidos.

Ellie fechou os olhos ao sentir as lágrimas de raiva e soube finalmente o que se passava. Comprometera-se sentimentalmente com Gio desde a primeira noite em que o conhecera, mas ele não se comprometera com ela até entrar na vida de Beppe e se transformar no que lhe parecia uma ameaça para alguém que amava. Estava comprometido com ela ou só se casara para agradar a Beppe e porque podia estar grávida? Porque se questionava isso naquele momento e se preocupava com a resposta?

Gio segurou-lhe a mão com firmeza enquanto deixavam a pista e iam de grupo em grupo de convidados, embora ficassem apenas durante alguns segundos de cortesia. Quando chegaram ao fundo da escada principal, Ellie perguntou-lhe para onde a levava e tentou soltar-lhe a mão.

– Vamos resolver isto em privado – declarou Gio.

– Não há nada para resolver – replicou Ellie, tentando soltar a mão outra vez e sem conseguir.

Gio, decidido a não ceder, foi até à suíte de convidados, onde Ellie se vestira para o casamento, e fechou a porta. Não esperara que Gio fosse beligerante, pois presumira que os convidados fariam com que se dominasse. A mensagem que estava a receber naquele momento era que o mau feito de Gio não se dominava facilmente.

Soltou-lhe a mão e ela dirigiu-se para a porta imediatamente.

– Não podemos fazer isto a meio do nosso casamento.

Gio ficou à frente da porta para lhe bloquear o caminho. Ellie atravessou a divisão com fúria e foi até à janela. Virou-se com um brilho desafiante nos olhos verdes.

– É o nosso casamento e já quase acabou. Podemos fazer o que quisermos – replicou ele.

– Tens um interruptor para apagar tudo? – perguntou Ellie, com impotência. – Parece-me que é o momento de o usar. Efetivamente, é o nosso casamento e tivemos uma ligeira divergência de opinião, mas não disse nem fiz nada que alguém possa criticar.

– Sou eu que te critico!

Ellie observou-o fixamente com a boca entreaberta porque Gio voltara a surpreendê-la, a apanhá-la desprevenida. Tinha uns olhos impressionantes. Eram de uma cor dourada com umas pestanas compridas e espessas. Durante um segundo, ficou hipnotizada, enquanto via o ângulo agressivo do queixo ligeiramente toldado pela barba incipiente e a firmeza que se refletia nas feições incríveis do seu rosto.

– Não sou perfeito, Ellie, e nunca serei, mas estava disposto a fazer o possível...

– Pelo amor de Deus, não esperava que fosses perfeito! – exclamou ela, enquanto se aproximava dele com cautela. – É possível que estivesse um pouco sensível, mas não temos de falar disso. Deixa-me voltar a descer antes de perceberem que desaparecemos.

– Não – negou Gio.

– Não me digas «não» assim e não esperes que o aceite!

Ellie tentou afastá-lo da porta com fúria.

– Continuo à espera que aprendas com a experiência – Gio levantou-a e sentou-a na mesinha de mármore que havia atrás dela –, mas não aprendes.

– Isto é ridículo. Põe-me no chão! – ordenou Ellie.

Gio afastou-lhe as pernas e pôs-se entre elas para estar ainda mais perto.

– És mais forte do que eu, mas não consegues intimidar-me – avisou Ellie.

– Não quero intimidar-te, *princesa*, quero que comeces a usar o cérebro – replicou Gio, com impaciência, enquanto lhe punha as mãos nos ombros nus. – Chegou o momento de nos livrarmos da Ellie mal-humorada e iracunda. Temos de enterrar o negativo e olhar para a frente.

– Não sou nem mal-humorada ou iracunda.

Ellie afirmou-o com toda a dignidade que pôde enquanto estava sentada numa mesa com as mãos ardentes dele na pele e com um formigueiro por todo o corpo.

– Não te esqueças de que não estou mal-humorado por ter tido de me casar com uma mulher que poderia ser uma caçadora de fortunas manipuladora.

Ela ficou atónita e boquiaberta.

– Uma... caçadora...

– Porém, dou-te o benefício da dúvida. Quando me concederás o mesmo privilégio? – perguntou ele, num tom sombrio.

Ellie tentou levantar-se da mesa, mas ele reteve-a.

– Solta-me! – gritou ela, com raiva.
– Não. Vou reter-te onde possa ver-te e vamos esclarecer isto agora – sentenciou Gio.

– Como te atreves a chamar-me caçadora de fortunas?
– Como queres que te chame se não te explicaste? É possível que não seja perfeito, Ellie, mas a notícia é que tu também não és. Apresentaram-se queixas graves contra ti e, embora saiba que uma investigação desprezou algumas, há outras apresentadas por um familiar – recordou-lhe Gio, num tom cáustico. – Porém, estive disposto a ignorar essa história para me casar contigo e dar-te uma oportunidade.

Ellie ficou gelada e não soube nem por onde começar.

– Disseste que tinhas de te casar comigo – replicou ela –, mas não eras obrigado. Eu não o exigi e também não teria permitido que o meu pai o exigisse. Não era necessário...

– Era necessário para mim – interrompeu Gio. – Não conseguia viver com a possibilidade de estares grávida. Tinha de me certificar de que éramos um casal e de que, se houvesse um bebé, não seria criado sem mim.

– Então, é um casamento de penálti...

– Será o casamento que quisermos que seja e, até ao momento, estás a fazer o possível para o boicotar.

– Sabes que a investigação limpou o meu nome – recordou-lhe Ellie. – Como podes continuar a pensar que poderia ser uma caçadora de fortunas?

– São os tons de cinzento que há entre o branco e o preto – indicou Gio, num tom pensativo. – Qual era a tua verdadeira intenção quando travaste amizade com aquela idosa no hospital para doentes terminais onde trabalhavas?

– Não travei amizade, fiz o meu trabalho, ouvi-a com compaixão quando não havia mais ninguém! – exclamou Ellie, com raiva.

– Poderias ter ficado com aquela herança se não te denunciasses e é possível que achasses que podias ficar com ela. É possível que tenhas decidido procurar o teu pai quando descobriste que era um homem rico – murmurou Gio. – Quem sabe? É a isso que me refiro com os tons de cinzento. Como posso ter a certeza? Mesmo assim, dei-te uma oportunidade.

Ellie reviveu o *stress* e a preocupação que teve de suportar quando, de repente, uma das suas pacientes mudou o seu testamento e lhe deixou todas as suas posses. Fora completamente inesperado e ela não achara que

o merecesse. Comunicara-lho imediatamente, mas o sobrinho da idosa já se queixara. Fora um assunto muito desagradável e não pudera fazer nada para evitar o suplício. A raiva devido às insinuações de Gio apropriou-se do seu corpo.

– Odeio-te!

– Não, isso não é verdade. Não gostas que duvidem de ti sem um julgamento justo, mas isso é exatamente o que fazes comigo.

– Não quero estar casada contigo! – insistiu Ellie.

– Não falas a sério. – Gio acariciou-lhe os ombros e inclinou a cabeça. – Desejas-me tanto como eu a ti.

– Para de me dizer o que desejo e o que penso!

– É possível que esteja a falar demasiado, quando o que devia fazer é demonstrar-to.

Gio inclinou-lhe a cabeça para trás e passou-lhe a boca ardente pelo pescoço enquanto introduzia as mãos por baixo da saia e as deslizava pelas suas coxas.

– Basta!

Ellie tentou resistir à onda de frouxidão que se apropriava dela enquanto o calor dos seus lábios e as dentadas leves lhe percorriam a pele sensível do pescoço.

– Não podes fazer isto quando estamos a discutir!

Gio beijou-a na boca e introduziu a língua entre os seus lábios afastados pela raiva. O coração acelerou enquanto se derretia. Contorceu-se na mesa com as mãos dele, implacáveis, nas coxas.

– Gio! – gritou ela, com desespero e impotência.

Rasgou-lhe as cuecas delicadas e acariciou-a. Ellie sentiu tanta excitação que achou que poderia arder em chamas. Despistara-a, sabia que a despistara com o sexo e também sabia que tinha de se defender, mas, nesse instante, não havia nada tão premente como as exigências do seu corpo.

– Não podemos... – Ela gemeu como se quisesse tranquilizar-se.

Gio agarrou-a por baixo das ancas e levantou-a como se fosse uma boneca. Penetrou-a e ela tremeu ao sentir-se repentinamente plena. Então, ele mexeu-se com uma eficiência incontestável, alcançou um ponto mágico dentro dela e sentiu-se cheia de uma excitação implacável. Cravou-lhe os dentes no ombro do casaco e agarrou-se a ele. O prazer era insuportável e arrastava-a sem remédio para o limite. Cerrou os dentes com o clímax e susteve a respiração devido às convulsões finais que lhe

percorriam o corpo debilitado.

Ele desapareceu na casa de banho e deixou-a desfalecida na mesa. Para sua surpresa, daquela vez, ele tomara precauções. Então, já não queria correr o risco de a engravidar, mesmo que estivessem casados. Gio queria deixar uma porta aberta? Esperava que não estivesse grávida para se livrar dela? Como podia não ser assim se estava convencido de que era uma caçadora de fortunas sem escrúpulos?

A raiva buliu por dentro. Perdera outra batalha com Gio. Levantou-se da mesa, quase sem forças devido à satisfação, e calçou um dos sapatos, que caíra. Não viu as cuecas rasgadas e não tinha roupa no quarto porque já tinham levado a mala. Alisou o vestido com uma careta de aborrecimento e olhou-se ao espelho para arranjar o cabelo.

– Estás muito bonita, *princesa* – elogiou Gio, num tom rouco, enquanto lhe agarrava uma mão. – Além disso, já és a minha esposa.

– Não sei se quero que mo recordes neste momento.

– Gosto de to recordar. Sorri, Ellie.

– Não, Gio.

– Sorri – insistiu Gio. – É o nosso casamento e devíamos aproveitá-lo ao máximo.

– Ena, parece que tu já o fizeste – acusou ela, antes de pensar melhor.

Gio riu-se.

– És minha, preciso da prova.

Alterada e dominada por sentimentos contraditórios, Ellie voltou para a festa. Gio reteve-a ao seu lado e não deixou que se afastasse. Ainda sentia o corpo ardente, com as réplicas daquele prazer proibido a vibrar no seu corpo como um segredo vergonhoso. Uma coisa era o desejo e, outra, era desejar Gio. Ele acabara de lhe demonstrar que não tinha um interruptor para apagar nada quando precisava e isso fazia com que se sentisse dolorosamente vulnerável.

Capítulo 8

Gio tirou-a do helicóptero ao colo. A viagem durara menos de uma hora.

– Porque não queres dizer-me para onde vamos? – perguntou Ellie.

– Dentro de uns minutos, saberás exatamente onde estamos.

– Eu não teria assim tanta certeza. Não viajei muito – reconheceu ela, enquanto ele a levava para um barco e a ajudava a entrar.

Porém, como ele previra, Ellie reconheceu onde estava, ainda que só o tivesse visto em fotografias. A vista de Veneza era impressionante.

– É como o quadro que o Beppe me mostrou – sussurrou ela, fascinada.

Quando chegaram ao Grande Canal, o barco diminuiu a velocidade devido ao trânsito e acabou por atracar num cais muito pitoresco. Saiu e acompanhou Gio a um vestíbulo magnífico com candeeiros enormes de cristal veneziano.

– Bem-vindo ao Hotel *Palazzo Sorrentino* – murmurou Gio. – É a joia da coroa da minha cadeia hoteleira.

– Sorrentino? – perguntou ela, com surpresa.

– Sim. Pertenceu à tua família, mas o último que o usou como moradia foi o teu bisavô e até ele vivia num canto muito pequeno. Pediram milhões ao Beppe para fazer todas as reparações de que precisava e acabou por mo vender – explicou Gio. – Estavam a usá-lo como armazém porque não podia viver-se lá. Demorámos anos a transformá-lo num hotel, mas foi um investimento que valeu a pena. Agora, há lista de espera durante todo o ano.

Ellie ficou vermelha ao aperceber-se de que quase todos os observavam e lembrou-se de que continuava vestida de noiva. Um homem baixo com um fato elegante aproximou-se para lhes dar as boas-vindas e entregou-lhe um ramo de flores lindo com as felicitações de todos os empregados. Gio aceitou uma chave e acompanhou-a por um corredor.

– Vamos alojar-nos aqui? – perguntou ela.

– No hotel, não. O *palazzo* tinha dois edifícios germinados e fiquei com

um para meu uso pessoal. O Beppe também o usa periodicamente. Adora Veneza, sobretudo, no inverno, quando está tudo calmo – contou-lhe Gio, enquanto percorriam um pequeno beco com glicínias para chegar a uma porta estreita ladeada por duas janelas de estilo gótico veneziano. – É um lugar muito íntimo e também é atendido pelo pessoal do hotel.

Ellie entrou num vestíbulo com as paredes forradas de madeira que dava para um jardimzinho exuberante que se via ao fundo. Uma gôndola passava pelo canal estreito que havia por trás do jardim. Era uma cena mágica.

– Deixarei as flores no lava-loiça – comentou Gio, enquanto lhe tirava o ramo.

Ela sabia que devia acompanhá-lo e tratar das flores, mas estava encantada a ver o trânsito no canal e ficou onde estava.

– Vou mostrar-te a casa – ofereceu-se Gio, com desenvoltura.

Viu-se refletida num espelho antigo muito grande e apercebeu-se de que estava a sorrir. Olhou para outro lado porque a aborrecia que parecesse contente quando estava com um homem que insinuara que podia ser uma caçadora de fortunas.

– Tenho de te falar da Violet... A mulher do hospital para doentes terminais que mudou o testamento a meu favor – declarou ela, com uma certa tensão.

– Não, neste momento, já tivemos *stress* suficiente. Primeiro, devíamos comer, não comeste quase nada antes.

Gio abriu a porta de uma sala de jantar onde já esperava a comida em cima da mesa. Tinha medo de que Ellie lhe contasse algo que voltasse a aborrecê-los numa noite que desejava que fosse especial para os dois.

– Não tinha fome – replicou, enquanto lhe afastava uma cadeira. – Achei que não tinhas percebido...

– Percebo tudo – interveio Gio, com ironia.

– Se isso fosse verdade, saberias que não procurei o Beppe porque era rico. Não queria saber quem ou o que era. Só queria esclarecer uma incógnita que me perseguiu durante toda a vida e saber o que aconteceu aos meus pais. É impossível entenderes o que significa saber quem é o meu pai e sentir uma relação verdadeira com ele. É muito mais do que esperara.

– Entendo muito melhor do que imaginas. Nunca saberei quem era o meu pai e a verdade é que também não quero saber. Conheci a minha mãe quando já era adulta e isso acabou com qualquer fantasia sentimental que pudesse ter. A minha mãe e eu não tínhamos nem um só sentimento ou

uma ideia parecida.

Ellie observou-o, pasmada com essa revelação.

– Foste muito sortuda por teres encontrado um homem como o Beppe disposto a ser o teu pai – comentou ele, com certo sarcasmo.

Conhecera a mãe e não servira de nada, mas fora criado num orfanato. Onde estivera a mãe durante esse tempo? Porque não soubera quem era o pai? A consternação embargou-a, mas tentou disfarçar. Era incrivelmente otimista sobre assuntos que a teriam alterado muito e isso fazia com que se apercebesse de que sabia pouco sobre ele e de que fora trôpega ao, involuntariamente, tagarelar sobre o que significara para ela ter encontrado Beppe. Além disso, o que contara a Gio? Sentiu-se incomodada. Era reservada por princípio e guardava muito bem os segredos. Não contava nada pessoal, menos a Polly, mas já estava casada. Isso tinha de mudar. Não seria justo esperar de Gio o que não estava disposta a dar-lhe.

– Sim, tive uma sorte incrível – reconheceu Ellie, enquanto comia um pouco mais de salada. – Posso perguntar uma coisa?

– O que quiseres.

– Antes, quando estivemos juntos, usaste um... um preservativo...

– Não era o que querias? – Gio franziu o sobrolho. – Se estiveres grávida, faremos o que pudermos, mas se não, bom... Dá-nos mais possibilidades.

– Quer dizer que não temos de continuar juntos.

De repente, o coração de Ellie quase parou. Gio recostou-se com o copo de vinho e cravou os olhos dourados nela com o sobrolho franzido.

– Não ponhas palavras na minha boca. Disse «possibilidades» e é o que quero dizer. Acho que temos de prever os filhos e recebê-los com alegria.

Ela assentiu inexpressivamente e pensou no teste de gravidez que esperava na mala.

– Estou de acordo. As circunstâncias não foram as ideais.

– Não é apenas isso, *principessa*, mas, naquele dia, em minha casa, percebi que ficavas pálida como a cal com a mera ideia de estares grávida. É um risco que não vou correr, a não ser que mo peças.

Havia alguma probabilidade de o fazer? Porém, essa oferta inesperada tranquilizava-a. Ele não estava a fechar-lhe a porta, não lhe dissera que, se não estivesse grávida, se divorciariam. Não era assim tão simples. Então, porque estava aliviada? O que temera? Observou o seu rosto atraente e sentiu a boca seca enquanto tentava ver mais além da sua beleza sombria e tentava entender a sua reação de espanto com a possibilidade de se afastar

dela. Polly vira o que escondera. Estava perigosamente apegada a Gio Benedetti e isso aterrava-a. Tinha medo de que a magoasse e não queria desejar o que, certamente, Gio não lhe daria.

Subiu umas escadas e encontrou um quarto de sonho com as paredes luxuosamente cobertas de tecido e uma cama linda com dossel. A bagagem já estava lá e tinham desfeito as malas. Do outro lado, havia uma casa de banho de mármore magnífica, com toalhas quentes. Umas flores e uma garrafa de champanhe esperavam por eles. Pegou numa das tabletes de chocolate do pires de prata que estava junto dos copos de champanhe e fechou os olhos de prazer.

– Gostas de chocolate – observou Gio, da porta.

– Melhor dizendo, mataria por chocolate – reconheceu Ellie, com uma gargalhada repentina.

Ficou mais sério ao observá-la. Estava deslumbrante com o vestido, com os caracóis acobreados soltos, com a maquilhagem quase apagada e com um rímel que borrara ao esfregar. Mesmo assim, estava muito bonita com aqueles olhos verdes cristalinos e a boca cor-de-rosa e carnuda.

– Acho que mataria por ti.

Ficou espantado e desassossegado com a ideia e o sentimento. Infelizmente, era obrigado a trabalhar sem guião. Estava fora do seu meio. Ir para a cama com ela e esquecê-la não era a fórmula que podia aplicar ao casamento ou a uma mulher como Ellie. Se estivesse grávida, ficaria com ele durante muito tempo e exigiria coisas, o tipo de coisas com que nunca conseguira lidar. Limitá-lo-ia. Certamente, também o tiraria do sério. Porém, todo o prazer tinha o seu preço e ela era inteligente, divertida, apaixonada e desmesuradamente sensual.

Ellie tirou os ganchos do cabelo e deixou que lhe caísse sobre os ombros. Depois, virou-se.

– Preciso que me ajudes a tirar isto – pediu, apontando para os colchetes cobertos de renda. – Começam a magoar-me um pouco.

Gio tirou o casaco e a gravata e desabotoou a camisa. Estava a pensar nas curvas que havia por baixo do corpete e de que mal conseguir desfrutar naquela tarde. A avidez apoderou-se dele.

– Adoro corpetes – confessou.

– Imaginava – murmurou ela, com certa petulância.

Ele soltou os colchetes e deixou que a roupa caísse ao chão enquanto ela soprava com alívio. Continuou a rodeá-la com os braços e passou-lhe os lábios pelo ombro e pelo pescoço, antes lhe morder o lóbulo da orelha

enquanto segurava os seios com as mãos.

Ela inclinou a cabeça para trás para a apoiar nele e o formigueiro da excitação percorreu-lhe o corpo quando os seus dedos compridos tocaram nos mamilos endurecidos. Estava tão sensível que apertou as coxas para não se derreter. Tentou deitá-la na cama, mas ela abriu o fecho da saia e deixou que caísse sem se lembrar de que não tinha nada por baixo.

– Que lembranças... – murmurou Gio, com um sorriso malicioso, enquanto tirava a camisa para mostrar o peito musculado.

– Fazes exercício – adivinhou ela, olhando para ele com atenção e corando um pouco.

– Todos os dias. Passo demasiado tempo atrás da secretária. É um olhar de... aceitação, doutora Ellie?

Ellie deitou-se por baixo do lençol e sentiu-se muito melhor ao esconder o traseiro bonito e as coxas robustas. Não tinha nada contra o seu corpo, mas teria gostado que lhe tivessem dado mais altura do que curvas. Gio despiu-se e deixou a roupa num monte enquanto ela o observava com desejo e pensava que nunca imaginara que teria o seu *stripper* pessoal. Tinha um corpo fantástico. As costas largas, as ancas estreitas, os músculos da barriga que desciam para... aquilo! Olhou para ele fixamente, corou e já não estranhou que se tivesse sentido dorida depois da sua introdução ao sexo. Não era pequeno e, sendo Gio como era, já estava pronto para entrar em ação.

– Podemos fazê-lo sem isto. – Gio afastou o lençol. – Tenciono aquecer-te bem, *principessa*.

– E eu também – avisou ela, deixando-se cair nas almofadas.

Gio sorriu e deitou-se ao seu lado.

– Já conseguiste... Não se nota?

Ellie acariciou-lhe a turgidez aveludada com uns dedos maravilhados.

– Claro...

– Um pouco menos disso – exigiu ele, enquanto ela o explorava.

– Não podes dar-me ordens na cama – replicou Ellie.

Gio riu-se e observou-a, mas foi ficando mais sério e os seus olhos deixaram escapar um brilho dourado enquanto as maçãs do rosto coravam de desejo.

– Estás a chamar-me mandão?

– Tenho diferentes alternativas. Não posso deixar que te aborreças – murmurou Ellie, insinuante, enquanto estendia uma mão para o seu peito.

– Meu Deus, sou tão branca. Devo parecer uma garrafa de leite ao teu

lado.

Gio virou-se e ficou em cima dela.

– Uma garrafa de leite muito, muito sensual.

– No teu estado, qualquer mulher te pareceria sensual.

– Não entendes, pois não? Quando eras mais jovem, devias estar demasiado ocupada a encher o cérebro e não olhaste para um espelho. Tens o corpo de uma deusa e uma cara muito bonita. Não te disse nada sobre esse cabelo maravilhoso?

– Odeio o cabelo. Na escola, não paravam de me chamar cenoura... e sabichona.

– Mesmo assim, triunfaste, *mia bella*. Passaste todos os exames, casaste-te comigo...

– Parece-te que casar contigo é um triunfo?

– Veremos o que pensas de manhã – murmurou Gio, com uma segurança sexual absoluta.

– Estás a cansar-te? – brincou ela.

Acariciou-lhe o ombro com um brilho de prazer nos olhos, pois aquela intimidade era completamente desconhecida para ela e parecia-lhe maravilhoso tê-la encontrado.

Então, ele inclinou-se e beijou-a ardentemente e com voracidade, com um desenfreno embriagador. O calor do seu corpo causou-lhe uma descarga de excitação por todo o corpo e o movimento da sua língua fez com que tremesse dos pés à cabeça.

Tocou nos mamilos com a boca e foi deslizando por todo o corpo até ao ponto mais sensível de todos. Ela levantou as ancas e afastou os lábios para deixar escapar uns gritinhos. Nunca sentira esse prazer. Era como se algo por dentro exigisse a satisfação com impaciência. Contorceu-se, arrastada por essa sensação. Sentia que perdia o domínio sobre si própria, mas, daquela vez, não a assustava. Deixou-se levar pelas ondas de prazer que a embargavam.

– Tens muito jeito, muito – sussurrou Ellie, desfalecida e com falta de ar.

– Há muitas coisas que faço bem – afirmou ele, enquanto se punha em cima dela.

Como se estivesse disposto a demonstrá-lo, penetrou-a com um impulso apaixonado e voltou a excitá-la. O coração acelerou e a adrenalina disparou enquanto se arqueava por baixo dele para que a penetrasse mais. De repente, sentia-se ávida de conhecer todas as sensações. Ele mexeu-se

mais depressa e com mais força. A excitação dela aumentava com cada movimento. Estava suada. Era como se o coração fosse um forno e a necessidade de satisfação a embargasse por dentro. Então, alcançou o topo e um prazer deslumbrante percorreu-lhe todo o corpo... e a alma. Tremeu e gritou ao superar o limite entre a realidade e a fantasia.

Depois, abraçou Gio com todas as suas forças ao sentir-se disparatadamente feliz e carinhosa.

– O que estás a fazer? – perguntou ele, com certa tensão.

Capítulo 9

– Estou a abraçar-te – esclareceu Ellie, sem pensar duas vezes.

– Eu não dou abraços.

– Eu dou muitos abraços. Tens de te habituar.

Ela suspirou sem se importar. Adorava o seu peso quente em cima dela e passou-lhe os dedos pelas costas.

– Se estiveres grávida, terás um filho para abraçar.

Ellie sentiu a tensão do seu corpo.

– Naquele dia... também ficaste pálido com a possibilidade de eu estar grávida – recordou-lhe Ellie, com sonolência, enquanto o cansaço se apropriava dela.

– Claro que sim. Não sabia como ser pai. Como poderia saber se nunca fui?

– Nem eu. Aprenderás pelo caminho – declarou ela, ensonada.

Gio levantou a cabeça despenteada.

– Não podes adormecer... É a nossa noite de núpcias...

Porém, Ellie já estava a dormir profundamente. Foi tomar um duche e acabou por voltar para a cama.

Ellie acordou quando ainda não havia luz e conteve um suspiro. Durante o seu trabalho, tinham-lhe alterado o sono com turnos que mudavam continuamente e falta de descanso. Como soube que não voltaria a adormecer, levantou-se, vestiu um vestido confortável e olhou com atenção para Gio, que estava esticado na cama. Ocupava mais do que a sua parte da cama e só ele conseguia fazê-lo sem a incomodar, reconheceu, com um carinho brincalhão, ao reparar no cabelo moreno que se frisava na almofada, no queixo anguloso toldado pela barba incipiente e no ar relaxado da sua boca. A dormir, parecia ainda mais novo.

Parou de olhar para ele, desceu e a primeira coisa que viu foi o ramo de flores no lava-loiça da cozinha. Rebuscou pelos armários até encontrar uma jarra, encheu-a com água e deixou-a na sala com as flores. Abriu o

frigorífico e viu água engarrafada e bolos. Comeu-os de pé enquanto via o amanhecer por cima dos edifícios do outro lado do canal.

– O que estás a pensar? – perguntou Gio, atrás dela.

Ellie virou a cabeça e viu Gio só com umas calças de ganga rasgadas.

– A Violet, a mulher que morreu no hospital para doentes terminais, adorava ver o amanhecer. Se fosse o meu turno, abria-lhe as cortinas cedo. Estava a pensar que teria adorado Veneza, mas não pôde viajar porque o marido preferia ficar em casa e, na sua época, os maridos mandavam.

– Não poderia esperar que aconteça o mesmo entre nós?

– Eu não teria ilusões – aconselhou ela.

– O que fazes acordada tão cedo?

– Sempre fui madrugadora – reconheceu Ellie. – Além disso, não estou habituada a poder dormir à vontade. Quando não estava a trabalhar, estava a estudar para os exames. A pressão é constante.

– Fala-me da Violet enquanto peço o pequeno-almoço.

– Estava sozinha. Tinha sobrevivido a todas as suas pessoas queridas. Ninguém ia visitá-la. O sobrinho foi uma vez, quando a internou no centro, mas não voltou. Alguns familiares não conseguem suportar a fase terminal de uma doença. Não podemos reprová-los. Nós devíamos manter uma certa distância e nunca pensei que me custasse.

– Algumas vezes, envolvemo-nos, mesmo quando não queremos.

Ellie endireitou-se.

– Fazia companhia à Violet assim que tinha uns minutos livres, mais nada. Ela recordava o seu passado e eu ouvia-a para a alegrar. Quando adormecia, ia-me embora em bicos dos pés. Não sabia que tinha mudado o testamento até um advogado entrar em contacto comigo depois de ela morrer. Em qualquer caso, não poderia ter aceitado nada porque é contra as regras da fundação que me contratou. O sobrinho apresentou uma queixa oficial contra mim, embora eu já tivesse rejeitado a herança, e todo o assunto se prolongou durante meses até a investigação me absolver. Além disso, porque haveria de querer o dinheiro?

– O que queres dizer?

– O Rashad e a Polly saldaram todas as minhas dívidas de estudante e também tentaram convencer-me a aceitar imenso dinheiro para comprar uma moradia. Foram muito generosos, mas rejeitei-o porque, embora aceite os presentes que não param de me dar, não quero ser a causa de beneficência da família. A Polly compra-me a roupa toda – reconheceu, num tom abatido –, mas ela está casada com o Rashad e eu não, essa é a

vida dela, não a minha.

– E, agora, tens uma vida comigo – murmurou Gio, enquanto a abraçava.

– Não sei que vida posso ter com um homem que acha que procuro o seu dinheiro. – Ellie suspirou quando bateram à porta.

Era um empregado com um carrinho que, por indicação de Ellie, o levou para um pequeno pátio que estava banhado pela luz da manhã. Ellie serviu o café.

– Já sabes a história da Violet. Foi uma tempestade num copo de água, mas teve repercussões que duraram muito tempo. Houve pessoas em que confiava e que fizeram comentários muito desagradáveis. Preocupava-me que prejudicasse a minha trajetória profissional e enervei-me muito.

– É normal – concedeu Gio.

Também se questionou porque não pensara que, se fosse tão materialista, podia ter recorrido ao cunhado, imensamente rico, para procurar apoio económico. Rashad era muito generoso e muito apegado à família. Se quisesse, Ellie poderia ter parado de trabalhar e viver como um personagem da alta sociedade. Porque não pensara em algo que era tão evidente? Preferira pensar que era uma caçadora de fortunas? Porque o fizera?

– Era por isso que este descanso em Itália era tão importante para mim. Precisava de umas férias...

– E, em vez disso, encontraste-me.

Ellie sorriu com naturalidade enquanto o observava. Estava confortavelmente sentado sem camisa e era uma obra de arte implacável, bonita e segura de si própria, uma obra de arte que não parava de a surpreender.

– Efetivamente, encontrei-te.

– Quando saberemos se estás grávida ou não? – perguntou ele.

– Tencionava fazer o teste agora – respondeu ela.

– Sozinha? Nem pensar, isso não serve de nada. Iremos ao médico e fará o que for preciso.

– Eu sou médica.

– Sim... – Gio encolheu os ombros de uma forma muito italiana. – Mas isto exige um tratamento especial.

A meio da manhã, depois de ter estado no consultório privado de um médico muito amável, sentaram-se para beber café com bolos na praça de São Marcos. Ambos estavam estupefactos, sobretudo, Ellie. Pensara que

haveria sinais e que saberia. Porém, não sentira algo diferente, só estivera mais cansada do que o normal, mas não estranhara por causa do casamento.

– Bom, já sabemos – comentou Gio, inexpressivamente.

Ellie viu o brilho de pasmo nos seus olhos e soube que estava tão perplexo como ela por saber que seriam pais ao fim de alguns meses.

– A verdade é que não pensei que pudesse acontecer... tão facilmente – admitiu Gio, quase com vergonha.

– Conheci alguns jovens angustiados que tinham pensado o mesmo – corroborou Ellie.

Porém, sorriu porque gostava da ideia de estar à espera do seu primeiro filho. Efetivamente, não tinham previsto ter aquele bebé e, provavelmente, ia limitar-lhe as suas oportunidades profissionais, mas não importava se o comparasse com a maravilha de estar grávida, como descobrira com Polly e Rashad. Adoraria arranjar espaço na sua vida para o filho. Os seus objetivos tinham mudado ao ouvir a notícia.

– Dizer que faríamos tudo o que pudéssemos se acontecesse isto não foi a forma mais animadora ou sensível – reconheceu Gio. – Agora, quero celebrá-lo, mas não só não podes beber, como te desaconselharam o café.

Mais uma vez, a capacidade que Gio tinha para a surpreender fazia com que o amasse ainda mais. Na verdade, amar Gio parecia gravado nos seus genes como algo ineludível. Naturalmente, amava-o e não sabia quando acontecera. Sorriu de felicidade ao ver que era tão flexível e estava tão contente por receber o filho imprevisto.

– Beberei descafeinado.

Gio fez uma careta de tristeza porque, como bom italiano, adorava o café puro.

– Também há outras formas de celebrar... – acrescentou Ellie.

Baixou o olhar para disfarçar que o observava com atenção e percebeu que nunca se cansaria de o observar. Gio, com aquele cabelo preto com reflexos quase azulados, que resplandecia à luz do sol, e os olhos escuros e dourados que a observavam com intensidade, estava sentado com uma elegância indolente, com a camisa a ajustar-se ao seu peito amplo e as calças tensas devido às suas poderosas coxas. Sentiu a boca seca.

– Coma o gelado, senhora Benedetti. Adoro as suas curvas.

– Alegro-me por as minhas curvas irem aumentar...

– Estou impaciente, *princesa* – interrompeu ele, com um sorriso devastador. – Quanto à celebração...

– Podes levar-me a dar um passeio de gôndola – propôs Ellie, com entusiasmo.

– Isso é... impróprio – replicou Gio. – É algo de turistas...

– Por favor...

Entraram na gôndola e percorreram o Grande Canal. Gio cederia e ela estava comovida. Sentiu-se muito mais confortável quando, depois, foram a uma joalharia muito exclusiva e lhe comprou um pendente com uma esmeralda para celebrar a ocasião. Almoçaram ao voltar para casa e ela não pôde conter um bocejo.

– Devias deitar-te um pouco.

– Só se te deitares comigo – murmurou Ellie.

Gio, perturbado, observou-a como se não conseguisse acreditar no convite, mas pegou nela ao colo e beijou-a com toda a intensidade da sua paixão abrasadora. Depois, deitou-a na cama e despiu-a como se estivesse a desembulhar um presente muito delicado enquanto admirava e estimulava tudo o que revelava. Ela retorceu-se à plena luz do sol veneziano, levada pela paixão e completamente desinibida. Então, ele agarrou-a por trás e penetrou-a com um gemido de satisfação e um ritmo desenfreado. Ellie, com o coração acelerado e sem conseguir respirar, rebentou de prazer e ficou inerte com Gio em cima, que se deitou ao seu lado para a libertar do seu peso e estendeu os braços para a abraçar.

– Achava que não davas abraços – comentou ela.

Gio passou-lhe uma mão pela barriga, ainda plana.

– Estou a abraçar o meu filho.

Ellie riu-se ao sentir-se incrivelmente relaxada e tocou distraidamente na esmeralda que ainda tinha ao pescoço.

– Agora, podes falar-me do teu tio – pediu Gio, como se estivesse a fazer-lhe um favor.

– O Jim Dixon? O irmão da minha mãe? Supus que era o familiar de que falaste. Segundo vejo, continua a contar a história triste de como o roubei.

– Não te surpreende?

– O Jim difamou-me sempre que pôde e recusava-se a ouvir, independentemente do que dissesse. Não quer saber a verdade. Dava-se mal com a minha mãe e não gostava da Polly e de mim, mas a minha avó estava com problemas económicos quando aceitou encarregar-se de nós. A nossa mãe deu-lhe muito dinheiro para cuidar de nós e lembro-me de que era vantajoso para os dois nesse sentido. Infelizmente, o meu tio sempre

odiou que estivéssemos lá.

– Fala-me do alfinete! – quase ordenou Gio, com a sua impaciência típica.

– Ah! O famoso alfinete de diamantes, a relíquia familiar durante algumas gerações e o único objeto de valor que os Dixon tiveram. A minha avó mandou-me uma carta quando comecei a estudar medicina e dizia-me que queria que ficasse com o alfinete porque estava muito orgulhosa de mim por ser médica. Deu-mo no primeiro fim de semana em que fui a casa depois daquilo. Não contei à Polly, não conseguia suportar que...

Gio endireitou-se e observou-a com os olhos semicerrados.

– Porquê? Achava que a Polly e tu eram muito unidas.

– Pensa um pouco, Gio! A Polly era a mais velha e o alfinete devia ter sido para ela. A Polly renunciou a estudar arte para conseguir um emprego e contribuir com dinheiro. Além disso, foi ela que cuidou da avó quando teve demência senil. Ela merecia o alfinete, não eu. Estava estupefacta por o receber, porque a nossa avó não era uma mulher carinhosa. Não nos maltratava nem nos descuidava, mas também não nos amava. A Polly teria ficado magoada por ter recebido o alfinete e decidir vendê-lo, distribuir o dinheiro e inventar uma história para lhe explicar de onde o tirara.

– Mulheres... Porque complicam sempre as coisas? Um homem teria dito a verdade. Tu não tinhas a culpa de a tua avó ter decidido dar-to.

Ellie revirou os olhos.

– Porém, quando tentei vender o alfinete, descobri que não eram diamantes reais, o que fez muito mais sentido para mim. Quero dizer, porque é que uma família pobre haveria de guardar um alfinete de diamantes tão valioso durante tantos anos? Valia tão pouco que nem sequer me incomodei em vendê-lo, mas ainda não contei à Polly – reconheceu Ellie, com remorso.

– Onde é que o teu tio entre em tudo isto?

– A nossa avó deixou o que havia na casa ao filho quando morreu e, naturalmente, ele presumiu que o alfinete estaria lá. Quando lhe contei que ela mo dera há alguns anos, acusou-me de ser ladra. Enquanto a Polly pedia a certidão de óbito e organizava o enterro, eu discutia com o Jim. Disse-lhe que o alfinete era apenas uma bijuteria, mas ele não acreditou. Foi-se embora, muito zangado, e não nos falou durante o enterro. Algumas semanas depois, foi à polícia, que apareceu na universidade para falar comigo. Mostrei-lhes a carta e ficaram satisfeitos.

– Mas o teu tio não.

– Não. Certamente, irá para a sepultura convencido de que lhe tirei uma herança muito valiosa. Tentei resolver tudo com ele, mas não me ouvia e deixei de me preocupar. Estava farta desse assunto tão ridículo.

Gio passou-lhe um dedo pelas olheiras.

– Pareces cansada, *principessa*. Faz a sesta.

Ellie, incomodada, pensou que lhe devia um pedido de desculpas por ter pensado que era uma caçadora de fortunas, mas não era perfeito. Era demasiado poderoso para ser fácil reconhecer que se enganara. Contudo, tinha um gosto maravilhoso para as esmeraldas, suportara um passeio de gôndola por ela, estava a aprender a dar abraços e estava feliz por ter um bebé, pensou, enquanto continha outro bocejo.

Gio observou Ellie a dormir e suspirou. Teria percebido o seu momento de pânico quando tinham confirmado a gravidez? Gelara-lhe o sangue. Questionou-se como podia ser um bom pai quando os seus próprios pais tinham estado mais perto da escória da humanidade. Não sabia o que havia nos seus genes nem podia sabê-lo, mas essas coisas eram importantes para Ellie. Fora por isso que não falara da lixeira, por orgulho? Sempre tentara convencer-se de que não importava de onde saíra, que o que importava realmente era onde chegara.

Onde chegara? Estava casado com uma mulher que tratara muito mal. Os seus pecados tinham voltado a despertar, tinham-no encontrado e perseguiam-no. Tinha de se reinventar como fizera quando era criança, como quando fracassara como empresário e como quando fora estudante e acabara por triunfar. Podia mudar e adaptar-se à sua vida nova. Seria o marido perfeito. Isso era o que Ellie merecia e ele devia-lho. Ellie, durante toda a sua vida, só pudera apoiar-se em Polly, mas, naquele momento, tinha-o. Afastou-lhe um caracol da testa com muito cuidado para não acordar e interrogou-se se não seria um pouco cedo para ir a uma loja de brinquedos. Certamente, seria tão impróprio como o passeio de gôndola, mas não estava a reinventar-se?

– Como achas que está o meu italiano? – perguntou Ellie, nessa língua.

– Estás a aprender depressa e o sotaque é bom – declarou Beppe. – Parece que o Gio é um professor melhor e mais paciente do que imaginava.

– Foi muito paciente, mas só falamos algumas horas por dia em italiano. É cansativo. Porém, tenho boa memória. Adorava aprender línguas, para

além de matemática e ciências.

– Quando virão para casa? – perguntou Beppe. – Sinto a vossa falta.

– Amanhã, iremos jantar.

Ellie desligou a chamada porque Polly já lhe mandara duas mensagens a pedir-lhe para lhe ligar.

– O que se passou? – perguntou a irmã, com preocupação.

– Tens de abrir o envelope da Gemma – declarou Polly.

Depois, contou-lhe o motivo e Ellie desligou o telefone com um ar de preocupação.

– O que se passa? – perguntou Gio, levantando a cabeça do computador portátil.

– É essa irmã mais nova que tentámos encontrar. Estávamos desencaminhadas desde o começo. Como não sabíamos quem eram os nossos pais, supusemos que se passava o mesmo com a Gemma. Porém, ela viu a certidão de nascimento quando tinha dezoito anos e, certamente, tem o nome do pai. Ao fim e ao cabo, ele vivia em Londres com a nossa mãe quando a conceberam. O investigador só conseguiu descobrir que o pai é grego e acha que não podemos segui-la porque ela pode estar na Grécia.

– Faz sentido. Para de complicar as coisas e abre o envelope. Só contém um anel e um nome, não é algo mais importante.

– Parece-me mal.

Ellie foi buscar o envelope, que guardava na mala, e voltou para a sala. Abriu o envelope, tirou um anel com um rubi e leu o nome.

– Kreon Thiarkis.

– Parece-me que ouvi esse apelido. Vou procurá-lo. Manda o nome à Polly para que possa dá-lo ao investigador.

A ordem foi desnecessária porque era o que estava a fazer.

– Para de ser tão mandão – avisou Ellie.

– Ouviste-te a falar com o Beppe? Insistes que coma mais legumes e beba menos vinho. Queres que passeie mais quando é um homem preguiçoso. Um pouco de excesso de peso não vai matá-lo a estas alturas da vida. Dás-lhe o sermão da vida saudável cada vez que falas com ele.

– Abusei? – perguntou ela, com uma careta de aborrecimento.

– Não. O Beppe adora que o chateiem, nunca o tinham feito. Além disso, se te servir de consolo, dás-lhe muito bons conselhos, mas tem os costumes muito enraizados.

Serviram-lhes o chá no jardimzinho e Ellie sentou-se a observar o

trânsito variado do canal enquanto comia um pedaço de bolo de arandos e *limoncello*. Estava a pensar em como era feliz e que lhe parecia completamente incrível que só estivesse casada há quatro semanas.

Tomara decisões muito importantes durante aquelas quatro semanas. Ter encontrado Beppe, ter-se casado e ter sabido que estava grávida tinham-na obrigado a reformular seriamente o futuro. Deixara o trabalho que lhe tinham atribuído em Londres e estava oficialmente desempregada. Porém, estava a aprender italiano e, com a ajuda de Gio, já reunira os documentos de que precisava para se inscrever como médica em Itália. A sua profissão não ia ficar num segundo plano, só ia diminuir a velocidade durante uns meses. Evidentemente, as suas prioridades tinham mudado.

Não queria sair de Itália quando encontrara o pai e, com Polly casada com Rashad e a viver em Dharia, não tinha nenhuma família que a esperasse em Londres. Também queria ter tempo para conhecer Beppe. Além disso, adorava Itália e não via nenhum motivo para exigir a Gio que vivessem no Reino Unido, quando era perfeitamente possível trabalhar em Itália. Essa decisão tirara-lhe o *stress* e o medo do futuro que a embargavam.

Além disso, era feliz com Gio, embora fosse um desses viciados no trabalho e não largasse o *tablet*, mesmo que estivesse a beber o chá ao sol da tarde. Mesmo assim, tinham conseguido passar uma lua de mel maravilhosa em Veneza. Ela conhecera a cidade e ele guiara-a. Só se queixara algumas vezes quando ela o arrastara para algum edifício antigo. Tinha passeado de mão dada fora do circuito turístico e tinham comido maravilhosamente em pequenos restaurantes que só os autóctones conheciam.

Muitas manhãs, acordou depois do meio-dia. Ele era insaciável... ou talvez fosse ela, pensou Ellie, mas, pelo menos, pareciam bem providos nesse terreno. Pela primeira vez na sua vida, estava a descobrir o que era poder perder tempo, ser indolente e ler algo que não fosse um livro de texto ou o relatório de uma investigação.

Além disso, Gio encorajara-a e apoiara-a em cada passo desse renascer. Fazia com que fosse feliz, simples e, certamente, era por isso que o amava. Embora continuassem a discutir. Depois de lhe contar a história do alfinete da avó, Gio oferecera-lhe um alfinete em forma de estrela e com tantos diamantes que poderia afundar o Titanic. Tentou repreendê-lo por gastar um dinheirão em joias quando não as usava, mas ele disse-lhe que as merecia. Os homens das cavernas saíam para caçar e levavam a presa para

a gruta para alimentar a mulher. Gio convidava os melhores ourives para sua casa para lhe mostrarem um sortido de joias que valiam uma fortuna. Além disso, se ela se recusasse, ele ficava magoado, e ela não conseguia suportar ver essa dor.

Se fizesse qualquer comentário relativo às caçadoras de fortunas, ele ficava gelado e mudava de assunto. Não, não se desculpara, mas ela sabia que todas aquelas joias eram a forma que Gio tinha de lhe dizer que já não tinha esse receio tão ofensivo. Só não falava do tempo que passara no orfanato e de conhecer a mãe quando já era adulto.

Ellie acordou assim que ouviu o telefone, sentou-se e viu que Gio andava de um lado para o outro, nu. Falava em italiano, mas falava demasiado depressa para conseguir entender. Dava ordens ao seu interlocutor e parecia alterado. Umas rugas atravessavam-lhe a cara e tinha os dentes cerrados. Ela, preocupada, respirou fundo e preparou-se para algum tipo de problema.

Gio fez outra chamada e observou-a sem disfarçar a angústia.

– Temos de voltar para casa. O Beppe está no hospital. Sofreu um ataque de coração enquanto estava a jantar com um amigo. Atenderam-no imediatamente. Isso é bom, não é?

Ellie tentou dominar os sentimentos que a rasgavam por dentro devido à mera ideia de perder o pai que acabara de encontrar.

– Sim, melhorará muito as possibilidades de recuperar – afirmou, sem conseguir mostrar-se mais otimista.

Capítulo 10

– Parvoíces – repetiu Beppe, quando Ellie lhe deu a mão. – Não era preciso voltarem mais cedo.

Embora soubesse bem como era uma unidade de cuidados intensivos, aquela era uma experiência em primeira mão sobre como era assustador ver um ente querido numa cama com protetores metálicos. Além disso, Beppe parecia muito pequeno e encolhido. Respirou fundo para recuperar, pois não queria preocupar mais o pai.

Tinham feito uma angioplastia de urgência a Beppe para lhe desbloquear uma artéria e o diagnóstico era bom se seguisse as indicações para a recuperação. Porém, o pai assustara-se muito, pois nunca estivera internado num hospital e desfrutara de uma saúde excelente.

No entanto, ela sabia que Gio se assustara ainda mais. Não falara durante o voo que os levara a Florença e ficara absorto nos seus pensamentos. Tentara parecer forte e otimista quando chegara aos pés da cama de Beppe, mas ela percebera que fingia. Gio não parava de fechar e abrir uma mão, o que denunciava a tensão que não conseguia disfarçar. Pela primeira vez, e reprovou-se por ser a primeira vez, reconhecia que Gio amava tanto Beppe como ela, se não mais, porque fazia parte da sua vida desde que era uma criança.

– Quero viver para ver um neto – comentou Beppe, em voz baixa. – Nunca tive uma família e quero-a agora.

– Vais tê-la – garantiu Ellie, para o tranquilizar.

– É possível que seja mais cedo do que imaginas – acrescentou Gio.

Ellie viu que estava disposto a contar-lhe que estava grávida se, assim, conseguisse animar o homem.

– Com um pouco de sorte, depressa teremos uma notícia nesse sentido – interveio Ellie, para sossegar Gio.

Uma enfermeira ajustou as máquinas que rodeavam Beppe e outra enfermeira, mais veterana e com um porta-papéis, corrigiu-a da porta.

– Franca... – murmurou Beppe, com um sorriso leve. – Questionava-me quando me visitarias.

Ellie viu que Gio ficava gelado de incredulidade antes de se virar lentamente. O cérebro dela, cansado devido ao *stress* e à noite em branco, também se recusava a funcionar. A enfermeira era a ex de Gio ou outra Franca completamente diferente? Podia ser a mulher com quem Gio tencionara casar-se? A mesma mulher que fugira com Jax, o sócio de Gio, quando a empresa imobiliária fracassara? Teria dado dez anos da sua vida para estar sentada no sítio adequado para ver a cara de Gio e a sua reação.

– Franca...

Cumprimentou-a ao fim de um bom bocado e falou com calma enquanto se aproximava para sair para o corredor e conversar calmamente com ela. Era uma morena baixa e frágil com os olhos pretos e muito bonita que, naquele momento, o observava quase com devoção.

Beppe apertou-lhe os dedos para chamar a sua atenção e observou-a.

– Trabalha aqui há anos – sussurrou ele. – Eu sabia, mas não tinha dito nada. O Gio não sabia.

– São bons amigos – comentou ela, com toda a desenvoltura que pôde, para não alterar o pai.

– Linda menina. – Beppe deu-lhe umas palmadas na mão. – Uma rapariga muito sensata.

Ellie viu que ele fechava os olhos e respirou fundo, embora quase se enjoasse quando o oxigénio chegou aos pulmões. Voltou a olhar para Gio e Franca e viu que um médico se juntava a eles. Quis participar na conversa médica que, evidentemente, estavam a ter no corredor, mas cambaleou ao endireitar-se e ficou tudo escuro. A última coisa em que pensou foi em como podia ser tão estúpida.

Gio agarrou Ellie tão depressa que quase derrubou a cama de Beppe ao precipitar-se para a esposa.

– Está grávida – anunciou.

O remorso apoderou-se de Gio enquanto levava Ellie para a limusina que os esperava lá fora. Tirara-a da cama a meio da noite e não comia há horas. Isso, misturado com o *stress* devido ao estado de Beppe, fora excessivo para uma mulher grávida. Porque não prestara mais atenção às necessidades de Ellie? Como Franca explicara, o mais provável era que Ellie tivesse sofrido uma quebra de tensão e de açúcar.

– O que estás a fazer? – perguntou Ellie, sem forças, enquanto tentava sentar-se no carro. – Não quero sair do hospital...

– O Beppe está a dormir. Por enquanto, a crise remeteu e não tens de ficar ao seu lado. Neste momento, tens de comer e descansar. – Gio pôs-lhe dois dedos nos lábios quando ela ia responder. – Não, não te incomodes em recordar-me que és médica, quando nem sequer te lembras de cuidar de ti própria.

Ela ficou vermelha de raiva. A crítica magoou-a ainda mais porque era justificada, mas não houvera comida no avião privado, pois não tinham tido tempo de o abastecer. Por isso, não pudera comer durante o voo e tinha estado na UCI desde a sua chegada.

– O Beppe não me viu a desmaiar, pois não?

– Não, estava a dormir.

– O que é que o médico te disse?

– Que está a recuperar, mas que tem de fazer as mudanças que mencionaste. Agora, sinto-me culpado. Devia ter tentado falar com ele.

– É a vida dele e ele toma as decisões – comentou ela, com cansaço. – Acho que será pragmático, sobretudo, quando perceber que se aproxima a seguinte geração. Embora não entenda como não adivinhou depois do que disseste.

– Meu Deus... – resmungou Gio, com impaciência. – Estamos a falar de um homem que teve uma relação adúltera com a tua mãe. O Beppe não era perfeito. Porque haveria de esperar que nós fôssemos?

Ellie soprou, pois continuava sem querer parecer a mulher que acabara num sofá com Gio poucos dias depois de chegar a Itália. Nem sequer na cama, recordou-lhe uma vozinha sombria. Gio fizera com que fosse insensata, mas também a fazia feliz... Isso quando não estava a aborrecê-la ou a preocupá-la.

– Então, essa era a mesma Franca com quem ias casar-te?

Foi direta à jugular, pois não estava de humor para procurar uma forma mais subtil de perguntar. Gio encolheu os ombros.

– Foi uma surpresa, mas acho que o Beppe já sabia e não me contou.

– Não sabia que trabalhava em medicina.

– Porque haverias de saber? Não era importante.

Ellie franziu os lábios. Era possível que não fosse importante para ele, mas era possível que a profissão de Franca e a forma como a tratara, explicassem um pouco porque Gio não considerava que o pessoal médico fosse «atento» e porque a recebera com tanto receio.

– O que sentiste ao vê-la outra vez?

Ellie sabia que estava a ser indiscreta, mas não pôde conter a pergunta.

A verdade era que a única coisa que queria saber era a resposta àquela pergunta.

Gio observou-a com incredulidade.

– Não vou responder, é uma pergunta absurda.

Ellie assentiu e cerrou os dentes. Gio pensou que Beppe não teria podido ter uma aventura se se tivesse casado com alguém como a filha. Ellie não deixava escapar nada, analisava e tinha de falar de tudo imediatamente. Algumas vezes, isso incomodava-o, porque o seu cérebro não funcionava como o dela. Porque haveria de querer falar de Franca? Essa relação existira, mas parecia-lhe que fora há um século. As mulheres gostavam de falar dos sentimentos, mas ele não sentia essa necessidade. Guardava essas tolices para si. Porque é que Ellie se empenhava em pedir coisas que não podia dar-lhe? Demonstrava-lhe que não estava à altura do que ela esperava.

Cerrou os dentes e meditou sobre outro defeito da sua maneira de ser. Não sabia falar dos sentimentos, não sabia por onde começar e, muito menos, como acabar. Tivera muitos sentimentos quando era criança, mas aprendera que sufocá-los porque era mais prudente e seguro. Era pragmático e sempre fora. Não tinha sentido desejar o que não podia ter, mas tinha menos sentido desperdiçar energias a lamentar-se pelos infortúnios. Seguiu fielmente esse princípio durante trinta anos. Então, o que sentira ao ver Franca inesperadamente? Surpresa e curiosidade, uns sentimentos que não tinham nada de mal, pois não?

– Deita-te enquanto te faço alguma coisa para comer, o que queres?

– Sabes cozinhar? – perguntou Ellie, espantada.

– Magistralmente – afirmou Gio, com orgulho.

– Podes fazer-me uma omeleta? As omeletas são complicadas, não são?

– perguntou Ellie, no tom de uma mulher que vivia à base de saladas e comida pré-cozinhada.

– Não são muito complicadas – respondeu Gio.

Acompanhou Ellie até ao quarto principal e trouxeram a bagagem. Ela observou o que a rodeava com um interesse lento. Os tecidos e os móveis de carvalho davam-lhe um ar tradicional e de um luxo quase feminino que a perturbou porque era exatamente o contrário do que esperara de um mulherengo empedernido. Se estivesse menos cansada, poderia ter reparado que Gio também observava o quarto como se não o conhecesse. Efetivamente, contratara uma decoradora para decorar a sua guarida masculina enquanto estavam em Veneza. Era tudo novo e Ellie deu-lhe a

sua aprovação, embora não soubesse que ele tomara nota das suas cores favoritas e do estilo de móveis de que gostava. Não gostava do contemporâneo do chamativo e a decoração anterior podia ter entrado nas duas categorias. Também teria corrido o risco de Ellie, sem querer, pensar nas outras mulheres que tinham passado por sua casa e pela sua cama. Porém, estava convencido de que tinha de se comportar como se o passado não existisse para Ellie estar contente. Entendia que fosse apaixonadamente possessiva e, na verdade, isso emocionava-o, mas não queria que o seu passado libidinoso se interpusesse entre eles.

Isso incluía Franca. Se falasse de Franca, poderia cometer um erro e dizer algo que não queria dizer. Por isso, era preferível não dizer nada sobre Franca. Convencido de que todo o assunto de Franca estava enterrado, desceu para fazer uma omeleta digna de um cozinheiro profissional, pois aproveitava sempre a oportunidade de impressionar Ellie e acabava de se aperceber de que ela não sabia cozinhar.

Ellie, como se a tivessem arrancado do mundo real como um *zombie*, tirou o *nécessaire* da mala e foi à casa de banho. Tomou um duche rápido, mas também se apercebeu de que deixara a escova de dentes em Veneza e rebuscou pelas gavetas. Encontrou várias escovas de dentes novas, uma caixa enorme de preservativos, diferentes batons e estojos de maquilhagem e dois brincos desemparelhados. Evidentemente, eram coisas de visitantes anteriores. Deitaria tudo fora no seguinte, mas, naquele momento, estava a recordar-se de que Gio era o seu marido, que, efetivamente, tivera um passado com outras mulheres, mas que isso não tinha nada a ver com ela e que, certamente, não tinha de se preocupar.

Gio trouxe-lhe uma omeleta dourada e perfeita e ela ficou tão impressionada como se fosse um cientista astrofísico. O cansaço voltou a apropriar-se dela e deitou-se na cama acolhedora sem perceber que Gio também tomara duche e se deitava ao seu lado.

No dia seguinte, quando acordou, já passava do meio-dia e estava sozinha. Espantou-a que tivesse dormido tanto e queria ir ao hospital o mais depressa possível. Quando desceu, apareceu a governanta, apresentou-se como Sofia e levou-lhe o almoço ao terraço. Como não tinha meio de transporte, foi à garagem enorme e encontrou um mostruário de carros. O Gio gostava de carros desportivos. Sofia mostrou-lhe onde estavam as chaves e ela escolheu um carro vermelho como um carro de bombeiros.

Percorrer a estrada que levava à estrada principal foi uma odisseia,

porque nunca conduzira um carro tão potente, mas acabou por chegar ao hospital e foi diretamente à UCI. Porém, já tinham mudado Beppe para um quarto, um sinal de que estava a melhorar, e cumprimentou-o com um sorriso quando o encontrou sentado na cama e capaz de falar melhor do que da última vez.

– O Gio foi beber um café – explicou ele. – Desencontraram-se.

Beppe começou a decair em meia hora. Ela propôs que fizesse uma sesta e recordou-lhe que estava a recuperar de uma operação e que demoraria alguns dias a recuperar a força. Depois, foi ao café para procurar Gio, mas estava cheio e decidiu comprar uma chávena de chocolate quente enquanto olhava para as mesas cheias de gente.

Quando o encontrou finalmente, começou a dirigir-se para lá, mas parou ao ver que não estava sozinho, estava sentado com Franca. Não quis interrompê-los, porque também não queria que ele a considerasse ciumenta, e sentou-se numa mesa tapada por uma planta artificial bastante alta. Esperou que a acompanhante de Gio se fosse embora. Quase não tocou no chocolate quente enquanto os observava. Pareciam muito mais amigáveis do que poderia ter-se esperado, dadas as circunstâncias, e estavam à frente um do outro e inclinados enquanto falavam com certa veemência.

Pensou que Gio, ao não tratar Franca como uma inimiga, estava a comportar-se como um adulto. Era mal-intencionado da sua parte pensar que Franca o observava com mais ardor do que a situação exigia. Até se aperceber de que estavam a ter uma conversa bastante emotiva. Isso incomodava-a, mas os indícios eram inequívocos. A certa altura, Franca segurou a mão de Gio e limpou as lágrimas. Gio não retirou a mão. Na verdade, não via as barreiras que qualquer um teria esperado ver entre dois amantes que tinham acabado mal.

Pensou, com desespero, que tinha de parar de ser tão ciumenta. Evidentemente, Franca e Gio estavam a conversar e tinham percebido que, no fundo, continuavam a ser amigos. Porém, o que a incomodava realmente era que Gio estava a ter o tipo de conversa sentimental com a ex-namorada que se recusava a ter com a esposa. Desde quando conversava com Franca? Durante todo o tempo que estivera com Beppe... e continuava ali com ela?

Bebeu o chocolate quente e decidiu não continuar a observá-los, pois estava à beira da paranoia. Apaixonara-se disparatamente por Gio, casara-se com ele e transformara-se numa obcecada. Desejava-o a todas as

horas do dia. Era aterrador e angustiante, tinha de dominar o seu desejo, os seus receios e a sua insegurança. Decidiu que olharia pela última vez e voltaria para ver como estava Beppe.

Efetivamente, olhou outra vez e viu que Gio segurava a mão de Franca por cima da mesa com um gesto tão comovedor que foi como uma punhalada no coração. Ela pôs a outra mão por cima da de Gio e esboçou um sorriso trémulo e cheio de carinho e admiração. Conseguiu desviar o olhar, levantou-se e foi-se embora do café para esperar pelo elevador.

Bom, Gio tinha alguma relação com a ex, mas não tinha de ser sexual ou sentimental. A quem queria enganar? Vira uma mulher que chorava, que sorria e que entrelaçava as mãos com o marido dela. O que podia pensar? Amara tanto essa mulher que pensara em casar-se com ela, mas não quisera casar-se com ela nem a amara, pois não? Naquele momento, estava preso num casamento com uma mulher que não amava e que estava grávida.

Ardiam-lhe os olhos. Nunca chorava, mas, naquele momento, tinha uma vontade horrível de soluçar e custava-lhe muito conter todos os sentimentos que se acumulavam. Gio era muito veemente em tudo o que fazia, mas, a não ser que perdesse a cabeça, não deixava que os sentimentos o embargassem, pelo menos, à frente dela. O que a magoara realmente fora ver que demonstrava abertamente os seus sentimentos com Franca, que participara numa espécie de troca de sentimentos que lhe negava. Do que teriam estado a falar? Teriam descoberto que ainda sentiam alguma coisa um pelo outro?

Franca devia ter sido o primeiro amor de Gio e era muito difícil livrar-se dos primeiros amores, com todas as lembranças que os acompanhavam. Respirou fundo para se acalmar e foi ver como estava Beppe. Estava a dormir profundamente e, segundo a enfermeira, o mais provável era que estivesse assim durante muito tempo. Não precisava de ficar no hospital, sobretudo, quando queria evitar Gio, que não lhe contaria nada sobre o seu encontro com Franca. Se o incomodasse, pensaria que era uma ciumenta chata, e teria razão.

Tentou acalmar-se enquanto se afastava de carro do hospital. Há apenas algumas horas, estava feliz e Beppe parecia estar a melhorar. Estava a fazer uma tempestade num copo de água. Não diria nem faria nada, esperaria para ver o que se passava.

Porém, por dentro, sentia-se como se estivessem a rasgar-lhe o coração. Não parava de ver Gio a dar a mão a Franca e Franca a observá-lo com

entusiasmo. O que vira entre eles fora amor? Porque não haveria de ser? Porque não amaria Franca? A doença de Beppe levava Gio a um estado muito emocional, embora ele não o reconhecesse, e encontrara o seu antigo amor. Teriam percebido que ainda sentiam algo um pelo outro?

Além disso, efetivamente, achara que Gio era feliz em Veneza com ela, mas era possível que Gio só estivesse a tirar o máximo partido das coisas, o máximo partido de uma porcaria. Achava-a sexualmente atraente, mas havia alguma relação entre eles? Era possível que Gio, ao encontrar Franca, tivesse visto a diferença entre amor e sexo. Sentiu um nó no estômago e náuseas.

Então, porque não haveria de dizer nada sobre o que vira, perguntou-lhe uma vizinha com raiva. Como teria reagido Gio se a tivesse visto de mão dada com outro homem? Teria feito uma cena e teria exigido explicações imediatamente. Gio era tão fogo e impulsivo como ela era sensata e precavida. Então, se Gio não aceitaria uma coisa dessas, porque haveria de o fazer?

Cada vez se sentia mais chorosa e alterada enquanto se dirigia para casa. Fizesse o que fizesse, tinha de deixar muito claro que não ia tolerar a mínima sedução. Se não o fizesse, Gio poderia seguir esse caminho. Precisava de limites. Não, precisava de um muro gigantesco para não se afastar de um comportamento aceitável. Por isso, era preferível reagir naquele momento, mesmo que fosse de forma exagerada, para se certificar de que não havia uma segunda vez.

Uma vez em casa, começou a fazer as malas. Mudar-se-ia para a casa de Beppe durante uns dias e Gio perceberia que estava realmente zangada. Porém, era o acertado? O que aconteceria se Gio percebesse que continuava apaixonado por Franca? Sentiu um vazio aterrador porque, se perdesse Gio, era como se perdesse tudo.

Era muito triste. Amava-o, mas isso não significava que tencionasse fazer cenas cada vez que ele fazia alguma coisa de que ela não gostava. O melhor e mais pacífico seria ir-se embora durante alguns dias. Perceberia que aquilo era sério e, além disso, gritar com Gio seria inútil, pois era teimoso como uma mula.

Gio voltava para casa e ainda o surpreendia que tivesse sentido a falta de Ellie no hospital. Estava contente por Beppe estar a recuperar, Ellie estava grávida, esclarecera algumas ideias falsas que tivera e ficara em paz com o mundo. Sentia-se melhor do que nunca. Não era o estado mental indicado para chegar a casa e encontrar uma Sofia alterada a apontar para

o envelope que havia na mesinha enquanto descobria que a esposa fizera as malas e se fora embora.

Abriu o envelope. Era uma carta de Ellie, direta à questão. Só tinha uma frase e dizia que não conseguira demonstrar o compromisso que pedia a um marido. Podia saber-se o que queria dizer? Praguejou. Era como se sentisse descargas elétricas no cérebro. Ellie abandonara-o e mudara-se para o *palazzo* de Beppe. A indignação apropriou-se dele. Fizera um esforço imenso para estar à altura dela e, naquele momento, queria deixá-lo.

Gio reagiu de uma forma que Ellie não previra. Ligou a Rashad e pediu para falar com Polly. Porém, depois de um minuto a falar com a irmã de Ellie, percebeu que estava tão espantada como ele e que não sabia o que podia tê-la enfurecido daquela forma.

– A Ellie não é melodramática nem radical – declarou Polly.

Isso não o tranquilizou, pois dava a entender que ele fizera algo abominável que causara aquela reação tão repentina e imprópria dela.

– Mas eu não fiz nada! – exclamou Gio. – Achas que pode ter as hormonas alteradas por causa da gravidez ou uma coisa dessas?

O pasmo de Polly com a notícia convenceu-o de que ligar a uma cunhada para pedir ajuda podia ser uma atrocidade muito pouco diplomática. Porém, não lhe passara pela cabeça que Ellie não tivesse contado à irmã que estava grávida. Ao fim e ao cabo, Ellie e Polly falavam quase todos os dias. Percebeu que Ellie era muito mais reservada do que imaginara, que era alguém que não contava coisas pessoais a não ser que a obrigassem, como tivera de a obrigar a falar do assunto do alfinete de diamantes e da idosa do hospital para doentes terminais. Guardava as angústias para tentar permanecer forte. Até àquele momento, não percebera como eram parecidos nesse aspeto. Conteve um gemido porque isso só complicava mais a situação. Talvez fosse profundamente infeliz por viver com ele. Como podia saber? Ela não falava muito nem mostrava os seus sentimentos... E ele agradecia. Franca quase o desesperara a falar.

Ao princípio, Ellie, levada pela raiva, pelo medo e pela necessidade de tomar uma posição, esperara que Gio fosse diretamente a casa de Beppe para a enfrentar, mas depois, à medida que chegava a tarde, começou a ter medo de que nem sequer tentasse recuperá-la. Na verdade, era possível que estivesse melhor assim, era possível que tivesse chegado à conclusão de que não queria continuar casado. Para um homem tão rico e impressionante como Gio, estar solteiro tinha de ter mais vantagens do que

estar casado.

O que fizera ao desaparecer daquela forma? Que forma era essa de salvar um casamento?

Amava-o, mesmo que fosse o maior sedutor à face da Terra!

De repente, pela primeira vez na gravidez, sentiu náuseas e, trémula e suada, foi deitar-se. Sabia que o *stress* não era bom e repreendeu-se mais devido à decisão que tomara. Desde quando era melodramática? Além disso, desaparecer e presumir que o homem que deixara ia correr atrás dela para suplicar que voltasse era um suicídio se esse homem não a amasse. Sentiu o ardor das lágrimas. O que a convencera a desafiar Gio dessa forma tão teatral? Fora um ataque de loucura transitório?

Gio entrou no quarto e olhou para a sua esposa. Estava a dormir profundamente, mas conseguia ver que tinha os olhos um pouco vermelhos e que isso indicava que chorara. Deu-lhe confiança. Se a impassível Ellie chorara, era um bom sinal. Sentou-se na beira da cama e sacudiu-a um pouco.

Os olhos verdes resplandecentes abriram-se e fixaram-se nele. Afastou os lábios carnudos, mas voltou a juntá-los enquanto se sentava e abraçava os joelhos.

– O que fazes aqui? – perguntou ela, com frieza.

– Tu estás aqui – respondeu ele.

– Não podes ficar – insistiu Ellie. – É a casa do Beppe.

– Não é. Comprei-a há anos, quando ele já quase não conseguia mantê-la. Pedi-lhe para ficar cá e tomar conta dela. – Gio encolheu os ombros. – Foi um investimento imobiliário.

– És um mentiroso! Fizeste-o porque o amas!

– Também – reconheceu Gio, embora parecesse incomodado. – Podemos esclarecer o que significa essa carta ridícula que me deixaste? Uma frase. Só me dás uma explicação de uma frase?

Ellie ficou rígida. Sentia-se perturbada por Gio não estar a gritar, enfurecido. Não estava a apresentar a batalha que ela desejava inconscientemente e que também receava com toda a sua alma. Levantou-se pelo outro lado da cama.

– Depois de como passaste a manhã, diria que essa carta dizia tudo.

– Depois de como passei... A Franca? Viste-me com a Franca? – bramou Gio, quando finalmente se apercebeu. – Porque não me salvaste?

– Salvar? – repetiu Ellie, sem entender nada.

– Sim. Estava sentado num lugar público enquanto uma mulher chorava

e me contava o tipo de coisas que não quero saber e não podia fugir... Achas que estava a divertir-me? Enlouqueceste?

Ellie começou a perceber que poderia ter-se enganado completamente.

– Não consigo acreditar que fizeste isto por causa da Franca! – exclamou Gio, com incredulidade.

– Estavam de mão dada. Achei que estavas a seduzi-la...

– Tens de aprender o que é seduzir, *principessa*. Em qualquer caso, garanto-te que não estava a seduzi-la. A filha mais velha da Franca morreu há algumas semanas de leucemia e ela acabou de voltar ao trabalho.

– Meu Deus... – sussurrou Ellie. – Pobre mulher, pobrezinha...

– Sim. Nem sequer o Gio, o do coração de pedra, podia levantar-se e deixá-la ali. E isso foi apenas uma parte do coquetel de calamidades dos nove anos anteriores. Disse que precisava de o tirar da consciência, mas fez-me perceber que não merecia o meu sentido de superioridade moral devido ao que aconteceu.

– Sim. – Ela assentiu com a cabeça. – Tens de ter feito alguma coisa para ela se ir embora com o teu sócio. Supus que também terias a tua parte de culpa.

– Não. – Gio olhou para ela com desespero. – Culpei o Jax e a Franca, mas, então, não sabia o que estava a acontecer. A aventura com o Jax durou cinco minutos e ela, no seu ponto mais baixo, acabou sem teto.

Ellie, com mais remorsos do que nunca por se ter enganado, deixou-se cair numa poltrona e suspirou.

– Deve ter sido difícil de ouvir.

– Sim – reconheceu Gio, com um olhar sombrio. – Não lhe desejei nenhum mal, nem sequer então, mas vivíamos juntos e não percebi que estava a viver com uma alcoólica.

Ellie arqueou as sobrancelhas com espanto e Gio fez uma careta de desgosto.

– Isso indica-te quanta atenção prestava à Franca. Então, a única coisa que me interessava era ganhar dinheiro, mas, em certa medida, não era apenas culpa minha. Sentia a necessidade de demonstrar à família da Franca que podia sustentá-la bem. Fizemos tudo o que podiam para nos separar.

Ellie estava sinceramente interessada no que lhe contara e já não estava tão enervada, porque perceberam que os seus maiores receios tinham sido injustificados.

– Porque...?

– Fundamentalmente, por causa das minhas origens – respondeu ele.

– Porque foste criado num orfanato? Isso é injusto!

Gio preparou-se para lhe dizer a verdade e cerrou os dentes.

– Foi mais sórdido. Abandonaram-me quando nasci e nasci viciado em heroína. Deixaram-me numa caixa de cartão numa lixeira e uns empregados encontraram-me. O nome do fabricante que aparecia na caixa era Gio. As freiras batizaram-me com o nome de Jerónimo, por São Jerónimo, mas sempre me chamaram Gio.

Ellie estava tão impressionada que não conseguia falar. Olhou para outro lado para se dominar, mas tinha lágrimas nos olhos. Partia-lhe o coração imaginar Gio entre tanto lixo e como um bebé indefeso.

– Porquê numa lixeira e não noutro lugar mais seguro?

– Perguntei à minha mãe quando a conheci. Disse-me que não queria problemas ou que fizessem perguntas. Não tinha nada a ver com a minha segurança, só tinha a ver com ela. Eu não significava nada para ela. Era viciada e uma prostituta. A família da Franca estava convencida de que eu tinha de ter genes malignos. Há pessoas que pensam assim, Ellie, e foi por isso que sempre mantive as circunstâncias do meu nascimento em segredo. Não é que me envergonhe, mas não quero que tenham pena de mim ou me considerem inferior por essas circunstâncias.

Ellie voltou a olhar para ele e teve uma vontade imensa de o proteger com todo o amor que sentia por ele.

– Amo-te sem me importar com as tuas origens. Amo-te como nunca amei nada nem ninguém. Além disso, gosto do nome Gio. Agora, entendo porque era tão importante para ti que o nosso filho comesse com bom pé... E isso faz com que te ame mais ainda.

Gio estava fascinado. Esperara que Ellie ficasse enojada com o seu nascimento e os seus antepassados e que fingisse que não se importava, mesmo que fosse evidente que mentia. O que não esperara fora que lhe dissesse que o amava sem reparos.

– Não percebes que devias estar orgulhoso do que conseguiste com essas origens tão horríveis? – continuou ela, emocionada. – Fazes com que me sinta incrivelmente orgulhosa de ti.

Gio observou-a com atenção e com um brilho de receio nos olhos.

– Falas... a sério?

Ellie levantou-se com a força que lhe dava a imobilidade e a incerteza dele. Nunca o amara tanto nem o entendera melhor. Atravessou o quarto e abraçou-o com força enquanto pensava que Franca e a família tinham feito

com que se envergonhasse do seu nascimento e das suas origens e ficava chocada por terem sido tão cruéis, involuntariamente, devido a algo que ele não poderia ter evitado.

– É o momento dos abraços?

Gio esperou que ela não percebesse que lhe falhava a voz. Nunca sentira tanto alívio como quando Ellie lhe dissera que o amava sem se importar com nada. Era o amor incondicional que sempre procurara e que nunca encontrara. Já não se sentia sozinho.

– Sim, é o momento dos abraços – confirmou Ellie, rodeando-o com os braços. – Lamento imenso ter interpretado mal o que vi entre ti e a Franca. Enlouqueci. Sabia que ela tinha sido o teu primeiro amor e pensei que talvez...

– Não. – Gio sentiu um calafrio só de pensar nisso. – Está felizmente casada com um radiologista do hospital e tem outros dois filhos, mas sentiu remorsos quando se reabilitou e começou a reconstruir a sua vida. Contou-me que parte da terapia consistia em remediar o que fizera de mal com outras pessoas quando bebia, mas nunca se atreveu a entrar em contacto comigo depois do que me tinha feito.

– Então, quando te encontrou outra vez...

– Brotou tudo de repente. – Gio suspirou. – E tive de o ouvir. Teria sido desumano dizer-lhe que era uma história muito antiga e que já não me importava. Não parava de lhe dizer que ambos tínhamos cometido erros e que, além disso, não tínhamos sido feitos um para o outro, mas ela continuava a falar e a chorar...

– Alegro-me por não vos ter interrompido. Tinhas de a ouvir. Foi muito atencioso da tua parte, pois tenho a certeza de que era incómodo para ti e teria percebido se conseguisse ver a tua cara, mas só conseguia ver a dela. Quando te tornaste tão sensível sem eu me aperceber? – perguntou ela, espantada.

– Certamente, quando me apercebi de que estava apaixonado por ti e decidi que queria ser o marido perfeito.

– Estás...? Mas sou uma esposa muito imperfeita e desconfiada – balbuciou Ellie, com vergonha.

Corou e escondeu a cara no ombro dele. Sentiu o seu cheiro e alívio misturado com espanto. Amava-a? O seu marido apaixonado, excitante e impressionante amava-a? Não a achava demasiado aborrecida ou sensata? Estava em êxtase devido à felicidade.

– O que se passou quando conheceste a tua mãe?

– Apareceu uma notícia no jornal quando me encontraram na lixeira e ela sempre soube onde estava. Procurou-me quando comecei a ganhar dinheiro. Isso era a única coisa que queria, dinheiro. Contou-me imensas mentiras e descobri que, embora se tenha livrado do vício, ganhava a vida a vender drogas a outros. Não quis saber mais nada dela.

– Deve ter sido doloroso.

– As coisas são assim. – Gio encolheu os ombros. – Livrar-se das drogas não a transformou por arte de magia numa mulher boa ou carinhosa. Quanto ao possível pai... Fui um acidente. Certamente, foi um dos clientes. Não tinha ideia.

– Tanto faz – insistiu Ellie. – Não me referia a isso. O que importa é o homem que és agora e que amo-o. Até te amo um pouco mais por teres sido atencioso com a Franca. Deve ter sido cansativo...

Gio levantou-lhe a cara com um dedo no queixo e olhou para ela com os olhos cheios de adoração.

– Nunca poderia haver outra mulher para mim, Ellie. Nunca amei como te amo. Nem sequer sabia que podia amar assim, mas és tudo o que queria de uma mulher... Embora não me apercebesse até te encontrar pela segunda vez.

– Só discutimos – resmungou Ellie.

– E, discutindo contigo, divertia-me como nunca me tinha divertido com nenhuma das minhas aventuras. Além disso, desejava-te com voracidade, não conseguia contê-lo.

Ellie observou-o e deleitou-se com o brilho abrasador dos seus olhos.

– Eu também não conseguia. Sempre tive os pés firmemente na terra, até te conhecer e tudo saltar pelos ares, até eu própria.

– Mas divertimo-nos muito – comentou Gio, com agrado. – Até um ponto que não sabia que podia alcançar-se entre um homem e uma mulher. Antes de ti, tudo era sexo para mim.

– Eu sei. – Ellie corou. – Em Dharia...

– Era um tolo, mas nunca desejara uma mulher como te desejei naquela noite, até tudo ficar destruído por causa das gémeas.

– É possível que ambos precisássemos de mais alguns anos para nos prepararmos para algo mais sério – sugeriu Ellie, num tom conciliador.

– *Dio mio*, amo-te! – exclamou ele, por aquela desculpa que lhe dava e ele não merecia. Abraçou-a com todas as suas forças. – Amo-te realmente e estou impaciente por esse filho, agora que tenho a certeza de que te terei ao meu lado.

– Bom, quando encomendaste esse comboio elétrico gigante em Veneza e me disseste que uma menina podia desfrutar tanto dele como um menino, percebi que o nosso bebé seria bem recebido – reconheceu Ellie, enquanto ele a deitava com delicadeza na cama. – Está na hora da sesta para a Ellie grávida, não é?

– Não, não há descanso para a esposa imperfeita – brincou Gio, enquanto olhava para ela com um sorriso devastador. – O Adriano ficou contente quando aparecemos. Não gosta que a casa esteja vazia porque não tem nada para fazer e, além disso, estava preocupado com o Beppe. Está a fazer o jantar para as sete e é dentro de algumas horas...

Ellie esbugalhou os olhos devido ao que dava a entender.

– Queres dizer que estavas tão seguro de ti próprio quando chegaste aqui que foste diretamente pedir um jantar? – quis saber, sem acreditar.

– Não estava disposto a sair daqui sem ti e, se te recusasses a ir-te embora, tenho uma mala no carro para poder ficar contigo – explicou Gio, sem hesitar. – Quando quero alguma coisa, *principessa*... não paro e não me rendo e acho que lutaria até à morte para te manter na minha vida.

– No fundo, és um romântico – comentou Ellie, com satisfação. – Quando vim para aqui, também estava a lutar por ti...

Gio interrompeu-a em italiano para lhe dizer que abandonar o domicílio conjugal fora algo terrível, mas ela não se desculpou.

– Tentava fazer uma declaração, marcar um limite. É possível que tenha sido um pouco radical, mas estava muito magoada.

– Não preciso de limites, tenho-te em carne e osso. Além disso, não foi apenas radical, foi proibido. Proíbo-te que voltes a afastar-te de mim durante o resto da tua vida!

– A sério?

– Sim. És a minha esposa, o centro da minha vida. Não podes desaparecer, tens de ficar comigo e gritar.

Ellie respirou fundo. Estava comovida com aquela ordem.

– Da próxima vez, gritarei.

– Não haverá uma próxima vez – replicou Gio. – Promete-me...

– Sim, posso prometer isso – sussurrou Ellie, enquanto lhe passava um dedo pelo lábio inferior. – És meu e não voltarei a afastar-me de ti.

– Nem levarás um dos meus desportivos. São demasiado rápidos e potentes para estas estradas quando não estamos habituados.

– Eu gostei...

– Nem pensar! Não quero que te aconteça alguma coisa, *mia bella*.

Antes de ela conseguir dizer que também não queria que ele se magoasse, Gio beijou-a com toda a paixão do alívio, do amor e do desejo que sentia por ela. Estava espantada por ser realmente dele depois de toda a angústia e desconfiança que sofrera. Então, pensou numa coisa e afastou a boca.

– Não te desculpaste por me chamares caçadora de fortunas! – reprovou ela, acaloradamente.

– Claro que não. – Gio abanou lentamente a cabeça como se estranhasse que o reprovasse. – Isso teria sido como reconhecer a minha estupidez ou erro de julgamento e terias tido uma opinião pior de mim. Foi por isso que decidi ignorá-lo, porque estava a tentar conquistar-te.

– Que ridículo. Nada teria conseguido fazer com que tivesse pior opinião de ti.

Ellie voltou a beijá-lo e passaram um bom bocado sem falar ou discutir. A reconciliação estimulou a paixão e despertou a felicidade devido ao amor que tinham encontrado onde menos esperavam.

Epílogo

– Sinto-me insegura – resmungou Polly. – O que fazemos com esta situação?

– Tratamos dos nossos assuntos, por enquanto – declarou Ellie. – Se a irmã que não conhecemos tem um pai malvado e desonesto, não somos nós que vamos dizer-lhe. A Gemma não nos conhece nem confia em nós. Encontrou o pai e o mais provável é que, no mínimo, tenha um conceito muito elevado dele ou, no pior dos casos, o ame a sério porque se portou bem com ela...

– Mas também poderia estar a usá-la para alguma coisa – interrompeu Polly. – Não devíamos dizer-lhe que esteve na prisão por fraude?

– Primeiro, temos de criar uma relação com ela como irmãs – sugeriu Ellie.

Então, teve de atravessar rapidamente o terraço da sua casa italiana para impedir que a filha impetuosa batesse ao príncipe de Dharia, o alto e musculado Hassan de dois anos, por ter passado por cima da cabeça de uma das suas bonecas com o seu trator de brinquedo.

Karim, o seu irmão mais velho e o príncipe herdeiro de Dharia, gritou qualquer coisa em árabe para o irmão mais novo da outra ponta do terraço.

– Está a repreendê-lo – traduziu Polly a Ellie. – Parece-se muito com o Rashad, porta-se muito bem.

– Nunca terei esse problema com a Teresina – sussurrou Ellie. – Está sempre disposta a lutar pelo que quer. É uma batalha constante.

– Bom, é o que acontece quando se misturam duas pessoas tão firmes nas suas opiniões como o Gio e tu – comentou Polly, num tom jocoso. – Está maravilhosa com esse cabelo.

Ellie sorriu para a filha, que já tinha dois anos. Os seus dois pais tinham o cabelo encaracolado, mas ela, milagrosamente, tinha um cabelo moreno e liso até aos ombros e uns olhos verdes um pouco mais claros do que os da mãe. Era baixa e esbelta e aprendera a andar aos nove meses. Era

animada e impetuosa, tinha um bonito caráter e era a maior alegria da sua vida. Nunca imaginara como amaria a filha.

Toda a sua vida mudara durante os três anos que tinham passado e não se arrependia de nada. Falava italiano e conseguira o emprego dos seus sonhos no hospital onde tinham tratado Beppe. Lá, continuava a sua formação como especialista em doenças infantis.

Beppe recuperara muito bem e começara a andar para fazer um pouco de exercício, embora protestasse bastante. Afeiçoara-se muito ao pai e alegrava-se muitíssimo por o ter encontrado quando ainda tinha tempo para o conhecer.

Finalmente, tinham conseguido seguir o rasto da irmã perdida até à Grécia, onde vivia com o pai biológico, que, aparentemente, era um homem completamente desonesto.

Ellie, porém, estava convencida de que tinham de ter cuidado com a irmã desconhecida e ambas as irmãs ainda tinham de decidir qual era a melhor forma de se aproximarem de Gemma sem a afugentar. Ellie era partidária de enviar o anel com uma carta de apresentação das duas e de a convidar a entrar em contacto com elas.

Qualquer um podia adivinhar que isso não serviria de nada, mas, pelo menos, não poderia considerá-lo uma ameaça ou uma intromissão.

Ainda não gostava de ir às compras porque, quando não estava a trabalhar, estava feliz com a família e não queria perder tempo com algo tão banal como ir às compras e arranjar-se. Sempre se vestira para estar confortável e continuava a fazê-lo. Por isso, Polly continuava a comprar a roupa, mas Gio também a comprava e o armário estava prestes a rebentar com a roupa mais exclusiva que só usava nos acontecimentos esporádicos de gala a que Gio assistia.

Quanto às joias, a sua coleção quase podia rivalizar com a da família real de Dharia. Gio voltava sempre de algum sítio com presentes para ela e para Teresina e, em breve, teria de os comprar para uma terceira pessoa. Além disso, finalmente, contara à irmã a história do alfinete de diamantes da avó. Polly limitara-se a rir-se e a tirar importância ao assunto, embora se tivesse preocupado por Ellie ter tido de suportar o rancor do tio quando não tinha motivo.

Ouviu-se um carro que avançava pelo caminho da entrada e Ellie levantou-se com um salto.

– Eu tomo conta das crianças – ofereceu-se Polly. – Vai cumprimentá-lo e alegra-lhe o dia. O Gio é tão romântico...

Rashad saiu do lugar do acompanhante. A amizade que tinham forjado na universidade tornara-se mais profunda quando ambos se tinham casado com umas irmãs que queriam ver-se periodicamente.

Gio sorriu de orelha a orelha quando ela se precipitou sobre ele e o abraçou como se não o visse há uma semana. Ficou um pouco perturbado porque se fora embora de manhã e ela não costumava ser tão efusiva em público.

– Sentiste a minha falta? – sussurrou ele, questionando-se se estava preocupada com alguma coisa.

– Um pouco. Tenho uma notícia – murmurou ela, em voz baixa. – Vamos para cima.

– Trata-se da tua irmã Gemma?

– Não, nada de novo nesse sentido. A Polly continua a querer entrar no avião real, parar à porta da Gemma e irromper na sua vida, mas acho que está a começar a aceitar uma opção mais diplomática.

Rashad, o rei de Dharia, seguiu em frente para ir ter com a esposa e os dois filhos e Ellie agarrou a mão de Gio e praticamente arrastou-o para o quarto.

– Estás a começar a preocupar-me – declarou Gio.

– Estamos grávidos outra vez! – exclamou ela, com um grito de alegria.

Gio pestanejou várias vezes e assentiu lentamente com a cabeça.

– Não sabia que estávamos a tentar...

– Não queria pressionar-te e não te disse, mas não estava a tomar nada – explicou ela.

Gio quase deu uma gargalhada. Pressioná-lo? Nada poderia afastá-lo de Ellie. Adorava-a, mas cerrou os dentes e semicerrou os olhos.

– Teria sido uma simpatia se me tivesses perguntado... Se tivéssemos falado como um casal – replicou ele, inexpressivamente, porque ainda queria rir-se.

A expressão de Ellie mudou por completo, como se a tivesse esbofeteado.

– Não pensei nisso. Sei que adoraste ter a Teresina e quero constituir a minha família enquanto ainda sou jovem e queria que não tivessem muita diferença de idade. – Ellie mordeu o lábio inferior. – Suponho que devesse ter dito alguma coisa...

– Era uma brincadeira – interrompeu Gio, com um sorriso radiante. – Estou muito contente. Quantos mais, melhor...

– A Polly também está grávida. Está desejosa de ter uma filha –

confessou, em voz baixa. – Vou contar-lhe durante o jantar, portanto, não lhe contes a notícia antes de mim, como fizeste da outra vez com aquela chamada telefónica.

Gio rodeou-lhe a cintura com os braços.

– Também é a minha notícia, *principessa*. Estive envolvido...

– Claro que sim, és maravilhosamente fértil.

– Alegro-me por saber que sirvo para alguma coisa.

– Além disso, és impressionante na... execução – sussurrou Ellie, enquanto introduzia as mãos por baixo do casaco para lhe acariciar o peito e as deslizava para lhe acariciar algo mais íntimo.

Gio tirou o casaco e a camisa num tempo recorde.

– Não me queixarei porque não me consultaste sobre o assunto de ampliar a família. Sei que a doutora Ellie estava ao leme e tinha medo de que pudesse sentir medo na cama pela primeira vez na minha vida. Em resumo, estou contente por me usarem e por ser útil.

– Eu sei! – exclamou ela, entre gargalhadas.

Tirou o vestido mais depressa do que ele e olhou com amor e prazer para aquele corpo musculado e bronzeado. A paixão bulia sempre por baixo da superfície do seu casamento e embargava-os com uma intensidade abrasadora.

– Alguma vez te disse quanto te amo?

– Nenhuma vez desde ontem à noite.

Gio observou a esposa com admiração e maravilhou-se por a ter encontrado, por se ter casado com ele, por ter aprendido a amá-lo e por ter ignorado todos os seus defeitos. Amar Ellie proporcionara-lhe uma sorte imensa no terreno da felicidade e nunca dormiria à sombra da bananeira, porque vivera muito tempo sem essa segurança.

– Mas se gostas de ser competitiva, dir-te-ei que não podes amar-me tanto como eu te amo.

Poderá conhecer a história de Gemma no terceiro livro da coleção «Três Irmãs», no próximo mês, intitulado: O DONO DO MEU CORAÇÃO

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsiberica.com